ANO 56.º/19 084 4$00

Diário de Lisboa

QUARTA-FEIRA 23 JUNHO 1976

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos Director-adjunto Fernando Piteira Santos

PINHEIRO DE AZEVEDO INTERNADO NO PORTO COM UM ENFARTE

PORTO, 23 — O almirante Pinheiro de Azevedo encontra-se internado no Hospital de S. João em consequência de um ataque cardíaco sofrido esta manhã, pouco depois de terminada a conferência de Imprensa no Município local.

O Primeiro-Ministro terminara o encontro com os jornalistas visivelmente esgotado. Entretanto recorda-se que já antes do 25 de Abril o almirante Pinheiro de Azevedo sofrera um primeiro acidente cardíaco.

. Terminada a conferência de Imprensa, o almirante Pinheiro de Azevedo encontrava-se visivelmente excitado. Um jornalista do «Comércio do Porto» fizera-lhe uma pergunta que levara o almirante a adverti-lo: «Olhe que eu viro-o!».

O enfarte do miocárdio produziu-se por altura da manifestação de apoio ao almirante, realizada por populares à saída da conferência de Imprensa. O almirante encontrava-se acompanhado pela mulher, que com ele seguiu para o hospital de S. João. Momentos depois, apareceria naquele estabelecimento hospitalar o dr. Cal Brandão, governador civil do distrito do Porto.

. Durante a conferência de Imprensa, dada esta manhã na sala de Imprensa que o M.C.S. instalou na Câmara Municipul do Porto com vista aos trabalhos do próximo acto eleitoral, o almirante Pinheiro de Azevedo afirmou que, se o espírito da Revolução de 25 de Abril se mantém, ele não tem medo e «arruma-os a todos». Mas, acresncentou, «o meu receio é que isto seja uma Revolução de direita e então quem vai parar a caxias ainda sou eu».

Pinheiro de Azevedo respondia a uma pergunta relacionada com o que um jornalista classificou de «ataques ao general Eanes», tendi ainda afirmado que apenas dedica 0,5 por cento da sua campanha a referir-se aquele candidato e que apenas tem pretendido clarificar posições dado que as pessoas o interrogam sobre o seu papel em todo o processo que o País viveu nos últimos dois anos.

A propósito, Pinheiro de Azevedo reafirmou a sua participação directa, com acções concretas e revolucionárias no derrube do antigo regime, ao contrário do general Eanes que en encontrava em Angola «onde não houve acções do 25 de Abril». Não só não houve, acrescentou, como também o general Eanes não apareceu em Lisboa nas horas seguintes a fim de nelas participar.

Mais adinjte, aobre ataques feitos ao processo revolucionário que o País viveu, Pinheiro de Azevedo referiu-se a Ramalho Eanes afirmando: «Até está convencido que ele tem

Continua na pág. 20

Prognóstico reservado

. O primeiro boletim clínico emitido após o internamento de Pinheiro de Azevedo dava conta da gravidade do seu estado, nos seguintes termos:

. «Cerca das 11 e 30, o almirante Pinheiro de Azevedo deu entrada no Serviço de urgência do Hospital Escolar de S. João, inconsciente, com paragem cardio-respiratória.

Após massagens de ressuscitiação cardíaca foi restabelecido o funcionamento cardio-respiratório e fisiológico. Prognóstico reservado, estando em vigilância permanente na Sala de Reanimação do serviço de urgência.

Assinado pelo director clínico Aires Montenegro, chefe da equipa de urgência Jaime da Rocha Reis».

Pinheiro de Azevedo: um acidente cárdio-vascular pode comprometer o prosseguimento da campanha eleitoral

C.R. REUNIDO NO RESTELO

Convocado o ministro da Justiça e o procurador-geral da República

. O ministro da Justiça e o Procurador Geral da República foram convocados para a reunião desta tarde do Conselho da Revolução, que irá discutir com estas duas entidades questões relacionadas com a aplicação da justiça face ao incremento das actividades terroristas e à impunidade em que vivem os seus autores.

No âmbito destas mesmas questões, que seriamente preocupam os conselheiros da Revolução, círculos geralmente bem informados prevêem que sejam feitas exposições ao C.R. sobre o avanço do fascismo por dois comandantes da Região Militar.

Um outro assunto que deverá ser discutido é o caso da apreensão na Madeira, por ordem do brigadeiro Azeredo, de diaporamas preparados pelo Instituto de Tecnologia Educativa, interferindo assim militarmente e de forma arbitrária num sector que, por coincidência é da responsabilidade de um militar e conselheiro da Revolução. Esta ingerência em questões do ensino, e o surto de terrorismo e actividades fascistas que se verificam na Madeira e às quais o brigadeiro Azeredo não pôs até hoje cobro, põem em causa a sua posição no cargo que actualmente ocupa.

Encontro Kissinger-Vorster para tentar evitar o agravamento da situação

. BODENMAIS (ALEMANHA OCIDENTAL), 23 — (R) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, e o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, reúnem-se hoje em Bodenmais, na Alemanha Ocidental, para tentar evitar um agravamento na situação da África Austral.

Autoridades norte-americanas e sul-africanas em Bodenmais classificaram o encontro como histórico.

Será a primeira vez que um dirigente do Governo sul-africano se avista com um alto representante do Governo dos E.U.A. para discutir problemas da África Austral, agravados por recentes distúrbios raciais na África do Sul.

Contudo, ambas as partes advertiram que os dois dias de conversações não produziriam provavelmente resultados espectaculares e que Kissinger e Vorster precisariam de tempo para analisar os pontos de vista um do outro.

Espera-se que as conversações comecem ao princípio da tarde no hotel de Vorster nesta localidade do Sul da Baviera, apenas a alguns quilómetros da fronteira checoslovaca.

Kissinger já criticou vigorosamente a política do «apartheid» da África do Sul, e prometeu a firme oposição de Washington à continuação da administração branca minoritária na Rodésia.

De acordo com autoridades norte-americanas, espera persuadir Vorster, que passou os últimos três dias em Bonn, a dar um passo ou dois para o abandono do «apartheid» e para cessar o apoio ao regime de Salisbury.

As autoridades disseram que Kissinger, que chegou a Bo-

Continua na pág. 20

Sousa e Castro hoje ao "DL"

"AS LIBERDADES CORREM RISCO SE NÃO HOUVER ATAQUE FRONTAL AO TERRORISMO"

Entrevista nas centrais

CONTINUA PARALISADA A REFINARIA DE SINES

(Pág. 9)

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

O DEBATE

Admitimos, com apreensão profunda, que esta campanha eleitoral tenha consequências deseducativas e desmobilizadoras. Outros sonharão com o desgaste ou a explosão de máquinas partidárias, com uma nova distribuição das peças do nosso xadrez político, com o ressurgir do fermento romântico da Revolução ou com a reposição do mito da ordem. Nós, modestamente, gravemente, pensamos na Democracia. Na sua institucionalização efectiva. Na efectiva defesa da Constituição. Na necessidade, que um exame concreto da concreta realidade portuguesa e a avaliação da conjuntura internacional aconselha, de acumular forças para uma nova arrancada.

Mas, não tenhamos ilusões; se é certo que uma Revolução que se detém a meio caminho, é uma Revolução frustrada; certo é, também, que não existem condições objectivas e subjectivas que permitam avançar no vazio: o palco da História não é um espaço aberto à primeira aventura voluntarista. E não basta juntar à luta antifascista a complementar exigência de que seja, igualmente, anticapitalista, para que resultem transformadas as relações de produção e afastada a ameaça fascista. Como vector de interesses económico-sociais, como ideologia política, como recurso reaccionário na luta de classes, o fascismo, potencialmente, permanece. E, também, em acto. Veja-se: a lista das destruições e o sudário das vítimas do terrorismo fascista.

E, depois, temos a considerar que somos uma Nação. Em classes dividida, mas unida por um longo passado que é História (política, económica, cultural). Essa Nação tem que sobreviver porque não está para amanhã a abolição das fronteiras, o fraternal internacionalismo ou o sonho ibérico. E então? Para sobrevivermos como nação de cidadãos e não como rebanho de súbditos, o conceito de «independência nacional» terá que principiar na construção de uma economia próspera. Falamos em termos de produtividade e falamos em termos de repartição da riqueza produzida. Falamos de trabalho e de justiça.

E o «debate»? O «debate» vai dizer-nos que razões uns têm contra os outros. As questões pessoais e histórico-biográficas, as intenções límpas e os bons desejos, vão prevalecer no tempo de palavra e no andamento da discussão, em prejuízo da argumentação lúcida da análise rigorosa, das propostas sérias e claras. O «debate» é um «combate de galos». O «debate» é uma prova desportiva. E dramática.

Sucede que o País carece de um Governo que cultive o rigor da análise das situações e a clareza das definições e das propostas, que seja firme, preserverante, sem perder de vista os valores que no horizonte se perfilam e que a Constituição consagra: Democracia, Socialismo, Independência Nacional.

E nenhum valor carismático poderá substituir a presença do povo, a mobilização do povo, a contribuição decisiva dos trabalhadores. Portugal está exausto de «sebastianismo».

SECRETISMO E DEMOCRACIA

O «segredo militar» e o «segredo de Governo», e, também, o «segredo de aparelho», fazem da vida política portuguesa uma floresta de enganos e de desenganos. O florescimento das organizações e dos conciliábulos, das fraternidades filhas de um longo passado e as alianças recentes, são um clima propício para a nebulosidade, a intriga e a manobra. Os «partidos» penetram em certas «organizações» (civis e militares); certas «organizações» (civis e militares) penetram nos «partidos». Os membros do Governo não falam em público das divisões e embates que no seio do Governo ocorrem; os membros dos «partidos» ocultam o que nos seus «partidos» acontece; as «direcções» guardam segredo para os «militantes», os «iniciados» para os «profanos». E, como todos têm «confidentes, Portugal é um paraíso para espiões e intriguistas manobradores e agentes duplos.

Leiam-se livros recentemente editados, atente-se em declarações espontâneas ou imprevidentes, dê-se o peso relativo ou absoluto a ameaças de revelações de inconfidências, e concluiremos: existem «segredos», existem «fichas», existem «documentos», e cumplicidades, e compromissos. Os «bastidores», os «corredores», os «salões», invadem a realidade política portuguesa.

A Democracia, como processo de institucionalização de uma vida política, precisa de Governo e de vassoura. Há que varrer o secretismo, o manobrismo, o intriguismo.

VARRER E CLARIFICAR

Não repetiremos Junqueiro, nem na sua doce ilusão incorreremos. É friamente — e só com uma relativa esperança — que recomendamos a quem suba a governação do País que se lembre daquele verso de Junqueiro: «Uma alma, uma vassoura, uma carroça...». Claro que Junqueiro não tinha razão quando considerou — era um poeta! — que de nada mais precisaríamos. Mas a clarificação política que urge, passa por uma grande operação de higiene moral, mental, política. É preciso ver claro. Rasguemos as núvens. Varramos a casa e as ruas. Varramos os «corredores» e os «bastidores». Com força, com determinação, com alma. E lancemos no monturo o que não prestar. Outras coisas são precisas, claro está. Mas será indispensável: «uma alma, uma vassoura, uma carroça».

OTELO EM CAMPANHA

Onda de entusiasmo popular na Beira Baixa e Portalegre

. Ligeiros incidentes ao fim da tarde de ontem em Castelo Branco não chegaram a perturbar o dia de campanha de Otelo Saraiva de Carvalho. Foi quase no final do comício realizado naquela cidade, ainda Otelo estava a falar; um reduzido grupo de indivíduos colocados atrás da assistência começou a manifestar-se ruidosamente contra o candidato. Da assistência voltaram-se para um confronto, que a P. S. P. teve de impedir. No uso da palavra, Otelo alertou o povo contra o regresso ao fascismo, fez apelos para a organização dos trabalhadores, invectivou a burguesia derrotada em 25 de Abril, 28 de Setembro e 11 de Março, vencedora no entanto em 25 de Novembro.

Otelo chegara com um relativo atraso a Castelo Branco: demora excessiva num percurso que o fez passar por Alpiarça, Tramagal e Rossio ao sul do Tejo. Terminada a sessão em Castelo Branco, o candidato desceu para o Alto Alentejo detendo-se em várias localidades do percurso, até Portalegre, onde tomou parte num comício até depois da meia-noite. Numerosa afluência de entusiasmo popular ao longo do percurso por onde o candidato passou ou se deteve.

Entretanto em Lisboa, o Pavilhão dos Desportos foi ontem local de encontro para numerosas pessoas que ali acorreram para participarem num comício-festa em apoio da candidatura do major Otelo. Participação em número relativamente menor para a lotação do Pavilhão, talvez por não estar anunciada a presença de Otelo nem de outros nomes mais ou menos conhecidos e ligados à sua candidatura.

INDEPENDÊNCIA NACIONAL

«Um dos problemas mais importantes para o País é a questão da independência nacional» — ouviu-se ontem na RDP no período de propaganda da candidatura de Otelo. «Para Portugal ser um País independente, é preciso que sejam os portugueses a decidir sobre o seu próprio destino. É preciso que contemos com as nossas próprias forças. Ora, isso não acontece actualmente.»

. Diria o locutor: «Portugal não é independente. E não é independente porque continuamos subordinados aos interesses imperialistas, porque faz parte de um bloco militar, a N. A. T. O., e tem de subordinar a sua política aos interesses dos países da N. A. T. O., países capitalistas que não estão interessados numa vitória dos trabalhadores em Portugal. Não é por acaso que ao longo destes dois anos, cada vez que uma crise se agudizava no nosso país, logo sabíamos que estavam a decorrer manobras da N. A. T. O. ao longo da nossa costa. Não é por acaso ainda que há pouco menos de um ano ouvimos Ford e Kissinger pôr a hipótese de Portugal ser posto fora da N. A. T. O. E agora, depois de 25 de Novembro, a N. A. T. O. fornece uma quantidade de material que inclui sete aviões, seis fragatas e outro material de guerra. Por outro lado, prepara-se a criação de uma brigada de dois mil e quinhentos soldados portugueses para reforçar o contingente de tropas da N. A. T. O. Ao fazer isto, o que se pretende é aumentar a dependência política do nosso país. E isto é feito com a cumplicidade do actual poder político-militar português.»

OTELO: BIOGRAFIA

«Filho de um modesto funcionário público e de uma funcionária dos Correios» — assim começa a biografia breve do major Otelo posta a circular pelos serviços de apoio à sua candidatura. O texto biográfico assinala que Otelo nasceu há 39 anos em Lourenço Marques onde frequentou o liceu até vir para Lisboa e para a Academia Militar. Partiu para Angola em 1961, como alferes. Em 63 foi promovido a tenente e em 65 a capitão. De 65 a 67 cumpriu em Angola uma segunda comissão de serviço. De regresso a Lisboa, e durante três anos, foi professor na Escola Central de Sargentos em Águeda. De 70 a 73 fez na Guiné a sua terceira comissão de serviço. «Aí» — assinala o texto — «teria oportunidade de estudar e conhecer a ideologia política dos movimentos de libertação, que muito contribuiu para a sua formação ideológica e humana.» Na Guiné, ainda, «participou nas primeiras reuniões de oficiais antifascistas, as quais podem ser consideradas como o primeiro passo autêntico para o derrube do regime salazar-caetanista». A partir de Setembro de 73, Otelo encontra-se em Lisboa colocado como professor na Academia Militar. Seguem-se elementos já do amplo conhecimento público.

S. PEDRO (ESPINHO)

Da Associação de Moradores de S. Pedro (Espinho), recebemos uma carta reportando-se a uma local aqui publicada no passado dia 7, onde se referia, entre as adesões declaradas a Otelo, a de uma «Comissão de Moradores de Espinho». A Associação pede-nos que informemos os leitores de que não é a entidade referida na notícia: «Esta Associação — diz — «não discutiu sequer o assunto, não tendo de momento tomado qualquer posição sobre a candidatura de Otelo.» E pede-nos que informemos onde é que o «D. L.» obteve a informação ou «quem lha forneceu deturpadamente». A distância a que estamos da data em que a local foi publicada impede-nos de corresponder a este pedido. Quanto ao mais, aqui fica o esclarecimento da Associação de Moradores de S. Pedro, da cidade de Espinho.

EM VIANA

O major Otelo não tem nenhuma deslocação prevista para hoje: cancelada a sua ida a Évora por causa da mesa-redonda hoje ao fim da tarde na Televisão. Entretanto, certo: Otelo estará amanhã em Viana do Castelo, onde está a preparar-se-lhe uma numerosa recepção popular.

Açores: a liberdade da F.L.A.

Alguns membros da comitiva que se deslocou aos Açores com o major Otelo Saraiva de Carvalho, e que ali foram testemunhas de cenas de violência, deram ontem uma conferência de imprensa durante a qual relataram os acontecimentos. Presentes Zeca Afonso, o nosso colega de Redacção Manuel Anta (que foi espancado por elementos da F. L. A.) e ainda José Maria Matias e Alberto de Sousa.

A actuação do major Rosendo, da Polícia Aérea, foi alvo de severas críticas dos presentes, que afirmaram que aquele oficial não tinha, de forma nenhuma, garantido as condições mínimas de segurança, permitindo o hasteamento de uma bandeira da autodenominada Frente de «Libertação» dos Açores na porta de armas da B. A. n.º 4, ao mesmo tempo que contemporizava com a invasão daquelas instalações militares portuguesas por um grupo de cerca de trezentos energúmenos, manipulados pela F. L. A. Foi também revelado o facto de o referido major Rosendo ter jantado, no dia anterior à chegada de Otelo, com um alto dirigente da organização clandestina e separatista dos Açores.

Os membros da comitiva de Otelo denunciaram também o aparato policial que foi mobilizado no dia seguinte perante uma manifestação de trabalhadores açorianos que protestavam contra os incidentes e contra o posterior assalto à casa de um conhecido progressista local, que recebeu um «ultimátum» para abandonar os Açores.

Segundo foi anunciado os membros da Polícia Aérea em serviço nos Açores, em sinal de repúdio pelos acontecimentos e pela actuação do seu comandante entregaram as suas boinas verdes ao major Rosendo e pediram para voltar ao continente e serem integrados no contingente geral.

Manuel Anta, segundo a contar da esquerda, quando fazia o relato dos acontecimentos

Gulbenkian fecha jardins

. A partir de hoje os portões da Fundação Gulbenkian que dão acesso aos jardins estão encerrados ao público, reabrindo no próximo dia 28.

O encerramento deve-se ao facto de ali estar instalado o centro de escrutínio da eleição para a Presidência da República.

Moradores do Porto não tomam posição

PORTO, 23 — O Conselho Revolucionário de Moradores do Porto, em declaração pública, tomou posição sobre as eleições para a Presidência da República declarando não tomar nenhuma posição relativamente a qualquer dos candidatos e que «os GDUPs são grupos de apoio a uma das candidaturas, pelo que as comissões e associações de moradores devem mater-se numa posição: de neutralidade relativamente à acção desses grupos, independentemente da ideia e acção que cada membro da direcção tenha como simples morador».

ARMÁRIOS
ROUPEIROS
ESTANTES
e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, por desenhos e medidas executa o fabricante
REQUINTE
Móveis e Decorações
Av. Almirante Reis, 110 (ao Chile) Telef. 82 28 91

Em ABRANTES o DIARIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca Martins, Lda. Praça Visconde de Abrancalha

post-scriptum

Juiz hostil à causa dos trabalhadores

Li no «Diário de Lisboa» de 16 do corrente, um oportuno artigo de Alfredo José de Sousa intitulado Magistratura Hoje, no qual, muito justamente, se adverte para a necessidade de uma renovação e adaptação da mentalidade dos juízes a uma nova ordem de valores enaltecidos pelo pós-25 de Abril e, pelo menos em parte, consagrados na Constituição da República.

A propósito desse artigo, que aplaudo com ambas as mãos, não quero deixar de dar notícia do que há tempos pude presenciar, numa passagem, como testemunha, pelo Tribunal do Trabalho, em Lisboa.

Ai me foi dado ouvir, com grande espanto a revolta, os termos agressivos e irritados com que o juiz daquele Tribunal se referiu (sem que até viesse muito a propósito...), aos comunistas, ao controlo operário, aos trabalhadores em geral.

No seu entender, se este País não está bem é tudo por causa dos trabalhadores. Fiquei com a impressão nítida de que esse juiz, se pudesse, corria a chicote tudo quanto fosse comissões de trabalhadores, delegados sindicais e coisas no género.

Fiquei pelo menos com a certeza de que, em pleno julgamento e na presença de todos os convocados, não hesitou em propagandear em termos de indignação, a sua clara hostilidade à causa dos trabalhadores.

Ora eu pergunto: Com que simpatia, ou pelo menos, com que imparcialidade, irá um juiz destes julgar a demissão de um delegado sindical ou de um grevista?

Fernando Supino Henriques — Lisboa

Afinal como é?

Segundo notícias publicadas em certos jornais, um estudante foi preso, por fazer uso de uma arma sem licença, prisão essa que muito deu que falar em todo o País.

Dois trabalhadores da Carris, que andavam ao serviço do povo, foram mortos porque andavam desarmados (a única arma que usam é o alicate de picar os bilhetes).

Mas afinal como é? Armados somos presos. Desarmados somos mortos. Mas que País é o nosso? É esta a civilização Ocidental que o fascismo nos legou. Isto assim não pode ser... Quem é que nos pode dar um remédio para tudo isto?

Antes do 25 de Abril de 74, havia uns criminosos que andavam por todo o lado, para ouvir quem falava mal do Governo e prendiam.

Felizmente, agora isso não acontece. Mas, o que se verifica? Há bombas, incêndios, assaltos à mão armada, mortes a qualquer hora, milhões de dólares falsos, pancadaria nos deputados. Os criminosos fazem tudo e mais alguma coisa. E quando será que isto acaba? E quem será que acaba com isto?

Deve ser o novo Presidente da República e o povo. Eu por mim tenho essa esperança.

José Domingos Reis — Odeáxere — Lagos.

As greves que afectam o público

A classe que tem por missão servir ou fornecer a comunidade, ou seja, o público em geral, que é composto de várias outras classes, deve pensar, não duas, mas pelo menos três vezes, antes de desencadear uma greve, por muito justa que seja, quanto às suas reivindicações, não importa qual a entidade patronal: empresa privada, município ou Estado.

Se a greve for imperiosa e não houver, de facto, outra solução menos drástica, então deverá preferir-se, sempre, a greve de zêlo e nunca a suspensiva do respectivo serviço ou fornecimento, que não pode deixar de acarretar ao público um sem-número de transtornos, de quezílias e de aborrecimentos, consoante o grau de imprescindibilidade do trabalho ou produto em questão.

Está dentro destes parâmetros o caso da greve dos CTCP (motoristas).

Acredito que as suas reivindicações sejam bastante justas, mas não é de admitir tal feição de greve que, tal como se apresentou, mais parece feita contra o público, que paga o que lhe exigem para ser servido capazmente, do que contra o Ministério dos Transportes.

Se os autocarros e «troleys» continuassem a funcionar normalmente, limitando-se a greve a uma falta de zelo para com a entidade patronal, isto é, à não cobrança dos mesmos, em nada seria afectado o público e o movimento grevista atingiria unicamente e em cheio o seu alvo, portanto, com todas as possibilidades de êxito para o seu justo objectivo.

Do modo por que o fizeram resultaram hostilidades populares.

Álvaro da Silva e Sousa — Porto

Contradições

Na edição do passado dia 14, o Telejornal das 20,30 horas transmitiu uma entrevista com o senhor ministro da Agricultura que afirmou em certo lance ser a altura de o Governo demonstrar se tem ou não autoridade para meter na ordem os trabalhadores que estão em desacordo com a Comissão Administrativa da Herdade dos Machados.

Naquela mesma edição do Telejornal, mas desta vez do Porto, foram entrevistados alguns pequenos e médios agricultores e rendeiros do MARN que acusaram o Governo de não fazer cumprir a lei do Arrendamento Rural, dado que alguns senhoritos, em total desobediência pela lei, se recusavam a fazer contratos escritos..

Existe aqui uma contradição do senhor mistro da Agricultura: por um lado afirma a necessidade, para não se cair na anarquia, de obrigar os trabalhadores a respeitar a lei e a aceitar as directrizes do Governo; por outro lado, não é capz de fazer respeitar a lei do Arrendamento Rural, permitindo outra forma de anarquia, desta vez de sinal contrário.

Sera caso para perguntar: o Governo, em matéria de desordens, só está virado para o Alentejo, para os trabalhadores? Os proprietários do Norte não o perturbam?

José Vicente Martins — Lisboa

AÇORES

...ONDE O SANGUE UNIU O QUE O MAR SEPARA...

FERNANDO CALIXTO

Os Açores estão na «ordem do dia» há vários anos.

Primeiramente, em nome da aliança que entre povos é a mais velha do mundo, uma das ilhas é entregue aos ingleses que defendem, conjuntamente com americanos, a rota do Atlântico Norte, que os alemães em plena guerra disputam encarniçadamente.

Depois, é o contrato «top secret» do arrendamento da base das «Lajes», cujas condições ninguém viu discutidas.

É a contribuição da «Nato» no acrescentamento do porto de Ponta Delgada, é a base francesa das «Flores», é a servidão do povo acoriano a uma metrópole pouco interessada nos seus problemas económicos e sociais.

Nesta indiferença do Governo Central, cortada por longos intervalos de visitas presidenciais de recreio e soberania, os Açores vivem e subsistem, por um trabalho constante de seus camponeses e pelas remessas de numerário de seus emigrantes do Canadá e Estados Unidos da América, ante a indiferença dos diversos Governos, o que explica muita coisa na actualidade.

A América primeiro, o Canadá depois, são os grandes financiadores das estruturas comerciais e industriais nos Açores, através do trabalho e da poupança das colónias açorianas.

Mas, com uma indústria não integrada em bases modernas, com tarifas alfandegárias proibitivas, as perspectivas industriais estancaram e pouco mais adiantam do que servir as necessidades primárias do povo açoriano.

Fora o tabaco e o açúcar, que empregam umas centenas de operários, e a indústria de conservas, não há que falar numa classe operária consciente e unida na defesa de seus interesses.

Há os pequenos empresários que nas oficinas trabalham ombro a ombro com os seus operários e aprendizes.

Só muito teoricamente se poderá falar em movimento de massas operárias, consciencializá-las no rumo de uma luta de classes, que não é sentida nem tem a agudizá-la uma exploração feroz, com interesses que marcam o mundo dos que exploram e dos que são explorados.

Os que — das fábricas do Canadá e da América — regressam à terra, trazem esquecida a sua experiência e tudo o que aspiram é entrar no «escalão superior», dos que podem viver dos rendimentos.

Só falam em termos de maravilha da estrutura económica que lhes explorou a mocidade e o vigor da vida, mas que os deixou coalhar os dólares necessários para uma velhice tranquila e esta só é encontrada em terras da América, com muito trabalho, alguma sorte e o olhar da Divina Misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Trezentos mil açorianos em aldeias sem luz eléctrica e água não inquinada, voltam os olhos para as grandes terras da América, onde vêem despontar e muitas vezes morrer a esperança da libertação económica.

Para «nós outros» Lisboa é o Governo. Lisboa manda. Lisboa erra. Lisboa desfaz e os outros que concertem.

Lisboa viu os Açores. Lisboa instalou a sua banca a repescar «dollar's». É pouco. Muito pouco.

No antigamente, camionetas percorriam as aldeias na compra de ovos, para os americanos com traficantes açorianos.

Depois e agora, as carrinhas circulam nas aldeias, com empregados bancários, com suas fardas azuis, bem falantes, comprando «dollar's» com vantagem de câmbio. E o cambulhão de «dollar's» vem para Lisboa.

A banca instalou-se nos Açores toda ela. Até as Caixas Económicas não se salvaram. Empregados bancários de confiança detêm as acções compradas a peso de oiro. A nacionalização não as atingiu.

A quem pertence a Caixa de Vila da Praia da Vitória? E a da Ribeira Grande na Ilha de S. Miguel?

Lá vem Lisboa e Lisboa rapa tudo...

E quando dá um sorriso de sua graça...

Quando dá um sorriso de sua graça, um homem açoriano, se não se segura, fica mal visto...

Ele tinha uma pequena lavoira. A mulher, a filha casada, o genro e o filho, logo que viesse do «Ultramar», «aparelhavam» a lavoira, com trabalho de sol a sol. Um seu vizinho, que estava no transe da América, largava campo e 20 reses.

Era boa a compra. Mas era um cambulhão de dinheirama.

Um homem tem de se arriscar. Foi ao sr. banco «Que sim! Por dois anos, nada de hipotecas». Uma fiança. Que arranjasse fiador.

Trouxesse uma letra e o fiador bastante. Meu compadre F... serve? «Para duzentos contos, queria ele, serve e cresce».

— «Sr. compadre, isto vai ou racha. Meu compadre quer ser meu fiador? Não se ponha com exéquias; sim ou não?»

— «Vamos a isso; é pr'o que quiseres».

Vieram de camioneta à hora de abrir o banco, com o impresso da letra. Sempre é bom fazer as coisas «profeitas».

— «Cá estou de volta. Tá aqui a letrinha para o Sr. encher e meu compadre para a fiança.»

— «Teu compadre não é preciso.»

— «Essa agora?! O Sr. tenha paciência. Meu compadre não é merecedor desta desfeita...»

— «Não é desfeita. Já te disse que teu compadre não é preciso. Levas o dinheiro com a tua assinatura.»

Assim foi... e dois anos volvidos, o «ele» pago ao Sr. banco, com a vida melhorada, mais bens de raiz, vá de apalavrar nova compra. E voltou ao Sr. banco.

— «Cá estou mais uma vez.

Continua na pág. 4

DE LISBOA A SANTA MARIA

DIAS DE MELO

Deixámos para trás Lisboa, revestida de sol de fogo e de luminosidade estonteante. E a fita transparente do Tejo, e aqueles campos das diletadas cercanias da capital, o Cristo Rei de Almada a uma banda de braços abertos para o vazio, da outra, ao longe, a Serra de Sintra coroada pelas venerandas muralhas do seu velho castelo, a costa de Portugal coalhada de praias de oiro e de penedias loiras nimbadas de espumas brancas e de mar azul — aquele azul em que nos enfiávamos e que por todos os lados nos rodeava, por cima do céu que não tem fim, por baixo nas águas atlânticas tremulamente encrespadas, um grande navio a sulcá-las além, outro a fendê-las mais ao sul.

Sentado ao meu lado, um casal, homem e mulher ainda novos e com ar de quem anda habituado ao trabalho duro. Logo às primeiras palavras que lhes ouvi, os supus açorianos. Não de S. Miguel. Das outras ilhas. O idioleto micaelense é único. Impossível confundi-lo com o de qualquer outra ilha do Arquipélago ou lugarejo do Continente. Áspero, rude, acusa talvez os longos séculos de servidão que pesam sobre este povo que, na maioria dos casos, não é dono nem de um palmo desta terra húmida e farta; esta terra que, à custa de muito labor e de muito suor, ele transforma num jardim, de manhã à noite dobrado sobre a carga do sacho — e é propriedade exclusiva do senhor. Nem lhe pertence a casa aonde mora, nem quando lhe chama sua: se não as paredes, pelo menos o chão ainda é, quase sempre, igualmente propriedade do senhor. Por isso lhe paga tributo.

Os meus companheiros expressavam a sua grande admiração pela fascinante beleza daquela Lisboa, daqueles campos, daqueles povoados, daquelas praias de que nos afastávamos, subindo ainda para o alto a uma velocidade de oitocentos e cinquenta quilómetros à hora, segundo nos informara a hospedeira que profissionalmente nos saudara em nome do comandante qualquer coisa e nos ensinara, como é da praxe, a maneira mais lenta e dolorosa de morrermos, em caso de emergência.

O voo porém, decorria com normalidade perfeita. Começavam os preparativos para o almoço e eu já me adiantara, a meter dois dedos de conversa com os meus companheiros do lado. Principalmente com ele, mesmo junto de mim. Daí a confirmação daquilo que começara por supor: os dois eram dos Açores.

— Do Pico?

— Não. De S. Jorge.

Precisamente da freguesia da Beira, nas imediações e por cima da vila das Velas.

— Vieram por doença?

— Não. Estávamos em Angola e fugimos de lá há oito meses. Agora, vamos para o Canadá.

Ele esclarece: podia ter arranjado ocupação. A cortar carne. Oito contos por mês. Mas...

— Hei-de trabalhar por conta doutro, mas só no estrangeiro. No meu país, nunca.

Chegava o almoço. Sardinhas de conserva com salada. Frango. Queijo. Manteiga.

— Vinho ou cerveja (chá, café ou laranjada)?

Prefiro vinho. Tive-o à descrição. No fim, café.

Manchas de um cinzento esbranquiçado à nossa frente.

— Ainda terra!? — admira-se o meu companheiro.

— Aquilo são nuvens. Estamos a entrar nos reinos dos Açores. — Explico e indago (é preciso encher o tempo): — Que fazia em Angola?

Ele, desinibido, com franqueza: era agricultor. Dono de uma fazenda nas proximidades de Sá da Bandeira. Tonalidades de saudade e mágoa no seu falar:

— Terra como aquela não há outra no mundo! Ainda no ano passado, acolhetei trezentas toneladas de milho. Vendi-o ao desbarato. Mesmo assim, coisa de 12 toneladas me ficaram por vender. Mas teve que ser: tive que me vir embora e deixar tudo atrás. Bem bom que não deixei a pele.

A mulher escreve. Dobrada sobre o papel, desenha palavras, compõe frases. Lentidão pesada de quem não está muito familiarizado com o manejo da esferográfica.

Ele continua a falar. A mesma coisa: UNITA, FNLA, MPLA. Em todos o mesmo ódio ao branco:

— Aquilo não é gente. São piores do que animais, do que bichos. Mas a culpa não é deles: é desta cambada aqui de Lisboa.

A hospedeira que nos anuncia: vamos descer em Santa Maria. O comandante qualquer coisa despede-se dos senhores passageiros que desembarcam aqui, esperando que tenham feito boa viagem, etc.

— Pedimos que apertem os cintos e apaguem os seus cigarros.

Não perguntei ao meu companheiro de viagem porque é que os pretos matavam os brancos, sendo certo que, segundo tenho ouvido, o não fazem indiscriminadamente. Não lhe perguntei porque os considerava animais, bichos, tendo tantas vezes ouvido ser bom o seu aproveitamento quando frequentam a Universidade. Não lhe perguntei se ele achava bem que os nossos filhos continuassem a ir para lá morrer numa guerra antecipadamente perdida. Não indaguei sequer de como vivera ele oito mesinhos em Lisboa, sem abdicar do seu capricho de não trabalhar por conta de outro no seu próprio país — e pelos jeitos que não passara fome...

Voávamos entre massas pesadas de nuvens negras e espessas. Aos solavancos. A nossa grande ave metálica aos tremeliques.

Estávamos nos Açores.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

COMUNICADO

AOS DELEGADOS SINDICAIS E COMISSÕES DE TRABALHADORES

Devido à proximidade do Acto Eleitoral e ao atraso dos correios na entrega do Anteprojecto, a reunião marcada para o dia 23 de Junho para discussão do nosso C. C. T., fica adiada para data a anunciar.

O GRUPO DA CONTRATAÇÃO

Lisboa, 22 de Junho de 1976

EPAL — Empresa Pública das Águas de Lisboa

Obrigações de 6% — 2.ª Fase

Emissão de 1967/68

Avisamos os Senhores Obrigacionistas de que o cupão 16 — Títulos de uma obrigação, a pagamento desde 15-6-76, vence o juro ilíquido de 30$00 (trinta escudos), e não 300$00 (trezentos escudos) como está mencionado no referido cupão 16.

Trata-se dum lapso tipográfico pelo que apresentamos as nossas desculpas.

O Presidente da Comissão de Fiscalização

João Bau

ESTREIA DIA 30!

A BILHETEIRA ABRE HOJE PARA A ESTREIA E DIAS SEGUINTES!

Nacional

M.E.I.C. MUTILADO?

António Brotas escreve ao Sindicato

«Tem vindo a público na Imprensa, notícias de que na organização do futuro Governo seriam previstas no sector da Educação alterações significativas que poderiam retirar ao Ministério da Educação funções que actualmente lhe competem no domínio da investigação crientífica e mesmo do ensino superior». Abre assim a carta que o eng. Brotas, secretário de Estado do Ensino Superior enviou ao Sindicato dos Professores no sentido deste tomar uma posição sobre o assunto e fomentar debates a propósito.

Recorda-se que a Imprensa se fez eco da possibilidade da Secretaira de Estado do Ensino Superior passar para a competência do Primeiro-Ministro do Governo que venha a ser formado.

«Em face das notícias vindas a público — prossegue a carta — a Secretaria de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica do VI Governo Provisório, durante nove meses responsável pelos sectores citados, entende, claramente, dever transmitir que, em sua opinião, a mutilação do Ministério da Educação, a verificar-se, seria profundamente atentatória e de graves consequências, talvez irreparáveis, para o Ensino, para o desenvolvimento científico, para o progresso e para a evolução democrática do País.

«Alerta a Secretaria de Estado contra a ideia de que um ministério mais pequeno, neste caso mutilado, seria mais fácil de gerir. O que é difícil de gerir, quase impossível, é um ministério das dimensões do M.E.I.C., quando não há um projecto que alicie e interesse verdadeiramente o quase milhão de pessoas com actividades nele envolvidas. Sem o ensino superior e a investigação científica, tal projecto não é possível».

«Por outro lado — reflecte o eng. Brotas —, a investigação científica egoisticamente separada do ensino para melhor se desenvolver só poderá morrer esiolada pela própria pqeuenez e inutilidade do projecto.»

Quanto aos debates que sobre o assunto venham a ser efectuados entende a Secretaria de Estado do Ensino Superior que aqueles «a devem ultrapassar».

Finalmente: «Se há risco das notícias referidas terem fundamento (e o risco não pode deixar de ser enquanto não for formado Governo) é antes, a tempo de influir nas decisões, e não depois, em termos de protesto ou queixa, que convém tomar posição.

«A Secretaria de Estado que vai pedir a todas as escolas superiores e centros de investigação que se pronunciem sobre estes assuntos pede, também, ao Sindicato dos Professores, que não se alheie do problema, que promova debates sobre o assunto, e que torne pública a sua posição.»

Thiago de Mello na Feira do Livro

O poeta brasileiro Thiago de Mello estará depois de amanhã, a partir das 21 horas, no pavilhao da Livraria Moraes na Feira do Livro, para autografar exemplares dos seus livros «O Canto do Amor Armado» e «Poesia Comprometida com a Tua e e Minha Vida», este último saído há secasses semanas.

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ BRASILEIRA

FERNANDO CALIXTO SOBRE OS AÇORES

Continuação da pág. 3

Mas desta vez, só preciso de oitenta contos. Acho que tou servido».

— «Bom. Vamos a ver. Trazes letra e o nome do fiador e depois falaremos...»

— «Essa agora! Vossa Senhoria da outra vez, para duzentos contos, não quis fiador, até foi desfeita. Agora, voltamos à mesma. Isso é brincadeira de rapazes ou é negócio de gente de «respeito»?»

— «Ou pegar ou largar. Se queres, queres...»

— «Pois quero, sim Senhor... Que sou desenrascado...»

Quero isto! Uma das cadeiras das de perto do balcão voou de encontro à montra. O vidro partiu-se. Ele foi preso.

O compadre desta vez foi fiador na Polícia...

Os «Lisboas» têm cada graça...

COMUNICADO

A TODOS OS TRABALHADORES DE HOTELARIA, TURISMO RESTAURANTES E SIMILARES

Mais uma vez, os Sindicatos pretendem culpabilizar as entidades patronais pela sua não comparência às negociações (que nunca foram iniciadas) de revisão do actual contrato colectivo de trabalho.

Pretende-se e procura-se deste modo, através de um processo alarmista, manter na ignorância todos aqueles que têm o direito de ser esclarecidos com verdade sobre os pormenores que se têm passado sobre este assunto.

De facto, em 29 de Janeiro passado, pretenderam dirigentes sindicais denunciar o Contrato Colectivo de Trabalho, publicado em 22 de Junho de 1975.

Este ruinoso contrato face à actual conjuntura entrou em vigor, reportando-se a 1 de Maio daquele ano, excepto para os estabelecimentos hoteleiros estatizados, aos quais o Governo só recentemente resolveu aplicá-lo.

Ao procurarem denunciar esse contrato para revisão, os dirigentes sindicais não cumpriram com os termos legais.

Ora, tal sucedeu relativamente ao Norte, na medida em que a denúncia, além de não estar assinada não a acompanhada do articulado respectivo, tendo igualmente em relação ao Centro e Algarve, carecido da indispensável fundamentação.

A quem cabem as responsabilidades destas faltas, voluntárias ou involuntárias, impeditivas do iniciar do processo, em termos legais, não nos pertence a nós julgar!

Em face do exposto, as Associações patronais não só prestaram os devidos esclarecimentos junto dos Sindicatos, como ainda fizeram as diligências necessárias perante os responsáveis governamentais, no sentido de lhes demonstrar a incapacidade legal de negociar em âmbito nacional a pretensa revisão desejada pelos dirigentes sindicais.

Isto, independentemente de o actual Contrato se mostrar impraticável para a quase totalidade das empresas abrangidas.

A quem têm os trabalhadores de atribuir, realmente as graves responsabilidades pelo impasse no iniciar das negociações de tal contrato?

Consciente da gravíssima situação e da instabilidade que poderia produzir-se na manutenção dos postos de trabalho de todos os que se dedicam à hotelaria e similares, achou por bem o Governo, **depois de ter sido esclarecido das irregularidades no iniciar do processo,** criar uma Comissão Técnica para estudo do sector, por forma a poder ser avaliada com números e não com palavras mais ou menos demagógicas, a capacidade da indústria.

Mostrou-se, deste modo, o Governo interessado em não agravar, ainda mais, a recuperação de um sector vital para a nossa economia.

Assim, foi até realizada, no Ministério do Trabalho, uma primeira reunião com a presença de representantes daquele Ministério e das Associações patronais do Norte, do Centro e do Algarve, **não tendo comparecido à convocação os representantes dos Sindicatos.**

Porque **faltaram,** então, os representantes sindicais?

Qual o objectivo de não se pretender colaborar num estudo sério do sector para se apurar até que ponto podem exigir-se às empresas aumentos incomportáveis e catastróficos, que as conduziram numa corrida suicida para o colapso total da indústria hoteleira?

O certo é que o Ministério do Trabalho, segundo cremos, perante a ostensiva ausência dos representantes dos Sindicatos, não deu sequência aos trabalhos da referida Comissão Técnica, que deveriam estar concluídos no prazo de um mês ou seja, o mais tardar, no próximo dia 25 de Junho.

Os obstáculos que se têm oposto a uma causa que se deseja justa não são, por conseguinte, imputáveis às entidades patronais.

De resto, e sem o mencionado estudo poder-se-á vir a exigir o que comprovadamente se não pode dar. Situações destas conduzirão, inevitavelmente, a inconscientes tomadas de posição, cujas consequências virão reflectir-se nas decisões.

É neste sentido que deveria mobilizar-se o espírito dos trabalhadores, não se deixando, como até agora, manipular ou mobilizar por formas de luta que pretendem coagir as entidades patronais a ceder a condições ruinosas, pondo em perigo os postos de trabalho de milhares e milhares de trabalhadores de norte a sul do país.

Não acreditamos que seja através de concentrações ou manifestações de rua, que o trabalhador consciente possa encontrar a sua melhor forma de luta, uma vez que dispõe de elementos contabilísticos nas empresas onde trabalha. Ora, é sabido que as Comissões de Trabalhadores podem verificar os resultados da exploração das próprias empresas.

Por outro lado, não desconhecem os trabalhadores que somente o facto de os retornados terem utilizado os estabelecimentos hoteleiros evitou o colapso eminente da indústria.

Haverá ainda de ter em conta que mesmo esta situação que transitoriamente permitiu uma certa estabilidade nas empresas está prestes a terminar, tendo-se já verificado, em muitas delas, a retirada maciça desses clientes eventuais.

A insólita proposta, sugerida pelos Sindicatos, de o pessoal proceder a descontos progressivos nas contas dos clientes, para além de carecer de base legal, é uma iniciativa criminosa que responsabilizará quem tal prática cometer. Essa ameaça não parece ser um produto da «imaginação criadora dos trabalhadores», mas sim uma destruidora alucinação dos representantes sindicais que a imaginaram.

Estamos mesmo em crer que isto é uma forma de violentar a consciência dos verdadeiros trabalhadores, arrastando-os para um estilo de aventureirismo, que se nos afigura impossível ter sido sugerido por dirigentes sindicais com a devida maturidade profissional e conscientes das suas responsabilidades.

Estamos, por conseguinte, perante profissionais da confusão que, desse modo, pretendem manipular toda uma classe respeitável e digna, que deseja trabalhar com o mínimo de segurança e que sabe, por **experiência própria,** quais as dificuldades das empresas em que exerce a sua actividade.

Como forma de luta, este expediente corresponderia, por exemplo, no sector bancário (actualmente nacionalizado), a começarem a descontar-se cheques por valor superior àquele que os mesmos indicam.

São unânimes todos os dirigentes políticos, seja qual for a sua filiação partidária, e também os homens mais responsáveis deste país, em reconhecer a situação catastrófica com que nos debatemos e o esforço que terá de ser efectuado para recuperar, se ainda vier a ser possível, uma indústria considerada pelas suas potencialidades, verdadeiramente de salvação nacional.

Conscientes desta situação e nesta perspectiva, não nos é possível deixar de manter inalterável a posição legalmente assumida que é do pleno conhecimento dos Sindicatos e do Ministério do Trabalho, por estarmos dentro da razão.

A quem cabe, pois, a responsabilidade do impasse que se gerou à volta das negociações de revisão do actual Contrato Colectivo de Trabalho?

Deixamos a resposta à inteligente ponderação de todos os trabalhadores conscientes, da indústria de hotelaria e similares.

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE HOTELARIA E SIMILARES

Nacional

Comício de Pinheiro de Azevedo no Porto: afluência fora do vulgar (e novos ataques do Primeiro-Ministro a Ramalho Eanes)

PINHEIRO DE AZEVEDO NO PORTO

"EANES ANDOU A TORPEDEAR O 25 DE ABRIL" ("e só não o prendi porque Otelo não deixou")

«Eu estou convencido que o general Ramalho Eanes andou a torpedear o 25 de Abril, e eu próprio algumas vezes estive para o mandar prender, mas o Otelo nunca deixou...», afirmou o almirante Pinheiro de Azevedo no decorrer do encontro que teve ontem no Porto, nas instalações do «Jornal de Notícias» com muitas dezenas de trabalhadores daquele matutino

Noutro momento do encontro e referindo-se ainda ao general Eanes, o Primeiro-Ministro declarou que «essa coisa do consenso das Forças Armadas não existe e que nenhum candidato o detém exclusivamente para si», tendo ainda estabelecido um paralelo entre a «situação agora criada» e a que «Spínola queria», referindo-se aos perigos que daí derivam para a Revolução.

Pinheiro de Azevedo falou ainda do processo político desde há dois anos. Criticou o facto de Eanes ser geeral e Otelo não, considerando que «se querem conservar os falões a Eanes não os tirem a Otelo», e, sobre a reestruturação das Forças Armadas, declarou ser «péssimo que o Exército possa vir a ser profissionalizado».

«O nosso Exército — disse o almirante — tem que ser humano, os nossos soldados têm que ir para casa, falar com os pais, com os amigos e familiares, dialogando pois só assim é que podemos ter uma Forças Armadas que imponham o respeito, a disciplina e a ordem mas sem qualquer repressão. O que interessa é que os soldados aceitem os seus chefes livremente e neles tenham confiança, de modo a que todo o Povo Português possa viver em paz e tranquilidade».

Mais adiante, Pinheiro de Azevedo, referindo-se ainda ao problema das Forças Armandas, sublinhou que «os operacionais são anti 25 de Abril, não lhes interessa a Revolução e apenas querem é os falões». Noutro ponto, a propósito de Eanes, declarou que «ele é um operacional e é por isso que eu digo ao País que é perigoso que Ramalho Eanes seja Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. «Eanes não tem qualquer apoio dos sargentos e praças», considerou ainda Pinheiro de Azevedo.

Acerca dos apoios financeiros à sua campanha, o Primeiro-Ministro recordou que previra inicialmente um dispêndio não superior a 1700 contos e disse que pagaria todas as despesas e que, até agora, o bom nome comercial do irmão terá servido como um aval junto das tipografias.

Acerca dos apoios de muitos militantes do P.S. à sua candidatura Pinheiro de Azevedo considerou-os naturais e criticou a «campanha direitista» do Partido Socialista a sua candidatura, afirmando que seus apoios socialistas se devem ao facto de a direcção do P.S. «não ter consultado as suas bases antes de tomar posição face às eleições para a Presidência da República».

Nesta altura alguém na sala, que se julga ter sido um militante do P.S. afirou: « isso é verdade e é por isso que nós vamos pedir um congresso».

NO NORTE

Ontem, o almirante Pinheiro de Azevedo prosseguiu a sua visita ao norte do País, em defesa dos seus pontos de vista. Como já vem sendo habitual, o programa de visitas estava sobrecarregado. O circuito automóvel iniciou-se no Porto, com passagem por Braga, Vila Verde, Barca, Arcos, Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira, Caminha, Âncora, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Barcelos, Espossende, Póvoa do Varzim, Vila do Conde e términus na capital nortenha.

Nesta rápida digressão pela região minhota, Pinheiro de Azevedo esclareceu amplamente os seus admiradores das razões da sua candidatura e da importância de uma opção consciente do eleitorado, que, no seu ponto de vista, «está confuso e indeciso sobre a escolha a fazer entre ele e o general Ramalho Eanes».

«O povo tem que dizer se quer um Presidente da República que continue o espírito do 25 de Abril — repetiu o almirante inumeras vezes ao longo do percurso — e nesse caso vota em mim, que sou um militar revolucionário, genuino do 25 de Abril, ou não quer, e vota em Eanes, que não tem nada a ver com isso.»

P.S. EXPULSA MILITANTES

«É sempre possível encontrar dois ou três judas prontos a entar no jogo pelos trinta dinheiros da traição» — lê-se num comunicado subscrito pelo Secretariado Nacional do P.S., a propósito da participações de militantes desta organização na candidatura de Pinheiro de Azevedo.

O P.S. menciona dois nomes: Francisco de Almeida Nunes e José de Almeida Simões — «que os serviços de candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo levaram à Rádio e à Televisão — diz — para cuspiram insultos sobre o Partido Socialista».

De acordo com o texto os citados elementos do P.S. ao assumirem tal atitude exluiram-se automaticamente do partido. Referindo-se à candidatura de Pinheiro de Azevedo, o P.S. acusa de «pretender dividir o maior partido dos trabalhadores» e «fazer o jogo da direita».

Pires Veloso no H.M.R. 1

PORTO, 23 O brigadeiro Pires Veloso, comandante da Região Militar do Norte, foi ontem transferido do Hospital de Santo António para o Hospital Militar Regional n.º 1. De acordo com um comunicado da RMN, a transferência corresponde a uma «evolução francamente positiva» do estado de saúde daquele militar

EANES CITA JOSÉ ESTÊVÃO

Ao Povo os direitos da burguesia

«Não queremos nem queremos que eles sejam administrados pelos ricos. Queremos que ninguém precise, queremos que se proporcione ao povo um meio de viver com comunidade, senão com abundância. Não queremos que a burguesia seja privada do que tem, queremos que ao povo sejam concedidos os direitos da burguesia», afirmou ontem no comício de Aveiro o general Ramalho Eanes, citando o democrata José Estêvão.

Ao mesmo tempo, na TV, o presidente do CDS, Freitas do Amaral, afirmou que o seu partido apoiav; o general Eanes, porque este militar iria ser presidente por cinco anos, podendo ter de formar neste período vários governos, nos quais o CDS poderá eventualmente ter lugar.

O comício de Aveiro, que se realizou na Praça José Estêvão, foi antecedido por um desfile de fanfarras de Zés Pereiras e «majorettes», seguindo atrás de Ramalho Eanes algumas centenas de viaturas com apoiantes de Eanes, os quais também ladeavam as ruas por onde passou o candidato, que acabou por ser levado em ombros.

Na sua intervenção, Eanes fez a análise da evolução política do País desde o 25 de Abril, focando também que deseja «um socialismo que seja à medida do nosso povo, à medida da nossa história e que materialize aquilo que os portugueses desejam para os seus filhos». O general Ramalho Eanes terminou o seu discurso prestando uma homenagem a José Estêvão.

Os anteriores oradores — José Luís Veloso, do PS, Angelos Correia, do PPD, Vitorino de Magalhães Godinho, da Comissão Nacional de Apoio e do PS e Sebastião Dias Marques, mandatário no distrito de Aveiro e do PPD — exaltaram as qualidades do candidato, salientando o acto de ser «o candidato de Portugal».

Ramalho Eanes visitou a seguir localidades dos distritos de Aveiro e de Coimbra, nomeadamente Condeixa, onde foi recebido ao som de «Grândola, Vila Morena» (o hino da candidatura de Otelo) e do «O povo unido jamais será vencido» e onde afirmou que «s 25 de Novembro houve forças que quiseram transformar os cidadãos portugueses em súbditos, pretendendo impor pela força das armas o que haviam perdido pela vontade popular». Ramalho Eanes afirmou ainda que a Constituição «não pode ser um papel escrito» e que «as leis devem defender os interesses do povo trabalhador». Sem atacar Pinheiro de Azevedo nem responder às acusações que este lhe tem movido, Eanes fez um outro duro ataque à candidatura de Otelo, — afirmando sobre este candidato que é «responsável pelo estado miserável deste País».

Em Pobal, um pequeno grupo de trabalhadores solicitou ao candidato «ue pusesse a canalha a trabalhar». Falando de cima de um automóvel. O general Ramalho Eanes reafirmou pretender um socialismo à medida do homem português.

Em Soure, para onde o candidato se deslocou a seguir, registaram-se alguns incidentes com apoiantes da candidatura de Otelo, que apuparam Eanes, sendo depois perseguidos pelos simpatizantes de Eanes. Um dos contestantes, que foi detido, foi protegido pela «segurança» de Eanes e pelo próprio candidato, que o convidou para almoçar, aproveitando para discutir a actual situação política.

Na Figueira da Foz, onde foi acolhido por uma enorme multidão, na qual se viam muitos pescadores, Ramalho Eanes fez «a firme defesa da Constituição, e das liberdades democráticas» e afirmou-se partidário «da revolução do possível, da igualdade, onde os filhos dos trabalhadores do mar possam usufruir dos mesmos privilégios que actualmente gozam os revolucionários utopistas e românticos, que nada trabalharam para isso».

Depois de Aveiro, o CEME deslocou-se para Coimbra onde presidiu a um comício de apoio à sua candidatura que terminou já depois da meia-noite.

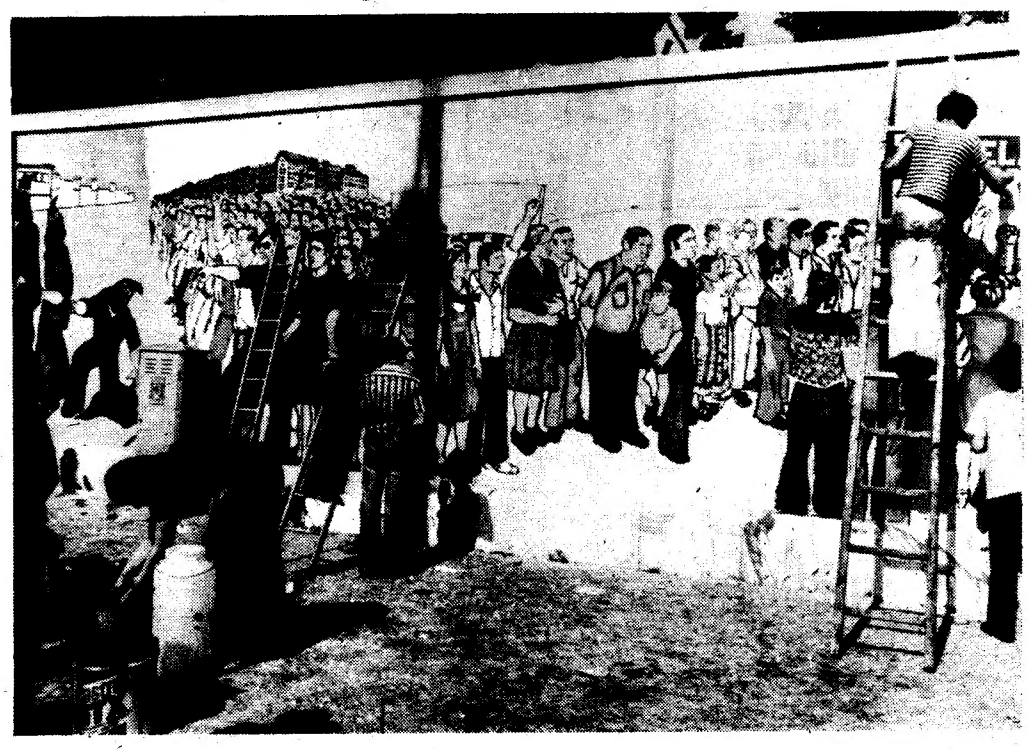
JUVENTUDE SOCIALISTA DE AVEIRO

Entretanto a Juventude Socialista de Aveiro, que tem sido alvo de críticas de forças políticas que apoiam Eanes, e que a acusam de não colaborar na propaganda e na campanha eleitoral, emitiu um comunicado em que esclarece a sua posição sobre a candidatura de Eanes.

Assim, a JS de Aveiro afirma seguir sempre as directrizes da direcção do PS, pelo que apoia a candidatura do general Ramalho Eanes à Presidência da República, e nesse sentido tem desenvolvido esforços de esclarecimento de massas eleitorais e de propaganda daquele candidato.

No entanto, a JS entendeu tomar também posição sobre as forças que apoiam Eanes com uma reserva mental, manifestando a sua relutância, não partilhada por outras estruturas do Partido Socialista, nos contactos com forças políticas que não visam efectivamente a Construção do Socialismo e que são consideradas pela JS como reaccionárias.

Por isso mesmo, a JS de Aveiro desenvolve a sua campanha com plena autonomia em relação às outras forças políticas que apoiam Ramalho Eanes.



Últimos retoques num mural pró-Ramalho Eanes em Lisboa, que deverá ficar pronto ainda hoje.

EM CHAVES

O décimo primeiro dia da campanha eleitoral do general Ramalho Eanes começou logo pela manhã em Chaves, onde realizou um pequeno comício, seguindo depois de avião para Cernache, a poucos quilómetros de Coimbra.

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

LISZTOMANIA
3. semana no CALEIDOSCÓPIO

Nacional

NOTA OFICIOSA

AUTORIZADA A COMERCIALIZAÇÃO DE VINHOS GENEROSOS DO DOURO

O Ministério do Comércio Externo e Turismo divulgou uma nota oficiosa sobre os problemas que têm afectado a produção e exportação dos vinhos do Porto e as medidas tendentes a debelá-los e a prosseguir a reforma do sector dos vinhos da região do Douro. Aquele departamento governamental, através da Secretaria de Estado do Comércio Externo vai promover, durante as próximas semanas, a divulgação de documentos para debate público.

E do seguinte teor a citada nota oficiosa:

1. «Perante os graves problemas com que a produção e a exportação dos vinhos do Porto se têm debatido — problemas de natureza conjuntural — a Secretaria de Estado do Comércio Externo, sentindo directamente as dificuldades de colocação dos vinhos do Porto, considerou que, com tentativas de resolução isolada dos problemas existentes não se conseguiria atingir o fundo das questões. Entendeu-se assim que só uma análise de conjunto que atendesse às estruturas sociais e económicas da região do Douro e a um plano de justiça social — que o povo duriense tem reclamado — poderia originar soluções globais, duradouras e eficientes. Assim por despacho interministerial publicado no «Diário do Governo» de 28 de Novembro de 1975, e tendo em conta a necessidade prioritária de se criar um órgão consagrado à análise e à elaboração de propostas de acção, foi criada a Comissão Para a Reorganização do Sector dos Vinhos do Porto e do Douro, que funcionou junto do gabinete do Secretário de Estado do Comércio Externo, tendo como funções principais:

A) Proceder à análise dos documentos, estudos e propostas de reorganização, em particular os elaborados durante os últimos 18 meses;

B) Consultar todos os sectores vitícultores interessados, suas associações e adegas cooperativas, exportadores e comerciantes, sindicatos de trabalhadores rurais e das empresas vínicas, autarquias locais, organismos do Estado e órgãos locais dos partidos políticos implantados na região;

C) Apoiar o Ministério do Comércio Externo e outros departamentos interessados na tomada de decisões pontuais sobre problemas que necessitam de resoluções urgentes e anterior às medidas de carácter global;

D) Propor medidas conducentes à reorganização global do sector dos vinhos do Porto e do Douro.

Posteriormente e por despacho publicado no «Diário do Governo» de 28 de Dezembro de 1975 foram constituídos os órgãos executivo e consultivo da Comissão de Reorganização do Sector dos Vinhos do Porto e Douro, com representações de organismos relacionados com os problemas dos vinhos do Porto e Douro, sendo no mesmo despacho indicadas, em relativo pormenor, as funções e competências dos dois órgãos.

Obtidas as condições materiais para o funcionamento dos órgãos executivo e consultivo da C. R. S. V. P. e Douro, constituíram-se 12 grupos de trabalho que, integrados por quadros de instituições durienses e coordenados pela comissão executiva, assumiram designações genéricas conforme as tarefas de análise e elaboração de propostas que lhe foram cometidas. Foram analisadas múltiplas questões tais como: levantamento de pessoal e meios nas empresas, custos; exportação; mercados; política de marketing; mercado interno e circuitos de comercialização dos vinhos do Porto; análise e propostas de correcção do sistema fiscal e da legislação sobre todos os organismos do sector: legislação antifraude; reestruturação do Instituto do Vinho do Porto; negociações com a CEE e EFTA, reconhecimento da marca de origem; problema do C-14; protecção da marca «Douro»; comercialização de um lote-tipo de vinho do Porto/Casa do Douro para o mercado Interno: definição de uma política vinícola regional; controlo de qualidade; funções do entreposto; redefinição da zona demarcada; reestruturação do sector primário; organização do sector vitivinícola, possibilidade de industrialização de subprodutos da vinha, interligação das organizações do vinho do Porto/Douro e outros organismos vinícolas nacionais; política de crédito; planeamento regional e linhas gerais de desenvolvimento da zona integrada; ensino; Instituto de Enologia; investigação; regionalização do ensino e formação profissional.

Começando a actuar, em pleno, em fins de Janeiro de 1976, a comissão de reorganização procurou cumprir os despachos que criavam e lhe determinavam os objectivos, tendo apresentado, em Maio, ao Secretário de Estado do Comércio Externo, o relatório de actividades. Inclui-se neste documento a análise da situação, medidas pontuais tomadas ou preconizadas, relatórios dos diferentes grupos de trabalho e propostas de medidas gerais conducentes à reorganização global do sector dos vinhos do Porto e Douro.

Durante o período em que preparou propostas com vista aquele planeamento global, essa comissão pôsta perante problemas que exigiram uma actuação urgente, apoiou o Ministério do Comércio Externo intervindo em questões pontuais com projectos de diplomas legais relativos ao imposto de transacção sobre o vinho do Porto; à anulação do imposto da indústria agrícola; ao novo sistema de aquisição e fornecimento de aguardentes e álcoois vínicos; ao processo eleitoral para os novos órgãos representativos da lavoura duriense; à comercialização dos vinhos generosos por parte da Casa do Douro; à concessão de um crédito-financiamento de 450.000 contos pelo Estado à região do Douro para a aquisição de 30.000 pipas à lavoura conforme comunicado da vindima de 1975.

Concluído o relatório de actividades da comissão foram efectuadas reuniões com o Secretário de Estado do Comércio Externo para esclarecimento e debate aprofundado dos documentos compilados.

Após o trabalho de análise dos resultados obtidos, e ao extinguir a comissão, o Secretário de Estado reconheceu o esforço despendido pelos membros e colaboradores desta comissão e apreciou o valor elevado de tais resultados. Importa agora concretizar propostas, desenvolver acções, aprofundar estudos, a fim de continuar a obra de reforma do sector e da região. Todavia, tal não será feito sem a participação e sem o esforço dos cidadãos, em particular das populações locais. É nesse sentido que a Secretaria de Estado do Comércio Externo vai promover, durante as próximas semanas, a divulgação de medidas e documentos para debate público.

Hoje mesmo, foi autorizada por despacho a comercialização directa, pela Casa do Douro, dos seus vinhos generosos, velha e justa aspiração da lavoura duriense.

CONION

O MELHOR EM CAPTAÇÃO E SOM

O melhor Rádio e Gravador do Mundo

Rua Pascoal de Melo n.º 7, 1.º — Lisboa

VOCÊ QUER concretizar os seus projectos industriais?

Você sabe que o País precisa de investir mais, de produzir mais. Para que bens hoje comprados ao exterior sejam produzidos internamente. Bens de consumo corrente. Bens de consumo duradouro. Bens de equipamento. A conjuntura exige a dinamização dos circuitos económicos existentes. É favorável à concretização de grandes ou pequenos projectos industriais. É altura de tirar da gaveta os projectos que em tempos concebeu, estudou e programou. Você sabe que a realização do seu projecto industrial arrastará, por efeito multiplicador, novos investimentos. Criará mais postos de trabalho. Alargará o mercado interno. Contribuirá para o reequipamento de unidades produtivas.

Mas o seu objectivo é a conquista de novos mercados? A exportação? Para tal necessita de redimensionar todo o processo produtivo? Modernizar as instalações? Adquirir novas máquinas, material de transporte ou outros bens de equipamento? Claro que você sabe precisamente o que quer. Mas dinheiro? Crédito? Nós temos a solução. O Crédito Industrial. Apresente-nos os seus projectos. De forma circunstanciada. Forneça-nos dados sobre a situação económico-financeira da sua empresa. Sobre a viabilidade do investimento projectado.

SIM o crédito industrial ajuda

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

LATINA

CAIXA GERAL DE APOSENTAÇÕES

MONTEPIO DOS SERVIDORES DO ESTADO

AVISO

Avisam-se os beneficiários cujas pensões são pagas por crédito em conta de depósito que devem dirigir-se, **durante o mês de Junho corrente,** às dependências da Caixa Geral de Depósitos onde recebem a pensão, a fim de efectuarem:

1) a prova de vida, através da exibição do bilhete de identidade apresentado pelo próprio titular, tratando-se de:

a) aposentados e reformados da Caixa Geral de Aposentações;

b) pensionistas do Montepio com mais de 65 anos de idade;

2) a prova de que se encontram nas condições estabelecidas no Decreto-Lei n.º 24 046, de 21 de Junho de 1934 e no Estatuto das Pensões de Sobrevivência, desde que sejam pensionistas do Montepio com menos de 65 anos de idade.

Lisboa, Junho de 1976

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

manicuras, pedicuras, esteticistas, massagistas, sauna, boutique e um simpático serviço de refeições ligeiras e cafetaria.

É UM CABELEIREIRO PARA AS SENHORAS QUE TÊM POUCO TEMPO E QUE QUEREM GASTAR POUCO DINHEIRO

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23
LISBOA

Nacional

Francisco Miguel e Carlos Costa estiveram com Octávio Pato na conferencia de Imprensa de ontem na Gulbenkian

Octávio Pato na Gulbenkian

"ESTÃO PREENCHIDOS OS OBJECTIVOS DA NOSSA CAMPANHA"

. «A poucos dias do encerramento da campanha eleitoral pensamos que estão preenchidos os objectivos principais da nossa campanha», disse ontem Octávio Pato, candidato comunista à Presidência da República, durante uma conferência de Imprensa que «inaugurou» a actividade eleitoral nas instalações da Fundação Gulbenkian.

Perante jornalistas nacionais e estrangeiros, Octávio Pato referiria em seguida a grande adesão popular que se regista em torno da sua candidatura, e que foi engrossando à medida que a campanha progredia, dando particular ênfase às significativas manifestações de apoio concretizadas nos últimos dias durante as suas deslocações ao Norte do país. O apoio popular recebido pelo candidato proposto pelo PCP em terras do norte surge como prova de que a reacção perde terreno nos seus próprios feudos, onde ainda domina apenas pelo medo e o terror.

Depois deste breve balanço, da sua campanha eleitoral, Octávio Pato aludiu à «única candidatura civil das quatro em presença» — sua — ublinhando que tal facto se tem mostrado como importante factor de unidade, não apenas dos trabalhadores mas até dos próprios militares. E isto, segundo as suas próprias palavras, face à ambiguidade que certos apoios transmitem a alguns candidatos (caso de Ramalho Eanes) e às intenções divisionistas que se centram em torno de outros (caso de Otelo).

Nesta breve introdução ao período de perguntas e respostas, os ataques do candidato comunista convergiram, porém, para a táctica que a direita utiliza nesta campanha tentando, com a sua convergência em torno da candidatura de Eanes, deslocar o eixo da vida política portuguesa para o PS, PPD e CDS, conforme já foi publicamente revelado ser intenção confessa de Freitas do Amaral.

«As ambiguidades e confusões — disse Octávio Pato — conduzem a que, neste momento, portugueses que votam sob indicação do PS não sabem bem se vão votar — vão-nos objectivamente — no CDS, no PPD no MRRP e na CAP».

Outra afirmação reforçada por Octávio Pato disse respeito às especulações que se levantam com intuitos bem precisos quanto ao futuro da sua candidatura. A este respeito, não foram deixadas margens para dúvidas: «A nossa candidatura vai até ao fim, vai até às urnas, contra o que poderiam pensar os que desejavam que tal não acontecesse». E sobre o mesmo tema, já no período de perguntas e respostas, Octávio Pato interpretado quanto ao que seria o voto dos comunistas numa eventual segunda volta, acentuaria: «Conforme recomendação do Comité Central, o voto numa segunda volta será o voto em Octávio Pato».

FORÇAS EM PRESENÇA

Convidado, por um jornalista, a pronunciar-se sobre diversos candidatos — omeadamente sobre Ramalho Eanes e Otelo Saraiva de Carvalho — Octávio Pato destacaria que «não ataca figuras, mas as forças que estão por detrás delas».

Foi assim que, depois de reforçar o anteriormente afirmado quanto à candidatura Eanes, se referiria à natureza das forças que apoiam Otelo e nos seus «objectivos confessos» de minarem as bases do PCP. Octávio Pato insistiria ainda no significado do apoio que jornais declaradamente de direita têm dado a esta candidatura, realçando que o empenhamento da reacção em valorizá-la se deve precisamente às possibilidades que ela tem de dividir o movimento operário.

Quanto à exploração demagógica que foi intentada em torno da figura de Vasco Gonçalves, especialmente no que se refere à afirmação de Otelo de que o chamaria caso fosse eleito, Octávio Pato apontou para o papel desempenhado por o actual candidato no afastamento de Vasco da cena política e na queda do V Governo, concluindo que, mesmo à luz da Constituição, tal chamamento seria impossível para cargos governamentais.

Outro ponto largamente focado passou por recentes declarações do general Ribeiro Faria quanto a «três camionetas» que teriam saído de Caxias carregadas com processos e documentos para o PCP. Tornando público que todo o material entregue até agora pela Comissão de Extinção da PIDE/DGS ao PCP se traduziu em algumas publicações apreendidas e foi feito legalmente, Octávio Pato faria ressaltar que, se tudo o que é devido ao PCP lhe fosse devolvido, não chegariam três simples camionetas: seria necessário um comboio com várias centenas de metros. «Só nesta mesa — disse, referindo a Carlos Costa e Francisco Miguel que o acompanhava — os anos de prisão ultrapassam as três dezenas e tudo o que àqueles três comunistas foi apreendido durante o tempo de prisão ainda não foi devolvido».

AÇORES E MADEIRA

Funções e competência das assembleias regionais

. Elaborar o projecto de Estatuto Político-Adminitrativo da Região e Legislar — dentro do limite constitucional e das leis gerais da República — em matéria de interesse específico das regiões e que não estejam reservadas a competência própria dos órgãos de soberania, eis duas das principais funções das Assembleias Regionais das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, segundo um comunicado do STAPE, desde o MAI, a propósito da campanha eleitoral que está a decorrer nas ilhas. Outras funções: aprovar o Plano Económico e o Orçamento Regionais solicitar do Conselho da Revolução a declaração de inconstitucionalidade de normas jurídicas emanadas dos órgãos de soberania por violação dos direitos e das leis e apreciar os actos do Governo e da administração regionais.

Lembra o STAPE: «As Assembleias Regionais são, a par dos governos regionais, órgãos de Governo próprio das regiões autónomas dos Açores e da Madeira e serão constituídas por deputados regionais eleitos por sufrágio universal, directo e secreto de harmonia com o princípio da representação proporcional e por círculos eleitorais, obedecendo a um sistema eleitoral semelhante ao consagrado nas eleições gerais já efectuadas.»

. Como se sabe, os círculos eleitorais são 9 nos Açores (Horvo, Faial, Flores, Graciosa, Pico, Santa Maria, São Jorge, S Miguel e Terceira), e 11 na Madeira (Calheta, Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Porto Santo, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana e S. Vicente). As AR'S terão 39 representantes nos Açores e 41 na Madeira.

Os deputados são apresentados por partidos políticos, podendo as listas incluir independentes. Concorrem seis organizações: o P. S., o P . P. D. e o C. D. S., por todos os círculos, e ainda o P. C P., U. D. P., o M. E. S. e o M. R. P. P.. O P. C. P. não concorre em alguns círculos. O M E. S. concorre apenas pelo círculo de Angra, a U. D. P. pelo Funchal, e o M. R. P. P. pelo Funchal e por Santa Cruz.

A legislatura terá a duração de quatro anos. As eleições são no próximo dia 27, em simultaneidade com as presidenciais.

Militares e Ruy Luís Gomes apoiam Octávio Pato

. Novos apoios surgem convergentes para a candidatura comunista. Entre estes contam-se os de «um grupo de militares», que publicou um manifesto pró-Octávio Pato, e o do prof. Ruy Luis Gomes que, juntamente com José Morgado, aderiu à Comissão Nacional de Apoio à candidatura de Octávio Pato e participará nos comícios de encerramento da campanha do candidato do PCP, amanhã, em Lisboa, e na sexta-feira, no Porto.

Quanto ao manifesto dos militares, afirma-se nele que «a questão real é trabalhar para que aquele que se sentar em Belém se veja na necessidade de ter em conta as posições conquistadas e as aspirações dos trabalhadores» sublinhando-se, mais adiante, que «os comunistas ao avançarem uma candidatura democrática e socialista não colaboram nas ilusões que alguns irresponsáveis procuram semear — de que a candidatura de Otelo é um exemplo — segundo as quais o movimento popular pode hoje colocar em Belém um revolucionário».

Nesse manifesto — ignificativamente intitulado «Pela Democracia e Pelo Socialismo: combater as ilusões de que uma candidatura revolucionária ou que se apresente como tal pode hoje ganhar em Belém; Transformar o voto num homem no voto para uma política e um governo de esquerda» — frisa-se que o «actual processo revolucionário não se esgotou» e que se, no período anterior, «a intervenção do MFA na vida política em aliança com o movimento popular, foi condição indispensável para o avanço da Revolução democrática», hoje nas novas condições, «a consolidação e desenvolvimento das conquistas revolucionárias efectuadas após o 25 de Abril continuam a exigir que o movimento popular procure a cooperação com as Forças Armadas» na perspectiva «do respeito pela Constituição» e da «garantia das condições de transição para o socialismo».

Referindo mais adiante que a candidatura Otelo não constitui o «unificador das forças democráticas e socialistas civis» e não contribui para a «unidade das forças democráticas e socialistas militares» — ecordando, nomeadamente, que «quando era membro do Conselho da Revolução, do Triunvirato, e chefe do COPCON, Otelo não foi capaz de unificar o movimento militar», contribuindo, pelo contrário, a sua acção, para «a separação, confusão e oposição entre as diferentes correntes democráticas do MFA» — grupo de militares que apoia a candidatura de Octávio Pato acrescenta: «Lançando ilusões e contribuindo para a reedição de polémicas que dificultam a unidade dos militares patriotas em torno do que é susceptível de os unir, Otelo ajuda assim as tendências que visam separar definitivamente as FA do movimento popular».

E conclui o manifesto: «Não é indiferente para os trabalhadores que se constitua um governo de esquerda ou de direita, que o aparelho de Estado prossiga uma política de esquerda ou uma política anti-operária» (...) «A candidatura comunista surge como a única candidatura popular que pode influenciar e pressionar no sentido da formação duma maioria e de um governo de esquerda que promovam uma política de esquerda».

PUB

«A SACAVENENSE»

COOPERATIVA DE CONSUMO, S.C.R.L.

Sede Social: RUA ANTÓNIO RICARDO RODRIGUES SACAVÉM

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

De acordo com o § 2.º do Art.º 41.º convoca-se a Assembleia Geral a reunir no dia 1 de Julho de 1976, pelas 20.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Aprovação da Redacção final dada ao articulado dos Estatutos aprovados em anteriores Assembleias Gerais;

2 — Procedimentos a adoptar relativamente aos sócios com dívidas à Cooperativa;

3 — Autorização para tornar pública a correspondência entre a Direcção da Cooperativa e os Associados.

Sacavém, 15 de Junho de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Dr. Gilberto Lindim Ramos

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os motoristas abrangidos pelo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical do Ensino Particular, para uma reunião a realizar no dia 25/6/76 (sexta-feira) pelas 21 horas na Sede deste Sindicato, sita na Avenida Visconde Valmor, 34 em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto Único:

Revisão do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical do Ensino Particular.

Lisboa, 22 de Junho de 1976

A DIRECÇÃO

Geral

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO SECTOR DE ACTIVIDADE: INDÚSTRIA QUÍMICA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os trabalhadores de escritório do Sector Químico para um Plenário a realizar no próximo **dia 24 do corrente mês**, às 21 horas, no Salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, n.º 33-1.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Situação actual do C. C. T. Vertical
2 — Acção Sindical do Sector
3 — Funcionamento do Grupo de Trabalho

PARTICIPA NA RESOLUÇÃO DOS TEUS PROBLEMAS!

Lisboa, 15 de Junho de 1976.

Pel'A DIRECÇÃO
a) **Joaquim da Luz**

PORTUGAL-U.R.S.S.

Dois anos de intercâmbio

Ocorreu, em 9 do corrente, o segundo aniversário das relações Portugal-URSS. No comunicado conjunto publicado em 9 de Junho de 1974 — o primeiro documento diplomático sovieto-português — ambas as partes se comprometeram em desenvolver mutuamente relações baseadas nos princípios da coexistência pacífica, com respeito absoluto pelos objectivos e princípios da ONU. Ao mesmo tempo, ambas as partes acentuaram que o estabelecimento de relações diplomáticas entre a URSS e Portugal contribuirá para a paz e a segurança mundiais e para o desenvolvimento da cooperação entre a Europa e o resto do mundo.

O fundo desenvolvimento da cooperação luso-soviética durante o período que data de 25 de Abril de 1974 permite afirmar que, até à data, se delineou um clima amistoso entre as duas nações.

Em suma: pode afirmar-se que no decurso de dois anos, devido a esforços conjuntos, as relações bilaterais se concretizaram profundamente. Foram assinados alguns acordos e convénios no âmbito das esferas política, económica, comercial, técnica e cultural. Outros acordos dizem respeito à navegação marítima e à aviação civil.

COSTA GOMES

Para o aumento desta cooperação mútua tiveram grande importância os contactos estabelecidos entre ambos os países nos dois últimos anos.

Um marco memorável no caminho da cooperação sovieto-portuguesa veio a ser a visita oficial à União Soviética, nos começos de Outubro de 1975, do Presidente da República, general Costa Gomes.

Durante essa visita, o Presidente da República portuguesa e o presidente do Presidium Soviete Supremo da URSS, Nikolai Podgorny, assinaram um acordo de cooperação económica e técnico-científica a longo prazo, bem como o acordo de cooperação no sector da Cultura e da Ciência.

A atitude da URSS para com Portugal é ditada por princípios e determinada pelas decisões do XXV Congresso do PCUS. Interessa aqui acentuar que nesse congresso foi posto em destaque o desejo que tem a União Soviética de desenvolver e dotar de um conteúdo mais rico as relações amistosas e o conteúdo com a República Portuguesa.

Segundo declarou no congresso Leonid Brejnev, «a União Soviética é decididamente contra toda e qualquer interferência nos assuntos internos de Portugal».

E ainda:

«Ao povo de Portugal, como a qualquer outro povo, assiste o direito de seguir o caminho que ele próprio traçar».

MELO ANTUNES

Os resultados da recente visita oficial à União Soviética, membro do Conselho da Revolução e ministro dos Negócios Estrangeiros, demonstram claramente o desenvolvimento bem sucedido das relações de amizade e cooperação entre a URSS e Portugal.

Durante o encontro de Leonid Brejnev com Melo Antunes, verificado em 4 do corrente, foi anunciado por parte da URSS que esta última encara o Portugal democrático «como um país amigo».

Actuando de acordo com o espírito da declaração luso-soviética, a URSS está disposta a desenvolver com Portugal contactos em diferentes sectores «na base da igualdade de direitos» e da não intromissão nos assuntos internos.

O carácter amistoso das relações sovieto-portuguesas baseia-se na semelhança das posições adoptadas por ambos os países em relação a muitos problemas internacionais e no seu desejo comum em aprofundar o desanuviamento e conferir-lhe um carácter irreversível.

Em resumo: durante as conversações que mantiveram em Moscovo, Leonid Brejnev e Melo Antunes expressaram a firme determinação da União Soviética e de Portugal em concorrer por todos os meios ao seu alcance para que o desenvolvimento internacional seja intensificado, a atmosfera internacional saneada e a paz consolidada.

Novo vespertino

"25 de Abril do Povo"

«Um jornal que defenda com coragem e vigor a independência nacional, que não ataque os imperialistas americanos para fazer serviço aos russos, nem ataque os imperialistas russos para servir os americanos, que dê a conhecer ao nosso povo as lutas e as vitórias dos povos do Terceiro Mundo e que lhe permita descobrir que libertar-se da chantagem das superpotências é possível» — eis algumas das razões que justificam o aparecimento do «25 de Abril do Povo», novo vespertino da imprensa portuguesa.

Em conferência de Imprensa, realizada ontem, os seus fundadores apontaram, além daquelas razões primordiais, outras não menos importantes, designadamente a «necessidade de um diário independente» para denunciar «a grande conspiração das forças da reacção e do imperialismo contra tudo o que o povo conquistou até 25 de Novembro», bem como «contra o bloqueio de silêncios e mentiras que se vêm erguendo e é preciso romper».

«Um jornal», assinala-se em comunicado divulgado, «ao serviço exclusivo dos operários, dos camponeses e do povo trabalhador na luta pelo socialismo, que seja ao mesmo tempo uma tribuna da luta antifascista e denuncie com intransigência as conspirações, cumplicidades e manobras que se processam nas mais altas esferas do poder».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

(continuação)

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea c) do n.º 5 do Artigo 13.º dos Estatutos convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos para uma Assembleia Geral Extraordinária (continuação) a realizar no próximo dia 25-6-76 pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Unico: Discussão e Votação do Orçamento para o ano de 1976.

Notas: 1. A apresentação do cartão de sócio, ou de qualquer documento identificativo é essencial para a entrada na Assembleia.
2. Nos termos do artigo 18.º dos Estatutos esta Assembleia terá início às 21 horas com a maioria dos sócios ou 30 minutos depois com qualquer número.

Lisboa, 16 de Junho de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Luís Pacheco Gaspar

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUIZO CÍVEL

O DR. JOAQUIM AUGUSTO VALENTE CANTANTE, Mm.º Juiz de Direito do 7.º Juizo Cível da comarca de Lisboa:

Faz saber que na 2.ª Secção deste juizo, pendem uns autos de acção sumária n.º 124/76, em que são autora — CIMPOMÓVEL — COMÉRCIO IMPORTADOR DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS, S. A. R. L., com sede na Av. Infante D. Henrique, lote 5, em Lisboa, e réu — DOMINGOS LOIA CABRITA, casado, empregado de escritório, com última residência conhecida na Est. dos Ciprestes à Praça do Brasil, lote 1-1.º, esq.º, em Setúbal, e, actualmente ausente em parte incerta, nos quais correm éditos de 30 dias citando o réu, para no prazo de 10 dias, finda a dilação referida e após a última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a referida acção, sob pena de ser condenado no pedido formulado pela autora, que consiste no pagamento a esta da quantia de 23 828$70 — sendo 21.560$00 valor da letra e 2266$70 de juros vencidos à taxa anual de 6 por cento — nas custas do processo e, ainda nos juros vencidos à mesma taxa, até integral pagamento.

O réu deverá, no mesmo prazo, confessar ou negar a firma aposta na referida letra, entendendo-se que a confessa se na contestação não fizer declaração alguma.

Lx.ª, 8/6/76.

O JUIZ DE DIREITO,
(a) **Joaquim Augusto Valente Cantante**

JOFRAMA

10.º ANIVERSÁRIO

20-6-66 ✱ 20-6-76

GRANDE OPORTUNIDADE DE COMPRAR BARATO DURANTE A NOSSA CAMPANHA COMEMORATIVA DO MÊS DE JUNHO

ALGUNS EXEMPLOS

Lençois para casal qualidade extra	119$00
Almofadão para casal	20$00
Jogo de cama — pano de cor com barra de flores 2 x 2,60	198$00
Jogo turco de veludo — 5 peças — cores fortes	465$00
Jogo turco de veludo — 5 peças — exclusivo	595$00
Jogo turco — qualidade superior — 5 peças	199$00
Cobertura de luxo para casal — flores em relevo	595$00
Cobertura para cama de casal — lisa — cores da moda	395$00
Toalhas turcas — cores modernas — milhares	39$00
Toalhão praia — enormes	85$00
Camisolas de veludo — meia manga com gola — modernas	95$00
Camisolas bonecos para criança — vários números	29$00
Camisas para homem — meia manga — aos milhares	125$00
Camisas de dormir — Opal suíço	78$00

MILHARES DE PEÇAS DE PANO PARA LENÇOL, BRANCOS, CORES E LINDOS PADRÕES ESTAMPADOS EXCLUSIVOS A PREÇOS MAIS BARATOS QUE NAS FÁBRICAS

SOMOS O REI DOS PANOS DE LENÇOL

BRANCO	1,40 — 29$00	1,80 — 39$00	1,80 — 45$00	2,00 — 59$00
CORES	1,80 — 59$00	2,00 — 69$00	2,00 — Terylene — 79$00	

Estampados com 2,00 de largura, lindos padrões e lindas cores . . **65$00 e 78$00**
Estampado, 1,40 de largura, lindas cores e desenhos . . . . . **49$00**

Edifício sede: RUA DOS FANQUEIROS, 226-232 (frente à Rua da Assunção)
Filiais: **RUA JOÃO DAS REGRAS, 4-B (junto à Praça da Figueira)**
RUA DA MADALENA, 203 a 217

NOSSO LEMA É VENDER QUALIDADE

A propósito minha senhora já fez uma visita ao nosso 1.º andar?

JOFRAMA - O ARMAZÉM DOS PREÇOS DE FAMA

Trabalho

Com a refinaria parada

Operários de Sines continuam em Lisboa

As obras da construção da refinaria da Petrogal, em Sines, continuavam, esta manhã, paralisadas, como forma de protesto contra a morte, por falta de assistência médica do operário soldador Constantino de Jesus Costa, vítima, ontem de um ataque cardíaco. Esta é a terceira morte que ocorre em curto período, por falta de assistência médica aos trabalhadores de Sines.

Esta manhã, enquanto centeas de operários continuavam concentrados nas escadarias de S. Bento, gritando palavras de ordem como «Médicos sim, mortos não», uma sua delegação procedia a diligências para ser recebida pelo general Costa Gomes, a fim de lhe ser exposto o problema. Ao fim da manhã, a delegação terá sido efectivamente recebida pelo Presidente da República, estando prevista a hipótese de se efectuarem contactos em S. Bento com o Gabinete do Primeiro-Ministro.

Em Sines, os trabalhadores mantêm-se na expectativa, aguardando que os seus camaradas de Lisboa anunciem a resolução do conflito para que imediatamente sejam retomados os trabalhos. Eqnauto isso, efectuou-se já para o cemitério dos Olivais o funeral do operário Constantino com passagem esta manhã junto ao palácio de S. Bento.

A questão da assistência médica e hospitalar não aparece com o falecimento deste operário. De facto, já quando o Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo visitou as obras de Sines, há pouco tempo, lhe foi exposto este problema, tendo então sido prometidas providências rápidas, que incluiram a utilização de um helicóptero a ser posto à disposição dos responsáveis locais, para casos deste géenro.

No entanto, nada surgiu até agora. Relatava-nos, hoje, um operário dos que se manifestam em S. Bento a situação em que se encontram os acidentes que porventura necessitem de transporte rápido. Num caso recente, para transportar um sinistrado a Lisboa foi necessário mudá-lo, por três vezes, de ambulância.

Quanto ao operário Constantino, foi transportado ao Hospital de Santiago de Cacém numa carrinha do aldeamento onde os trabalhadores se encontram alojados. De qualquer modo, para dar uma ideia da situação médica nesta zona, convém recordar que «nem no hospital de Cacém, nem de Alcácer, nem de Setúbal, existem meios para a resolução de casos como este».

As reivindicações dos trabalhadores que se concentram em S. Bento não ficam p t 8 h 8est i gidas a este ponto. Serão igualmente expostos às entidades competentes, os seguintes pontos: problema do preço dos quartos, actualmente fixado em 30 escudos diários, que os utentes pretendem seja de 20 escudos, já que se trata de pequenos quartos utilizados por duas pessoas; custo das refeições, actualmente 35 escudos e de «má qualidade»: recusa das visitas da GNR, a pedido dos administrativos da Vila Mina, quando ali se efectuam plenários de trabalhadores; o caso da assistência médica, com meios de transporte disponíveis, incluindo um helicóptero.

O porta-voz dos trabalhadores mostrava-se, também bastante indignado com a actuação repressiva das forças da GNR e da PSP, que ontem «afastaram» os trabalhadores dos acessos a S. Bento. «Nós não somos desordeiros» — afirmam. As forças paramilitares encontravam-se unidas de grande aparelho repressivo.

Entretanto, os operários da Sorefame (Amadora e Amora) já manifestaram a sua solidariedade para com os trabahadores de Sines, estando presentes nas escadarias de S. Bento, representantes seus. Na hipótese do conflito não ser resolvido hoje, poderá vir a manifestar-se o apoio dos trabalhadores da Lisnave e da Setenave.

O funeral do trabalhador ontem falecido em Sines, passou esta manhã por S. Bento, com destino aos Olivais. Os trabalhadores deram-se as mãos para que o cortejo fúnebre passasse

"Caso" Tomás de Oliveira pode parar o complexo

Os trabalhadores do Complexo de Sines poderão paralisar se, até dia 2 de Julho, não for reintegrada a comissão de trabalhadores da empresa de construção Tomás de Oliveira e nenhuma medida for tomada pelos organismos oficiais — revela um comunicado da Intersindical hoje distribuído.

A comissão de trabalhadores da Tomás de Oliveira, em Sines, foi despedida colectivamente no passado mês de Fevereiro, tendo os trabalhadores paralisado a empresa durante 33 dias em protesto contra esta medida.

Solidarizando-se com a CT da Tomás de Oliveira, o Complexo de Sines paralisou durante três horas, em 29 de Março, concentrando-se em manifestação-comício cerca de quatro mil trabalhadores. Durante a concentração apareceram moções de várias firmas que se dispunham a paralisar, tendo esta ideia sido abandonada por os trabalhadores considerarem que o momento político não era propício à paralisação do complexo.

O prazo dado às autoridades para a resolução do problema da Tomás de Oliveira, foi decidido pelos trabalhadores das empresas AC zona 11, AC zona 15, Empec Sines, Empec Areal, Metalsines, Construtora Moderna-divisão Sorefame, Tomás de Oliveira e Alves, Condotte e Construterra.

Metalúrgicos aprovam projecto de C.C.T.

Os trabalhadores da indústria metalúrgica aprovaram a nível nacional, o anteprojecto do contrato colectivo de trabalho vertical do sector, no qual se consagram novas tabelas salariais e o controlo operário da produção, entre outros pontos.

O anteprojecto foi discutido em assembleias realizadas na segunda-feira, simultaneamente, em Aveiro, Braga, Bragança, Castelo Branco, Évora, Faro, Funchal, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto e Viseu, faltando apenas realizar assembleias em Setúbal, Guarda e Santarém, respectivamente hoje e dias 25 e 26.

O futuro contrato colectivo substituirá a portaria actualmente em vigor para o sector metalúrgico, encontrando-se a decorrer normalmente as negociações entre a Federação e os Sindicatos e as entidades patronais — segundo informação de um dirigente sindical. Exceptuam-se os representantes patronais dos sectores de reparação de automóveis, das linhas de montagem de automóveis e a Associação das Coudelarias. «Estes, a data altura, deixaram de aparecer às negociações, depois de se comprometerem, em acta, a negociar o CCT a nível vertical» — informa o mesmo elemento.

As negociações incidem, actualmente, sobre o clausulado não incluído na portaria dos metalúrgicos. O C. C. T uma vez aprovado, entrará em vigor com efeitos retroactivos a 1 de Junho, conforme já acordado pelas partes. Os sindicatos pretendem, com o projecto em discussão que sejam integrados no C. C. T. novas condições de admissão, promoções, quadro de densidade, direitos e deveres das partes e actividade sindical nas empresas.

A proposta salarial dos trabalhadores prevê que o ordenado mínimo da tabela inferior (serventes) passe dos 5.400 escudos actuais para 6.800 escudos; o ordenado mínimo da tabela mais alta dos 6.000 escudos para os 7.400; o ordenado mínimo da tabela mais baixa do operário metalúrgico mais qualificado de 7.350 para 8.750 escudos; e na tabela mais alta, dos 8.250 para os 9.650 escudos.

Do anteprojecto consta, ainda, um horário especial para os trabalhadores com tarefas em que a sua saúde corre mais perigo, nomeadamente poluição, altas e baixas temperaturas (redução das 45 para as 40 horas semanais) bem como uma retribuição especial para os trabalhadores da construção naval, que pode ir até 25 por cento da retribuição salarial, quando em postos de trabalho mais difíceis onde a sua saúde e integridade física corre perigo.

Caso específico da Soda Póvoa no Ministério da Energia

A comissão de trabalhadores da Soda Póvoa avistou-se no Ministério da Energia e Minas com o eng.º Marques Videira para abordar a questão das graves consequências do próximo corte de energia naquela empresa e nas unidades fabris suas dependentes.

Segundo um elemento da CT, o eng.º Marques Videira prometeu diligenciar no sentido de resolver o caso específico da Soda Póvoa, até amanhã.

O próximo corte no fornecimento de energia levou também a CT da Soda Póvoa a avistar-se com a respectiva administração no sentido de saber se tal medida irá impedir os trabalhadores de receberem os seus salários. Respondeu a administração que esse perigo não existe por enquanto.

Os trabalhadores da Soda Póvoa, que se encontram em luta por reivindicações salariais e regalias sociais, estão a reduzir, durante esta semana, o escoamento dos seus produtos a 50 por cento. Se as entidades governamentais continuarem como até agora a manter o silêncio sobre a questão, na próxima segunda-feira a redução do escoamento dos produtos será de 75 por cento. A redução está a causar sérios prejuízos às empresas vidreiras, tendo trabalhadores de algumas dessas empresas discutido a situação esta manhã, com a CT da Soda Póvoa.

Recorda-se que as irregularidades de produção da Soda Póvoa afectam directamente 45 por cento da indústria nacional, especialmente as firmas vidreiras, e 95 por cento, indirectamente.

Estaleiros navais afectados pela greve dos electricistas

«Verdadeiros atentados à economia nacional, devido ao fortíssimo impacto negativo, que têm na viabilidade futura da indústria naval portuguesa», é como o administrador da Lisnave, A. Barreto, classifica as paralisações dos electricistas da ENI, por solidariedade com os seus colegas do sector da Construção Civil (zona sul).

Em comunicado, este técnico explicava que a solidariedade dos electricistas da principal empresa do ramo eléctrico da construção naval, a ENI tem levado lentamente à paralisação da Lisnave e da Setenave. Sendo estas empresas dependentes em mais de 90 por cento do mercado internacional, a greve obriga ao cancelamento de encomendas «e vem criar nos armadores internacionais a desconfiança nos estaleiros portugueses», fazendo assim, perigar a sua sobrevivência.

Além disso, — salienta — «empregando a indústria de construção e reparação naval, directamente mais de 15 000 pessoas e sendo responsável por mai de 5 por cento de toda a exportação portuguesa, estas paralisações são verdadeiras atentados à economia nacional (...)».

Acrescenta ainda o comunicado que a Administração da Lisnave tem vindo a alertar as entidades oficiais para a gravidade da situação, não tendo no entanto sido encontrada uma solução.

Por seu lado, um delegado sindical da Lisnave afirmou-nos terem sido feitas diligências naquela empresa para dissuadir os electricistas da paralisação, atitude com a qual contrariam os 10 mil trabalhadores da empresa, alguns dos quais já impossibilitados de trabalhar.

«A situação pode chegar a este ponto: um trabalhador cair num tanque dum navio e morrer afogado por os guindastes não terem corrente eléctrixa.» Em consequência, alguns serviços que implicam a segurança dos trabalhadores estão já paralisados.

Os electricistas em greve pretendem a convocação de uma assembleia geral para decidir a situação. «Mas os órgãos com poder para convocar a assembleia escusam-se a fazê-lo», prosseguiu o delegado sindical», para evitar que dessa assembleia resultem medidas reaccionárias contra os interesses dos trabalhadores.» Paralelamente, a Lisnave está a contactar electricistas de fora para garantir a manutenção dos seus serviços.

DELEGADOS ACUSAM GOVERNO

Entretanto, o Sindicato dos Electricistas do Sul da Construção Civil e Obras Públicas deram ontem uma conferência para fazerem o ponto da luta, a qual visa obrigar o patronato a negociar o C. C. T. horizontal. O actual C. C. T. data de 1973, sendo na opinião do Sindicato uma «cópia» do anterior que data de 1969.

Na conferência, a mesa, constituída por delegados sindicais e a direcção do Sindicato, começou por esclarecer os motivos que levaram o Sindicato a adoptar um C. C. T. horizontal, apesar de a direcção preferir o C. C. T. vertical como o definiu no seu programa.

«Somos contra os contratos colectivos de colaboração de classes», afirmaram.» Este contrato destina-se a colocar a classe operária a reboque da burguesia».

A direcção embora defenda o Contrato Colectivo Vertical da Construção Civil, que abrange 200 mil trabalhadores, submeteu-se à vontade dos seus associados, que são cerca de oito mil.

A geeve entretanto continuará até que o patronato se sente à mesa das negociações.

Esta noite efectua-se na sede do Sindicato, uma assembleia geral de delegados sindicais para fazer de novo o ponto da situação e traçar formas de luta conducentes à solução.

A propósito da situação gerada pela greve dos electricistas da ENI, informaram-nos do Sindicato que ela foi «criada pelo patronato e pelo Ministério do Trabalho que se pretende manter como espectador Nós, trabalhadores, apenas pretendemos negociar um C. C. T. ao abrigo da lei elaborada pelo Governo».

1 SEMANA EM LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP;
TODOS OS DOMINGOS
Junho 6, 13, 20, 27
Julho 4, 11, 18, 25
Agosto 1, 8, 15, 22, 29
Preços excepcionais desde *
3.850$
* a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação "fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu"
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundado em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 180 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sofia, 2 • Telef. 29010
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25095/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Nacional

CAPITÃO SOUSA E CASTRO AO "DL"

"A DIREITA TEM TIDO O DESPLANTE DE ME ATACAR..."

Entrevista de J. CANDIDO DE AZEVEDO

A onda terrorista que a partir de determinada época passou a varrer o País, visando particularmente indivíduos progressistas ou partidos de esquerda, o aparecimento de jornais que veiculam ideias de regresso ao fascismo, a libertação de indivíduos comprometidos com acções reaccionárias, e outros factos que visam (e têm conseguido, em parte, os seus objectivos) desestabilizar a situação no País, são ponto de partida para perguntas que «DL» fez ao capitão Sousa e Castro, do Conselho da Revolução.

Nomes da contra-revolução, dos quais se destacam Spínola e Alpoim Calvão, são também evocados, a propósito do à-vontade com que personagens tão altamente comprometidas com o MDLP dão entrevistas a jornais que se editam e se vendem em Portugal. A Imprensa privada, e a estatizada vieram também à baila, «pois há órgãos de Comunicação Social estatizados que vão para os Açores dar cobertura ideológica ao separatismo, e às ideias violentas que estão relacionadas com o separatismo», enquanto um matutino do Porto dá cobertura às violências que se têm registado no Norte. Quanto ao surto terrorista, diz-nos Sousa e Castro que «o CR nunca recebeu do Governo nenhum relatório».

«D/L» — Há inúmeros democratas, em todos os sectores das forças progressistas, que se sentem à mercê das actividades terroristas. Este sentimento de insegurança muito grande face a essas actividades parece resultar do facto de crerem que a direita terrorista age impunemente e que não há uma actuação constante e de envergadura por quem de direito contra esse tipo de actividades.

Que pensa sobre o assunto?

Que medidas têm sido tomadas, ou estão em vias de o ser, para neutralizar as organizações da direita terrorista?

Sousa e Castro — É um facto que se têm realizado, sobretudo a partir de uma determinada fase do processo político, uma série de actos de violência que partem necessariamente de forças antidemocráticas, e que têm visado na sua grande maioria, figuras ou até instalações de partidos de esquerda.

Estas acções têm sido mais nítidas em determinadas alturas e em determinadas áreas geográficas, e eu considero, pessoalmente, que talvez não se tenham tomado as medidas mais convenientes, ou pelo menos mais eficazes para neutralizar os fautores destes atentados à democracia.

É claro que estas acções violentas, quer aquelas que têm sido levadas a cabo materializadas por atentados bombistas, quer as acções violentas sobre pessoas, mas por outras métodos, desde a coacção física, à agressão física, até à coacção psicológica, têm sido levadas a cabo por forças antidemocráticas, que quanto a mim estão perfeitamente defendidas o sector das forças que dominavam o nosso País, e que portanto, constituíam o suporte do sistema fascista.

A IMPRENSA DA EXTREMA-DIREITA DÁ COBERTURA A TERRORISTAS

«D/L» — Aqueles que, a partir de Espanha, desenvolvem actividades terroristas no nosso País, parecem estar a incentivar a criação de estruturas legais de intervenção, e alguns jornais de direita radical surgidos ou reaparecidos ultimamente parecem ser directamente animados por certos militantes da organização terrorista. Trata-se, de resto, de um problema que tem preocupado o Conselho da Revolução.

Como encara este aspecto do problema? Que actuação julga deverem seguir as entidades competentes relativamente àquela imprensa que hostiliza abertamente não só o 25 de Abril como todos os militares que tiveram a coragem de romper com um regime totalmente antipopular e antidemocrático?

Sousa e Castro — Esta pergunta sugere-me de facto a lembrança de uma realidade preocupante no nosso País neste momento, e que quanto a mim é a existência de uma imprensa de extrema-direita, de uma imprensa fascista, perfeitamente declarada. Você chama-lhe aqui de direita radical, pois não é direita radical, a direita radical pode fazer o jogo democrático; essa imprensa que tem aparecido não o faz e nós podemos perfeitamente demonstrá-lo. É pegar num desses jornais e verificar que eles atacam, não só o 25 de Abril, como a descolonização, como todo o processo democrático, e de consolidação das conquistas democráticas. A ser assim, esses jornais colocam-se no campo do fascismo, do neofascismo, incentivando, dando cobertura psicológica às acções terroristas, portanto, às acções violentas.

Eu penso que este factor tem sido essencial para salvaguardar a relativa impunidade dos autores dos atentados terroristas que se têm feito sentir no nosso País. Quer dizer: quando organizações ou pessoas agridem indivíduos de outras organizações, neste caso organizações democráticas e indivíduos normalmente considerados de esquerda ou progressistas, e têm a cobertura psicológica de uma imprensa que insulta, que desafia, e que portanto é uma espécie de base de apoio a essas actividades, ainda por cima sem estar limitada seja de que forma for, de facto eu penso que esta situação deve ser encarada com urgência, e portanto a existência desta imprensa, neofascista, é um dos factores essenciais para a existência do terrorismo.

"SE SANCHES OSÓRIO É UM DOS RESPONSÁVEIS DO M.D.L.P., É EVIDENTE QUE DEVERIA ESTAR PRESO"

«D/L» — Eu gostaria de saber, sr. capitão, se pensam responsabilizar, digamos, as pessoas que assumem a responsabilidade legal por essa imprensa, os directores dos jornais.

Sousa e Castro — Este problema tem sido discutido a vários níveis do poder político. Eu tenho a minha opinião pessoal. Considero — e isto parece que é pacífico —, que as liberdades não devem ser dadas aos indivíduos que atentam contra as liberdades. Isto é uma frase feita, um chavão digamos, mas que a não ser respeitado, no meu entender, haverá inexoravelmente a destruição das liberdades. Eu, nesse aspecto, estou perfeitamente à-vontade em dizer que, para além da crise económica que o próximo Governo, os próximos poderes instituídos terão que resolver, necessariamente — portanto, o relançamento da economia, em termos de satisfação das necessidades dos sectores da população mais desfavorecidos, e enfim, em termos de progresso e de justiça social —, para além dessa solução económica, económico-social para o nosso País, eu considero que se não for resolvido o problema do ataque frontal às acções antidemocráticas, violentas, e à imprensa, neofascista, e às actividades neofascistas, e aqui há que contar com uma Constituição que é extremamente liberal nesse aspecto; como sabe a Constituição, não impõe limites nenhuns, fala vagamente em organizações ou em ideologia fascista, depois o executivo é que terá que definir onde é que isso está, quem é que actua de maneira fascista ou quais são as organizações ou até os órgãos de comunicação que veiculam a ideologia fascista — se isso não for feito, se não for feito um ataque frontal, eu estou convencido que as liberdades correm risco a médio prazo.

«D/L» — Sr. capitão, os militares do 25 de Abril, em geral têm vindo a ser atacados pelas forças da direita, que inventam as coisas mais incríveis contra eles. Há, até, um caso muito específico nestas últimas semanas, que é o o do brigadeiro Vasco Lourenço; inclusivamente um desses jornais (I«Liberdade»), perguntava há dias atrás, se Vasco Lourenço não seria um novo führer. Nós sabemos que é altamente ofensivo e condenável falar-se nestes termos realtivamente ao brigadeiro Vasco Lourenço. Esse jornal, a «Liberdade», tem como director Sanches Osório, que me parece dever ter sido expulso das Forças Armadas, embora não esteja certo disso. De qualquer modo, o que é que lhe pode resultar desse facto?

Sousa e Castro — O que pode resultar desse facto é: pode não resultar nada; ou, se efectivamente o poder político estiver em condições de actuar, pois um jornal insulta uma pessoa, neste caso um chefe militar deverá ser punido por isso, para além do conteúdo ideológico, do próprio jornal, que terá que ser visto à luz daquilo que foi dito atrás. Se veicula a ideologia fascista, deve ser, pura e simplesmente punido. Apontou-me um exemplo, mas esses ataques têm sido numerosos, e têm atingido desde o Presidente da República, que tem sido tratado como em nenhum outro país civilizado é possível tratar-se um Presidente da República — até à minha pessoa.

No meu caso pessoal, a direita tem tido o desplante, os jornais reaccionários têm tido o desplante de me atacarem pela actividade que tem sido desenvolvida pela Comissão de Extinção, da PIDE/DGS-LP, como se esses reaccionários que estão à frente desses jornais, escrevem nesses jornais, de facto não tivessem vivido à sombra da PIDE, durante 48 anos. Portanto, invertem sistematicamente as situações e o que eu verifico — aliás, o Conselho da Revolução já se pronunciou publicamente sobre isso — verifico é que as organizações democráticas, as pessoas com responsabilidades na condução deste País, não têm assumido posições públicas corajosas. É evidente, eu não quero ser demasiado pessimista, mas de facto na minha terra há um ditado popular, eu penso que toda a gente o conhece em Portugal, que diz: «Só se lembram de Santa Bárbara quando troveja«; é evidente pois que quando o fascismo estiver mesmo às portas, quando esse sector dominar o aparelho burocrático, o aparelho de informação, ao nível mesmo de estruturas militares, etc., de facto nessa altura as pessoas começam a lembrar-se de Santa Bárbara, mas é possível que já seja tarde.

«D/L» — Sr. capitão, e relativamente ao Sanches Osório. Há alguma relação entre ele e as Forças Armadas actualmente? A actividade dele à frente por exemplo do «Liberdade» pode ser objecto de uma acção das Forças Armadas?

Sousa e Castro — Não sei qual é a situação de Sanches Osório; creio que é efectivamente ele o director desse jornal, mas já não é militar, está desligado, eu penso mesmo que ele já estava desligado do Exército antes do 11 de Março, na situação de licença ilimitada.

«D/L» — Crê que o surto terrorista se poderá intensificar nos próximos tempos?

Sousa e Castro — Isso é uma pergunta um pouco subjectiva. Eu penso que o surto terrorista em si mesmo será determinado pela evolução muito próxima, pelas eleições e pela evolução política nos próximos meses. Se efectivamente esses elementos e essas organizações não forem frontalmente contrariadas, e sobre elas não se exercer uma repressão, que é legítima, e democrática, é evidente que eles continuarão na sua acção até conseguirem os seus objectivos, é assim que eles actuam.

«D/L» — Sr. capitão, a quem cabe tomar essa decisão de combater essas organizações?

Sousa e Castro — Bom, em princípio é ao Governo. Eu li numa das suas entrevistas com os socialistas que é às forças militares que isso compete. Isso está errado. Não é às forças militares que compete essas decisões, mas sim ao Executivo. O Conselho da Revolução também tem tido poder legislativo, é evidente, mas de facto o Governo é que comanda as forças de segurança, as forças militarizadas, o Governo é que deve de facto velar pela segurança no País. Como instrumento o Governo tem as forças militarizadas, e em último caso, as forças militares, e então pede a esse instrumento para actuar. Mas não é às forças militares que compete agora definir, portanto, no campo por exemplo, da informação, quais são os jornais fascistas que veiculam o fascismo e quais o não são. Não é às forças militares que compete, para além do âmbito daquilo que diz respeito à segurança da organização militar, não é às forças militares que compete definir se uma determinada acção tem esta origem política ou aquela, etc. Penso que é o Governo, o próximo Governo que tem essa tarefa a executar, se não a executar não sobrevive, no meu ponto de vista.

«D/L» — O sr. capitão diz que isso compete ao próximo Governo, mas de qualquer modo ainda há um Governo, tem existido um Governo.

Sousa e Castro — Isso levar-nos-ia longe; mas é evidente que o Governo tem-se arrastado de certo modo penosamente, dada toda a situação política que se tem vivido. É um Governo provisório, de coligação frágil; as pessoas dizem publicamente que não se entendem. Como sabe, aquando das próprias negociações para formar o Governo os dois partidos dos extremos do Governo, tanto o PPD, como o PCP, nem sequer dialogaram, portanto é evidente que é um Governo precário.

NO 11 DE MARÇO HOUVE MESMO UMA REBELIÃO MILITAR

SE TIVESSEM GANHO TERIAM FUZILADO UMA SÉRIE DE PESSOAS»

«D/L» — Parece estarmos a assistir a uma «acção envolvente» de militantes e dirigentes da organização terrorista para regressarem em liberdade a Portugal. Essas pessoas poderão ser ouvidas e eventualmente responsabilizadas em relação a eventos aos quais se diz estarem ligadas, como o 11 de Março, ou serão igualmente responsabilizadas pela acção terrorista que têm desenvolvido?

Sousa e Castro — Fala aí em pessoas que poderão regressar a Portugal, pessoas que poderão estar ligadas ao 11 de Março, e da questão da responsabilização das pessoas em acções terroristas. Acontece que esta só pode ser feita se existirem dados, se existirem factos, elementos, indícios, que provem que as pessoas estiveram envolvidas.

Como sabe, tem regressado muita gente; sobre essa gente que tem regressado, eu não duvido que algumas dessas pessoas estiveram directa ou indirectamente envolvidas no 11 de Março; toda a gente diz — procurando esquecer o que foi o 11 de Março — toda a gente hoje se interroga sobre o que é que foi o 11 de Março, o que é que não foi o 11 de Março, eu estou perfeitamente àvontade para falar sobre o que foi o 11 de Março, pois eu não estava cá, só regressei no dia 17 de Março. Eu efectivamente não sei no fundo o que se passou no dia 11 de Março. Dos relatórios que li também me ficou uma ideia ainda não muito formada, mas o que é facto é que houve uma revolta militar, uma rebelião militar. Houve uma unidade da Força Aérea, que atacou uma unidade do Exército, aviões bombardearam uma unidade do Exército, há um morto, vários feridos, aviões ameaçaram a Presidência da República, chegaram a picar sobre o gabinete da Presidência da República, e portanto isto chama-se uma rebelião militar, portanto, no mínimo, houve uma rebelião militar. As pessoas que estiveram ligadas a essa rebelião militar, penso que se lhes deve pedir responsabilidades. Até porque, se eles tivessem ganho, se tivessem assumido o poder político, naturalmente teriam instalado aqui uma ditadura de direita, e teriam até liquidado e fuzilado uma série de pessoas. Mas enfim, a gente tem que aguardar o julgamento do 11 de Março, como o julgamento do 25 de Novembro, na esperança, de facto, que os tribunais consigam fazer justiça.

«No 11 de Março, se a direita militar tivesse ganho, teria fuzilado uma série de pessoas...»

«D/L» — E o relatório do 11 de Março? Ainda não foi publicado, salvo erro.

Sousa e Castro — Eu penso que sair, já saiu. Saiu o relatório do 11 de Março, não sei é se há intenção de fazer sair outro; o próximo acto deve ser o julgamento, penso eu.

«D/L» — Eu pensava que tinha saído um relatório preliminar, e que tinha sido prometido um relatório completo.

Sousa e Castro — Se é assim, se você tem razão, eu não sei, não me recordo se aconteceu assim; de facto, não vislumbro a publicação de qualquer outro relatório sobre o 11 de Março. Agora será o julgamento, apenas.

«D/L» — O sr. capitão respondeu que, relativamente à responsabilização de pessoas ligadas às acções violentas, terá que se provar se elas estiveram ou não envolvidas nelas. Põe-se uma questão: a quem é que compete averiguar da responsabilidade das pessoas que estão no estrangeiro, ou em Portugal, relativamente a essas acções violentas?

Sousa e Castro — Se elas estão relacionadas com o 11 de Março, é como a Polícia Judiciária Militar.

No que respeita a outras acções, há processos que correm pela Polícia Judiciária e pela Polícia Judiciária Militar. Eu próprio não sei muito bem como é que esses mecanismos funcionam; só lhe sei dizer é que o Governo de facto não tem uns serviços de informações. Nem tem, digamos, um corpo especializado para tratar de assuntos que visam a destruição do Estado quando tal. Como o fascismo tinha uma polícia política que se encarregava disso, disso no fundo que era aquilo que poderemos chamar o terrorismo legítimo, dado que se vivia em ditadura. Mas era uma polícia que fazia tudo, fazia a investigação, fazia o processo, a fase de instrução preparatória, depois eram remetidas a tribunal tinha as pessoas presas por tempos indefinidos, faziam o que lhes apetecia, e eu não estou a proclamar a feitura de uma polícia desse tipo (longe de mim tal ideia) mas acho que o Governo devia ter pelo menos um serviço de informação especializado, que lhe dissesse que a bomba que rebentou em tal sítio foi posta pela organização tal, tinha estes fins, etc., e os indivíduos que a puseram são estes e aqueles, depois remetia aquilo para os tribunais, para o poder judicial. Isso não tem sido feito, não há possibilidades de o fazer. Mas o Governo terá que providenciar para isto, nem que tenha que mandar vir técnicos estrangeiros.

«D/L» — Do que acaba de dizer poder-se-á então concluir que se há pessoas responsáveis por movimentos terroristas que estão neste momento em Portugal, em liberdade, as Forças Armadas não são responsáveis, mas o Governo...

Sousa e Castro — Em princípio somos todos, é evidente.

SANCHES OSÓRIO DEVIA ESTAR PRESO

«D/L» — Concretamente, Sanches Osório era um dos dirigentes do MDLP...

Sousa e Castro — Eu penso que ele próprio o afirmou, não sei. Mas não tenho elementos sobre isso, se efectivamente ele é um dos responsáveis do MDLP, se se provou que o MDLP fez acções terroristas, é evidente que ele deveria estar preso. Isto não seria pedir muito. Ele pelo menos deveria ser responsabilizado.

«D/L» — Parece que o Alpoim Calvão deu uma conferência de Imprensa a certos jornais, como o «Dia» e o «Tempo» não sei se a mais, em Trás-os-Montes, a semana passada, onde anunciou que regressaria em breve a Portugal.

Como reagiu a essa notícia, sr. capitão?

QUANTO A ALPOIM CALVÃO E A SPÍNOLA, ESPERO QUE AS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES ASSUMAM O SEU DEVER

Sousa e Castro — Bom. É evidente que o Alpoim Calvão é um — parece que ninguém tem dúvidas de que ele era o chefe de algumas organizações —, que eu penso que até reivindicaram atentados e acções violentas. Resta-me esperar que de facto as autoridades civis e militares, assumam o seu dever, no caso de indivíduos como esse. É claro tem sido exactamente essa modalidade de cobertura psicológica, que é feita desde indivíduos, portanto, isolados, como é o caso do Alpoim Calvão que dá entrevistas para jornais portugueses.

Quanto a Spínola, quando este fugiu, depois de ter liderado essa rebelião militar do 11 de Março, não há dúvidas nenhumas que ele, pelo menos numa determinada fase a liderou, depois até fugiu com material de guerra para o estrangeiro, pois ele até teve honras de 1.ª página em jornais, jornais estatizados, nem falo na Imprensa privada; em jornais estatizados. Pois há órgãos de comunicação social estatizados que vão para os Açores dar cobertura psicológica ao separatismo, logo portanto, quando um jornalista que é pago pelo Estado Português numa revista, que é paga pelo Estado Português, vai para as ilhas dar cobertura psicológica às ideias do separatismo, está a dar cobertura psicológica às acções violentas que estão relacionadas com o separatismo, e indivíduos destes não são presos. O poder judicial não denuncia um crime deste tipo, por outro lado, as autoridades militares talvez porque não tenham bem definido a sua esfera de acção, também não agem. Enquanto assim for, pois nós estamos a abrir o caminho a um sistema autoritário que será de direita mais ou menos fascista, liderado ou não por aqueles que se foram embora para o Brasil há dois anos e tal. Mas eu ainda tenho mais medo do que isso, porque se não forem esses indivíduos a vir são os pequenos fascistas que existem por aqui nos vários escalões do Poder que assumirão o Poder, e no entanto as pessoas ficam imperturbáveis. Dou-lhe este exemplo porque é um exemplo característico, pois eu há dias num órgão estatizado li exactamente isto: um jornalista foi aos Açores, um indivíduo que é pago pelo povo, o dinheiro do povo que votou de uma determinada maneira; dar cobertura psicológica às ideias de separatismo, portanto está a dar cobertura, está-se a co-responsabilizar com as acções violentas que forem feitas por aqueles que advogam o separatismo, uma doutrina anticonstitucional, antiportuguesa, antinacional. Mas enfim, as pessoas fazem isso alegremente, justificam isso tudo; tudo isso é justificado; têm sempre razões; em nome da liberdade faz-se sempre tudo, fazem-se os piores atentados à liberdade; talvez as pessoas quando trovejar se lembrem de Santa Bárbara, embora seja tarde, como se diz na minha terra, a esta hora já caiu a falsca.

Capitão Sousa e Castro: «As liberdades não devem ser dadas aos indivíduos que atentam contra as liberdades.»

"NÃO HÁ DÚVIDAS DE QUE SPÍNOLA LEVOU MATERIAL DE GUERRA"

Essa é a opinião que eu tenho sobre esses casos.

«D/L» — É conhecido de resto o papel que um certo matutino do Porto tem dado às violências terroristas no Norte do País.

Sousa e Castro — Isso é discutível. Eu não tenho isso presente. Referi-me há pouco a um jornal, que de facto fez uma entrevista ao ex-general Spínola; e fez louvações ao ex-general Spínola, mesmo depois de ele ter fugido.

«D/L» — Sr. capitão, para terminar, uma última pergunta. Nós até aqui falámos na responsabilidade que cabe ao Governo, aos militares. Mas as massas populares e as suas organizações, que papel é que elas deviam ter no combate ao terrorismo?

Sousa e Castro — Isto é um ponto muito polémico, pois não deve haver duas pessoas que tenham a mesma ideia sobre o papel que as organizações populares, portanto, as populações organizadas, poderão desempenhar na vigilância e no combate ao terrorismo, não só ao terrorismo político como às acções de delito comum, às acções de polícia.

É evidente que eu posso acreditar, que um partido político bem organizado, possa pôr os seus militantes a vigiar-lhes as sedes ou até os seus dirigentes — que é o que fazem — posso acreditar que, num ou noutro bairro exista uma comissão de moradores que até consira extirpar, digamos, o banditismo da área, e possa até evitar certas formas de terrorismo político. Mas eu não acredito muito que sem organizações especializadas, portanto, sem meios, sem dinheiro, alguém seja capaz de combater o terrorismo político que prolifera no nosso País, porque esse terrorismo político é um terrorismo político de facto, neofascista e como tal tem muito dinheiro. Portanto, são a bandeira de uma determinda forma de capitalismo; ou portanto quem os subsidia, subsidia-os fortemente, à larga, têm muito dinheiro. Todos os capitalistas deste País, podem — pelo menos aqueles que foram, enfim que foram para o estrangeiro, onde tinham tanto, ou mais dinheiro do que tinham aqui — pois eles estão perfeitamente abertos para subsidiarem aqui acções terroristas e grupos terroristas. Logo, portanto, é uma questão de organização, mas também uma questão de dinheiro, portanto a possibilidade de adquirir meios técnicos, meios humanos para combater o terrorismo político. Sem dinheiro, sem meios técnicos, a gente sabe que a Polícia Judiciária não tem equipamento, pois ainda há pouco tempo eu tive oportunidade de saber o que é que se passava na Polícia Judiciária em termos de carência de materiais; e uma coisa perfeitamente incredibilíssima: não tinham dois automóveis ligados pela rádio, por meios rádios, não tinham dois automóveis; não tinham isso. Eles não tinham meios financeiros para, por exemplo: pôr um agente numa rede de droga, para conseguir, portanto, ter dinheiro disponível para se meter numa rede de droga, e comprar a droga, e conseguir sudornar, subornar no bom sentido, evidentemente, para conseguir meter-se naquele mundo.

Há pouco tempo eles fizeram uma captura de armas de guerra, e eu recordo-me perfeitamente que eles precisaram de dinheiro, tiveram que me vir pedir dinheiro, foi por intermédio do general Eanes, de mim próprio e da Presidência da República, que arranjámos dinheiro, porque eles de facto não tinham dinheiro, ainda lhes arranjámos umas centenas de contos, para eles poderem actuar na rede de tráfego de armas, só para mostrar o dinheiro, as notas, nem sequer eram para trânsito nacional porque eles depois apanharam-nos.

Isto revela até que ponto as nossas polícias estão equipadas, não têm nem autonomia financeira, nem meios técnicos, nem meios humanos. A ser assim é evidente que qualquer pessoa pode praticar o terrorismo político aqui, é muito fácil.

«D/L» — Nestes últimos meses, foram presos diversos indivíduos, directamente ligados a acções terroristas e sobre os quais não havia qualquer dúvida. Pode-se saber o que é feito disso? O que é feito desses homens? Estão em liberdade ou não estão? O que é que disseram...

Sousa e Castro — Não tenho quaisquer elementos para lhe responder. Nem sei o número de pessoas, nem o tipo de pessoas, nem porque razões é que foram presos. Não tenho quaisquer elementos. Sei que há pessoas que se indicam que entram não só em acções terroristas, como em acções de violência física, etc., o caso dos célebres indivíduos de Braga. Ainda anteontem no seu jornal, lá vinha os mesmos indivíduos, os mesmos ciganos os mesmos nomes; pois eu estranho imenso que as autoridades militares, ou policiais, não tenham pelo menos desmentido publicamente que esses homens não são criminosos, mas no entanto eles continuam sem o desmentido e sem serem presos.

"NÃO VISLUMBRO A PUBLICAÇÃO DE QUALQUER OUTRO RELATÓRIO SOBRE O 11 DE MARÇO"

«D/L» — O Conselho da Revolução nunca recebeu do Governo nenhum relatório sobre essas actividades...

Sousa e Castro — Não. O Governo nunca fez nada, naturalmente porque está à espera que aconteça o contrário, naturalmente tem esperado que seja o Conselho da Revolução a fazer-lhe um relatório sobre as actividades terroristas.

«D/L» — O Conselho da Revolução fala de vez em quando nesses problemas?

Sousa e Castro — Fala e os serviços de informações militares têm elementos, mas é curto, não chega. Tem que haver indivíduos especializados, organizações especializadas, para dar combate a este tipo de terrorismo, e o Governo é responsável por isso, não são os militares.

A CARRIS INFORMA:

«PASSES SOCIAIS»

A fim de facilitar ao público a aquisição dos bilhetes de transporte para JULHO, destinados ao cartão de identificação de assinante, funcionarão — além dos principais — os seguintes Postos de Venda nos locais e horários a seguir indicados:

Das 9.00 às 19.00 horas

— Campo Pequeno
— Estrela (eléctricos)
— Moscavide

Das 12.00 às 15.00 e das 16.00 às 19.00 horas

— Algés
— Benfica
— Cais do Sodré (autocarro no lado Sul)
— Gomes Freire
— Graça
— Poço do Bispo
— Rato
— Rossio (autocarro na placa central, frente ao Teatro)
— Sete Rios

Estes Postos funcionam de 24 de Junho a 2 de Julho, à excepção dos dias 26 e 27 (Sábado e Domingo).

NOTA: Os cartões de identificação de assinante só podem ser requisitados de 2.ª a 6.ª feira nos postos principais e nos dias e horários a seguir indicados:

De 24 de Junho a 2 de Julho

Santo Amaro, Arco do Cego, Cabo Ruivo, Santa Justa — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

De 2 de Julho a 6 de Julho

Santo Amaro, Santa Justa — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

A partir de 7 de Julho

Santo Amaro — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 16.00 h.
Santa Justa — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

PUBLICIDADE

GRANDE ENCONTRO DO ALMIRANTE
PINHEIRO DE AZEVEDO
COM O POVO DA CAPITAL

TODOS AO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

NO DIA 23 DE JUNHO, PELAS 21.30 HORAS

Nacional

F.I.L. 76 ENCERROU ONTEM

Almeida Costa visitou "stands" da P.S.P. e G.N.R.

Um colóquio, no qual participaram o secretário de Estado do Tesouro e os subsecretários de Estado do Comércio Externo e dos Seguros, e a visita, ontem à tarde, do ministro da Administração Interna, comandante Almeida e Costa, constituiram os momentos mais altos da última jornada da Feira Internacional de Lisboa, a mais importante manifestação económica e expositiva que anualmente se promove em Portugal, que este ano envolveu 300 mil visitantes, mil expositores e 14 representações oficiais.

Ao empreendimento que a FIL é, como obra de trabalhadores que «com inteligência e imaginação, esforço e perseverança, edificaram coisas tão importantes como esta Feira de projecção internacional» (palavras do Presidente da República, anteontem ao comentar o que a FIL, em sua opinião, representava), corresponderam as trocas e propostas adiantadas, além da multiplicidade de artigos expostos pelos países do Mercado Comum e do Leste.

Ao visitar os «stands» da PSP e da GNR na FIL, o comandante Almeida Costa salientou aos jornalistas presentes que as autoridades ali tinham como primordial missão «apoiar e contribuir para a criação de uma imagem mais eloquente da PSP e da GNR», além de ter também referido o carinho com que «o público tem reagido a esta e outras iniciativas».

Almeida Costa foi recebido nos pavilhões da PSP e da GNR, respectivamente, por Fernandes Caldeira e Passos Esmeriz, comandantes-gerais daquelas corporações, que o ciceronearam na pormenorizada observação dos elementos postos à disposição do público e a todos expostos. No «stand» da PSP, o ministro da Administração Interna foi obsequiado com uma pequena lembrança da corporação.

M/ 6 anos

TOIROS

NAS CALDAS DA RAINHA

PELA PRIMEIRA VEZ NESTA CIDADE, UM
SENSACIONAL CARTEL DE LUXE

CAVALEIROS
OS DOIS GRANDES DE PORTUGAL

MESTRE RIBEIRO — JOSÉ MESTRE

TELLES BATISTA

ESPADAS

APRESENTAÇÃO DO MAIS ARROJADO MATADOR MEXICANO DE TODOS OS TEMPOS

LUIS PROCUNA (Filho)

E AINDA O MATADOR

JOSÉ Manuel PINTO

IDOLO DO TOUREIO PORTUGUÊS

Serão lidados para cavalo TOIROS de J. M. Pedroso, de 470 Kg. e para Pé TOIROS de A. Henriques da Silva, de 390 Kg.
AS PEGAS ESTÃO A CARGO DO FAMOSO GRUPO DE FORCADOS DAS CALDAS DA RAINHA

NÃO FALTE!! A ESTE GRANDE ACONTECIMENTO
7 — BRAVOS E GORDOS TOIROS — 7
5.ª FEIRA, DIA 24 — Às 18.30 horas
Por ocasião da FEIRA DE SÃO JOÃO

BILHETES À VENDA NA PRAÇA DE TOIROS
E NAS AGÊNCIAS HABITUAIS DAS CALDAS DA RAINHA
EM LISBOA, À VENDA NOS RESTAURADORES, AGÊNCIAS A. B. E. P.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

Sede: Rua Joaquim António de Aguiar, 66, 3.º — Lisboa

ELEIÇÕES

1. Realiza-se no próximo sábado, dia 26, as eleições para os Corpos Gerentes do nosso Sindicato. Estas eleições deverão constituir uma jornada democrática na qual todos os trabalhadores associados do Sindicato devem participar.
2. A importância de que se reveste a realização destas eleições para todos os trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos já foi inúmeras vezes apontada. Na verdade, para além de se considerar que o voto é já uma forma de participação, todos devemos ter presente que, com estas eleições, com o voto de cada um de nós, escolheremos uma Direcção que iniciará um novo período na vida do nosso Sindicato.

O SINDICATO PRECISA DA TUA PARTICIPAÇÃO NAS ELEIÇÕES DO DIA 26

3. A Assembleia Eleitoral abrirá às 9 horas e encerrará às 21 h.

Funcionarão Assembleias de Voto nas seguintes localidades:

LISBOA — Sede do Sindicato — R. Joaquim António de Aguiar, 66
Para os sócios que votam na sede do Sindicato (Lisboa) funcionam oito mesas de voto: as sete primeiras no 2.º andar, e a oitava no 3.º andar.
AMADORA — Pavilhão Académico da Amadora — Rua António Correia, n.º 9 (Centro da Amadora)
QUELUZ — Grupo Desportivo de Queluz — Rua Bernardo Pereira (junto ao Quartel RIOQ)
OEIRAS — Bombeiros Voluntários de Oeiras — Largo 5 de Outubro
CARREGADO — Associação Desportiva do Carregado
PORTO — Delegação do Sindicato — Rua da Constituição, 319
COIMBRA — Delegação do Sindicato — Av. Sá da Bandeira, 110-2.º

Lisboa, 22 de Junho de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Alexandre Pereira de Jesus

Estrangeiro

"ROMA É VERMELHA"

Triunfo comunista na capital italiana

. ROMA, 23 — (ANOP) — Dezenas de milhares de comunistas desfilaram ontem à noite pelo Monte Capitolino, assinalando o triunfo nas eleições para o Conselho Municipal da capital do catolicismo.

Mão na mão, os jovens comunistas dançaram de roda numa praça desenhada por Miguel Angelo. Outros subiram para a estátua equestre de Marco Aurélio e envolveram-na de bandeiras vermelhas.

«Roma é vermelha e a Itália sê-lo-á» — gritava a multidão, ao desfilar da sede do Partido Comunista para a Câmara Municipal, a um quarteirão.

«O nosso partido é forte e grande» — declarou à multidão Giancarlo Pajetta, um dos mais antigos dirigentes do PCI.

Até mesmo alguns sacerdotes fizeram camapanha a favor dos comunistas, no Município de Roma, apesar de um solene aviso de Paulo VI que os considerou «traidores».

Sarcedotes e grupos católicos foram mobilizados para tentar conter o avanço comunista. Mas com menos de um terço dos romanos indo regularmente à missa dominical, cada vez menos eleitores respondem aos apelos pontifícios.

Os comunistas prometeram trazer para Roma a administração de tipo social que tornou Bolonha, há trinta anos administrada por militantes do PCI, uma cidade modelo.

Os comunistas tinham evitado um júbilo exagerado quando na segudan-feira, à noite surgiram os resultados das eleições para o Senado e a Câmara dos Deputados, mas ontem, à noite os resultados das eleições municipais e provinciais foram mesmo celebrados com grande alegria.

A subida do PCI nas municipais de Roma foi de quase dez por cento em relação às eleições de 1971, tendo conseguido ultrapassar a Democracia Cristã.

Com trinta dos oitenta lugares da Administração municipal em seu poder, os comunistas esperam conseguir que o Presidente da Câmara seja um marxista.

Existem já coligações de comunistas e socialistas a governarem os municípios de Turim, Milão, Veneza, Génova, Bolonha, Florença e Nápoles, pelo que com o triunfo em Roma se conseguiu ter administrações de esquerda em todas as grandes cidades da Itália.

Roma foi o maior de 131 municípios onde se efecturaram eleições locais no domingo e na segunda-feira em simultâneo com as eleições legislativas nacionais.

«A nossa cidade é hoje a bem merecida apital da Itália, a capital de um país que se desloca para a esquerda» — declarou outro dos oradores comunistas nas manifestações de ontem à noite, o senador Paolo Bufalini.

Dezenas de milhares de militantes participaram na campanha eleitoral, e Pajetta dirigiu-se-lhes ontem à noite, nos seguintes termos: «A nossa palavra é a usual. Trabalhastes. Voltai ao trabalho».

Entretanto a formação do trigésimo nono governo italiano desde a queda do fascismo passou para a arena das negocições entre os grandes partidos.

Os democratas cristãos, obtiveram obtiveram o primeiro lugar nas eleições nacionais do início da semana, mas os comunistas avançaram bastante, na fortificação do segu segundo lugar, e pretendem participar numa coligação governamental.

Tanto os dirigentes da Democracia-Cristã como os do PCI e os do PSI efectuam reuniões especiais hoje e amanhã para determinar a atitude a tomar quanto à constituição de novo governo.

Os socialistas que obrigaram a realizar estas eleições um ano antes do que seria normal por terem retirado o seu apoio parlamentar ao governo democratico cristão de Aldo Moro, aparecem novamente como força dominante na Constituição de qualquer gabinete.

O secretário do PSI Francesco de Martino, afirmou esperar que o seu partido recuse a entrada num governo que não tenha a presença dos comunistas e os pequenos partidos do Centro e centro-direita (Republicano, Liberal e Social-Democrático) poderia conseguir uma maioria de lugares na Câmara dos Deputados).

SME O PSI mantiver a sua recusa de estar num governo que não tome em conta os comunistas a Democracia Cristã poderá ser obrigada a pelo menos, prometer consultar o PCI quanto aos princiapsi assuntos da política nacional.

Mas os avanços comunistas, só por si, já fazem com que a Democracia Cristã tenha de pensar muito a sério no PCI talvez consultando-o regularmente, mesmo que não admita como parceiro de Governo.

"SALYUT-5" EM ÓRBITA

Provável lançamento de cosmonautas

. MOSCOVO, 23 — (R.) — Uma nova estação espacial soviética, a Salyut-5 orbitava hoje a Terra, e havia indícios de que os soviéticos a utilizariam para tentar bater o recorde americano de 84 dias de permanência humana no Espaço.

A agência noticiosa soviética «Tass» anunciou a noite passada que a nave não tripulada foi lançada ontem para realizar estudos científicos e ajudar a aperfeiçoar a construção de estações espaciais.

Mas a julgar pela experiência das últimas duas «Salyut», observadores disseram ser provável que dois cosmonautas fossem enviados dentro de duas ou três semanas para tripular o laboratório voador.

A Tass não dava qualquer informação sobre o que havia sucedido à sua predecessora, a Salyut-4, que, de acordo com as últimas informações, estaria ainda a funcionar em voo automático depois de servir de lar para duas tripulações sucessivas ano passado.

Mas parecia provável que a estação, lançada há 18 meses, tinha alcançado o fim da sua vida habitável e podia ter sido reconduzida para terra, sendo carbonizada na atmosfera terrestre.

A última tripulação da Salyut-4 constituída por Pyotr Klimuk e Vitaly Sevastyanov, regressou à Terra em 26 de Julho do ano passado após 63 dias no espaço, não atingindo o recorde estabelecido pela terceira missão americana Skylab em 1974.

Artigos da Imprensa em Moscovo têm sublinhado que a estação orbital, é agora o principal ponto do programa espacial soviético, e observadores crêem que, com a sua experiência de prolongada vida no Espaço, os soviéticos estão agora prontos para ultrapassar a marca americana.

A Tass disse que a Salyut-5 estava em órbita a uma distância de entre 210 e 260 quilómetros da Terra num ângulo de 51,6 graus em relação ao Equador muito semelhante à órbita da sua predecessora.

Os sistemas de bordo estavam a funcionar normalmente, acrescentou a agência.

O lançamento de ontem foi a primeira aventura espacial soviética importante desde que a nave não tripulada Soyuz-20, transportando animais, insectos e plantas, acoplou com a Salyut-4 em Novembro passado e regressou à Terra em Fevereiro.

De acordo com a Imprensa Soviética, as observações a partir de estações espaciais contribuem para solucionar problemas económicos na Terra. Especialistas ocidentais creem que desempanha também um papel militar.

Durante os dois meses a bordo da Salyut-4 de 19 toneladas, Klimuk e Sevastyanov reuniram 50 quilos de material científico em filmes e resultados experimentais de fotografia terrestre e investigações do Sol e de fontes de raio-x espaço exterior.

Além dos seus notáveis êxitos, o programa Salyut foi assinalado por alguns fracassos e uma tragédia.

Em 1971, três cosmonautas que regressavam de uma estada de tres semanas na Salyut-1 morreram quando a sua nave Soyuz-11 se despressurizou ao reentrar atmosfera terrestre.

A Salyut-2, lançada na Primavera de 1973, parece ter-se desintegrado no Espaço. A Salyut-3 foi visitada em Julho de 1974 pela tripulação de dois homens da Soyuz-14, mas dois meses depois a Soyuz-15, tripulada, não conseguiu acoplar com aquela e regressou a Terra.

Manifestação em Madrid contra o Governo

MADRID, 23 — (ANOP e R) — A polícia de intervenção carregou sobre grupos de manifestantes e disparou bombas de fumo nas principais ruas de Madrid, a noite passada, durante um dos maiores comícios antigovernamentais desde o fim da guerra civil de 1936-39.

Entoando «Amnistia, Amnistia», os manifestantes atravessaram a área comercial da capital, a Gran Via. A polícia carregou repetidamente sobre eles e voltou mesas de cafés para os atingir com bastonadas nos braços e pernas.

Foram feitas várias prisões, quando a polícia tentou afastar do centro 10 000 trabalhadores e donas de casa que anteriormente haviam realizado uma ruidosa manifestação de protesto contra a alta do custo de vida e em apoio de amnistia a presos políticos.

A manifestação, de 30 minutos, foi autorizada no âmbito da legislação governamental aprovada o mês passado, abrandando o firme controlo das reuniões políticas.

A multidão entoou estribilhos pedindo ao Governo que ataque o custo de vida, e também «Amnistia, Liberdade» e «O povo unido jamais será vencido».

A polícia de intervenção, fortemente armada, manteve-se de prevenção para se assegurar de que o comício terminava ao cabo dos 30 minutos concedidos.

Mas quando centenas de manifestantes continuaram a gritar, «Liberdade» e «Abaixo o Governo», à medida que abandonavam a área, a polícia carregou. Agentes arrastaram vários manifestantes de bares e atingiram-nos na cabeça, segundo testemunhas oculares.

Seguidamente dispararam bombas de fumo para dispersar os manifestantes que se haviam reagrupado para gritar «Abaixo o Controlo Salarial».

Em Barcelona também se realizou anteontem uma manifestação autorizada em que se pedia amnistia laboral.

Participaram, segundo a Imprensa, mais de oito mil trabalhadores.

A manifestacão correu em perfeita ordem com os contingentes da polícia a pequena distância.

Foi cantada a «Internacional» com os punhos ao alto.

Em Saragoça, e também com autorização, de acordo com as recentes normas aprovadas, realizou-se uma manifestação de trabalhadores de uma empresa local pedindo a readmissão de companheiros despedidos.

Entretanto, cerca de 13 mil pessoas assistiram ontem, em Barcelona, ao primeiro comício socialista que se realizou em Espanha, autorizado pelo Governo, desde o fim da guerra civil, em 1939.

«BUNKER: ANTI-ESPANHA»

«Cada triunfo do «Bunker» é uma machadada em Espanha.

«O 'Bunker' é a anti-Espanha» — declarou hoje à agência E. F. E. o vice-secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol, sector histórico, Manuel Murillo.

Na actual terminologia política espanhola denomina-se «Bunker» o sector da extrema-direita, que se considera a si própria como único depositário da ortodoxia franquista.

Mensagem do P.C.P.

. Através do seu Comité Central, o PCP enviou uma mensagem de «calorosas felicitações» ao PCI pelos resultados eleitorais obtidos, na qual exprime a esperança de que tais resultados se traduzam numa participação comunista no Governo italiano.

Também o PC da União Soviética enviou felicitações ao PCI, considerando que o êxito deste é o «êxito de todas as forças de esquerda e democráticas do nosso continente», acrescentando que mais uma vez fica demonstrado que sem a força representada pelo PCI não se podem resolver os problemas do país.

Cristãos e muçulmanos lutam em Beirute

. NICOSIA, 23 — (ANOP) — Violentos combates eclodiram esta noite nos subúrbios Norte e Nordeste de Beirute entre cristãos e muçaulmanos anunciou a Rádio de Beirute, controlada por muçulmanos e captada em Nicosia.

O Exército Árabe Libanês, que apoia palestinianos e mulçumanos, bombardeou com artilharia pesada, durante várias horas, diversos bairros cristãos.

Foram ainda trocados tiros de artilharia e metralhadora entre o sector cristão, na zona Oriental da capital e o muçulmano, na Ocidental.

Todavia, a luta parece ser mais acesa junto dos campos de refugiados palestinianos de Tal Zaatar e Jisr El-Pasha, 3 quilómetros a Nordeste de Beirute.

A estação acusou as forças cristãs da falange e de partidos liberais de estarem a procurar conquistar os campos e o bairro de Nabaa, um enclave muçulmano na zona cristã da capital libanesa.

Caleidoscópio

. VIENA, 23 — (ANOP) — Um neurologista austríaco, o professor Walther Birkmayer, dirige a equipa média que assiste ao presidente da República Popular da China, Mao Tsé-tung, segundo informou ontem o diário vienense «Kurier».

LONDRES, 23 — (ANOP) — O presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing prossegue hoje a sua campanha para o estreitamento e a melhoria das relações o seu país com a Inglaterra, com vista a atingir o nível das que existem entre a França e a República Federal da Alemanha.

Giscard d'Estaing fez fortes sugestões no sentido de que deseja encontros regulares entre os dirigentes governamentais franceses e ingleses, pouco depois de ter chegado ontem a Londres, para uma visita oficial de cinco dias à Inglaterra

BOGOTÁ, 23 — (ANOP) — A rádio nacional da Colômbia anunciou às 23 horas TMG de ontem o levantamento do estado de sírito em todo o país.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

ENSINO SUPERIOR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os professores sindicalizados do Ensino Médio e Superior para um Plenário a realizar na **sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, no dia 23 de Junho de 76, pelas 21.30 horas**, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Aprovação do Caderno Reivindicativo
3. Articulação com outras zonas

O Secretariado Geral de Sector

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

A ATLÂNTIDA ESTÁ PRÓXIMA

«Rapport Sur L'Atlantide», de Rui Mesquita. Adaptado do português por René-Jean Popuart. *Encenação:* Rui Mesquita. *Sonoplastia:* Jacques Herbert. *Colaborador:* Robert Romeo Lopez. *Interpretação:* Bernard Damien e Philippe Vassiliev. Grupo «Théâtre de l'Esprit Frappeur». *Casa da Comedia.*

Com o patrocínio da embaixada da Bélgica e o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, deslocou-se a Portugal o «Théâtre de l'Esprit Frappeur», de Bruxelas, que apresentou, em francês, um original de autor português: «Rapport Sur L'Atlantide» (Relatório Sobre a Atlântida), texto e encenação de Rui Mesquita. Este autor trabalhou no teatro português, tendo feito o belíssimo cenário para a peça de António Patrício, «O Fim», encenada por Jorge Listopad na Casa da Comédia, e trabalhado como actor no Teatro Estúdio de Lisboa.

Texto onde é possível encontrar múltiplas ressonâncias, tanto a nível estético como ideológico, o que nele desde logo impressiona é o facto de constituir um todo com o próprio espectáculo. Essa unidade em que não é possível distinguir o que é escrita preexistente e escrita cénica única forma de ser teatro só é prejudicada pelo facto do todo se situar numa zona crítica que nos surge já convencional, tanto no que se refere às propostas de análise política como no que se refere à criação de signos cênicos. Desde a criação de um espaço de combate (através de um cordel que limita o rectângulo de um ringue de boxe) ao uso da cruz ou à marcação em câmara lenta, são inúmeros os lugares comuns deste trabalho embora saudavelmente postos em questão pela carga irónica que os marca.

Interessou-nos no espectáculo, para além da crítica que veicula de um mundo inviável, de uma sociedade inaceitável, a extraordinária capacidade de mutação não só da escrita cénica como dos intérpretes. Essa passagem constante entre o que é a ficção da representação e o real de quem representa, a multiplicação de registos com que os actores estabelecem, com incrível facilidade, o trânsito entre as personagens, e entre elas e eles próprios, eis o que grandemente nos surpreendeu.

Trata-se, sob esse aspecto, de um trabalho praticamente impecável e que constitui um autêntico regalo para quem o aprecia. Para isso contribuiu, como já se entendeu, a qualidade dos dois jovens intérpretes (um dos quais, e sensacional) que revelaram uma dupla capacidade que não é vulgar encontrar reunidas: a do entendimento profundo do facto teatral, na realidade proposta, e a de abrir para o espectador esse facto teatral, mesmo aparentemente hermético. Essa assumpção do concreto teatral e essa comunicabilidade passam, obviamente, pela capacidade de expressão, a todos os níveis, dos intérpretes.

É ainda de sublinhar, de acordo com a qualidade dos elementos que constituem o espectáculo, a força e a adequação da banda sonora.

"Rei Ubu" estreia sexta-feira

Está marcada para sexta-feira próxima a estreia da peça «Rei Ubu», pelo Conjunto Cénico Caldense, que será levada à cena, pelas 21.30 horas, na Casa da Cultura das Caldas da Rainha.

Entretanto, estão previstos outros espectáculos nalgumas localidades da região: na Nazaré, no teatro Chaby Pinheiro, no dia 26; de novo nas Caldas, no dia 3 de Julho; no Bombarral, no teatro Eduardo Brazão, no dia 4; em Alhandra, e na Sociedade Euterpe Alhandrense, no dia 24.

Teresa Silva Carvalho canta Fernando Pessoa e outros poetas

Teresa Silva Carvalho, num novo long-playing, ganha para o fado, criações poéticas de alguns dos grandes nomes da nossa literatura, entre os quais: Fernando Pessoa, Sá Carneiro, Florbela Espanca, António Botto, António Gedeão, e o poeta popular Aleixo.

Assim, com o recurso a um tema musical clássico como é o fado, ouvimos nesta última gravação de Teresa os poemas «Dispersão», de Mário de Sá Carneiro, «Árvores do Alentejo», de Florbela Espanca, «Choram meus olhos» de António Botto, «Amor total», de Manuela de Freitas, «Impressão digital», de António Gedeão, «Quadras populares», e «Ilusão perdida», de Fernando Pessoa, «Coração ferido de amor», de Maria Aires de Campos, «Um grande amor», de Fernanda de Castro, e «Coisas do Aleixo», de António Aleixo.

Acompanham Teresa Silva Carvalho, à guitarra, Fontes Rocha, à viola, Pedro Leal, e em viola-baixo Joel Pina.

José Luís Tinoco assina a capa do disco, edição Arnaldo Trindade.

O «Cantico Final» de um cineasta

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"CÂNTICO FINAL" DE MANUEL GUIMARÃES

FICHA:

Realização: Manuel Guimarães (Portugal 1974/75)
Argumento: M. Guimarães, **baseado no romance homónimo de** Vergílio Ferreira
Fotografia: Abel Escoto
Música: Joly Braga Santos
Montagem: M. Guimarães e Clarisse Guimarães, **concluída por** Dórdio Guimarães.
Coreografia: Luna Andermatt
Interpretação: Rui de Carvalho, Manuela Cardo, Fernando Curado Ribeiro, Varela Silva, Ana Zanatti, Simone de Oliveira, Benjamim Falcão, Maria Olguim, Ana Helena, João Maria Tudela, etc.
Cinema: S. Luís
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quis o destino (que como toda a gente sabe é coisa que não existe) que este filme, um de entre o plano de produção do IPC em 1974 e nem sequer dos mais aguardados, estivesse reservado um papel exemplarmente revelador de algumas das contradições, no referente à arte e ao artista, em que se debate a burguesia.

Morto Manuel Guimarães, antes que este seu derradeiro filme fosse concluído, imediatamente se criou em torno de **Cântico final** uma aura premonitória e fatalista, uma teoria amplamente espalhada da identificação do artista com o seu personagem, e outros jogos necrófilos de quem, sem respeito pelos mortos, pretende agora, de qualquer maneira, erguer de Guimarães um retrato postumo inexacto e, para mais, profundamente injusto.

Confessava-nos Manuel Guimarães, na Figueira da Foz, em Setembro de 1974, as suas profundas dúvidas e receios face a uma obra que ele amava (e que era o seu primeiro filme em completa liberdade) mas que temia não possuir a força necessária e que ele desejava definitiva. Já nessa altura a morte era uma constante no seu diálogo informal entre duas projecções do Festival e pressentia-se a urgência que Guimarães punha neste seu filme.

Para quem (como nós) conhecera este realizador apenas pelos seus filmes, ficara-nos a impressão de ser uma personalidade menor de um certo neo-realismo com alguma força e bastantes limitações mas, apesar de tudo, escorreita e com o interesse particular de ser um realizador relativamente singular nos últimos vinte anos do cinema português. O breve contacto pessoal que tivemos, posteriormente, com Guimarães não desmentiu essa impressão. Cremos não andar muito longe da verdade se afirmarmos que Guimarães estava, em 1974, a sentir-se ultrapassado por um quotidiano que avançava décadas ao longo dos meses e onde o tempo real se subvertia numa arrancada que alterava um ritmo morno que durante muitos anos empapara este País.

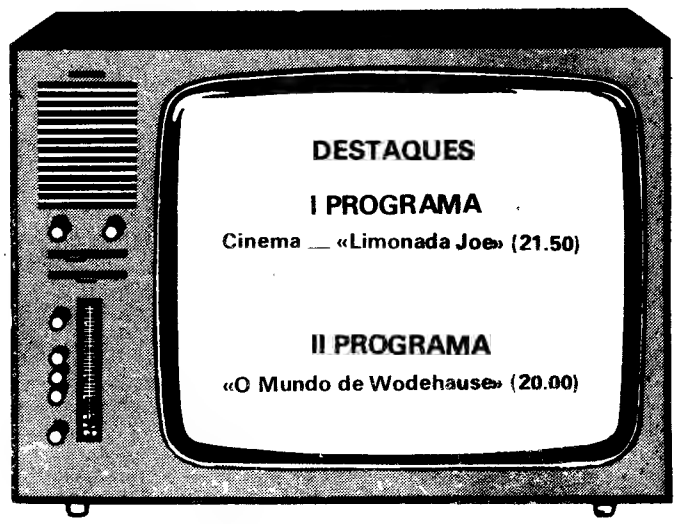
Cântico final reflecte, antes de tudo, essas imensas hesitações ante o quotidiano. É um filme a querer dizer um discurso que passa, constantemente, ao lado e que resvala, todo o tempo, para o melodrama fatídico que, aliás, as funéreas interpretações de Curado Ribeiro, Manuela Cardo, Varela Silva, Simone de Oliveira e por aí fora (salvando-se **in extremis** Rui de Carvalho) ajudam a erguer. Vê-se nitidamente, ser este um terreno movediço para o realizador, longe de uma problemática mais próxima do povo que era a sua. O retrato que aqui se dá da burguesia é o do involuntário empolamento à D. Maria, o de uma ridícula gravidade.

E isto é profundamente trágico. Não se assiste a **Cântico final** sem uma forte tensão; não é agradável de ver, para mais postumamente, um homem em derrocada. Derrocada que, por outro lado, é a de uma fotografia mais que deficiente, de uma iluminação inenarrável, de uma montagem (mas aqui as atenções devem centrar-se em Dórdio Guimarães) sem nenhuma noção do que tal coisa é.

Em poucas palavras, **Cântico final** é um desastre. Isso diríamos a Manuel Guimarães se ele cá estivesse para ouvir como sempre ouviu, para meditar como sempre meditou.

Isso não lhe recusamos, agora, quando o clima geral é de piedosa condescendência, de desculpa envergonhada. Ou, pior, quando alguns, directamente interessados, se descosem em laudas que nada adiantam nem à memória de um homem que valeu o que valeu (e foi mais do que os que, hoje, lhe acenam), nem à discussão da sua obra, nem ao cinema português que não vive de condescendências.

É isto que era preciso fosse, dolorosa mas friamente, afirmado.



Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

SEGREGAÇÃO: SIM OU NÃO?

Dizia-se que o Letria não voltava mais à Televisão portuguesa. Por isto e por aquilo. Talvez mesmo um pouco mais por aquilo do que por isto. Na realidade, porém, o Letria é uma pessoa extremamente simpática, com quem é difícil estar de mal e depois a vida é tão curta para que diabo vai a gente zangar-se, não é verdade?

Pois o Letria, lento e pesado como uma gota de azeite, veio dirigir uma informal mesa-redonda dedicada ao racismo se há ou não em Portugal. Para isso, convidou Pedro Morais e Pedro Burgos, da Associação de cabo-verdianos e guineenses, e o major Aparício, comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa. O tema de base consistia no linchamento do cabo-verdiano, durante, o enterro dos dois funcionários da Carris assassinados.

Evidentemente que o major Aparício está com razão. Se há sinais de racismo na nossa sociedade nesse facto não devem ser procurados. A tensão emocional desencadear-se-ia com qualquer outro alvo *viável*. Aliás, todos mais ou menos temos conhecimento de casos semelhantes, passados com brancos, que só por mero acaso não degeneraram em igual tragédia.

Isto não significa a não existência, entre nós, de casos de racismo. Evidentemente, *casos* é uma coisa, haver racismo, no que isso implica de segregação organizada por motivos raciais, é outra. Em qualquer sociedade com estrutura capitalista a segregação é uma situação normal. Mas mesmo num país como os Estados Unidos onde o racismo atinge a paranóia um banqueiro branco sente-se mais perto de um banqueiro negro do que de um engraxador branco. A provar que a segregação racial é um degrau na escalada doutra segregação...

As soluções passam por uma transformação de fundo, como também apontou o major Aparício. A agressividade das minorias é um reflexo da sua marginalização. Não se resolve aumentando os efectivos da polícia ou a frequência das rondas. Numa sociedade em que existe a miséria, a fome, o desemprego, a prostituição seria demasiado idealismo, demasiada ingenuidade, pretender apagar todos os sinais de segregação racial. Lembremo-nos das condições infra-humanas, do desenraizamento que atinge os cabo-verdianos (como também recordaram Pedro Morais e Pedro Burgos) e vamos compreendendo ao que pode levar a instabilidade.

Aqui e ali se atingiu uma certa ambiguidade que Letria, desatento, não corrigiu.

O major Aparicio, por exemplo, referiu-se à intolerância e ao ódio que *hoje* grassam por aí. Fez votos para que regressemos ao espírito de convivência que nos caracteriza.

Regressar ` comvivência... Não acredito que a referência atingisse o regresso de antes 25 de Abril. O major Aparício referia-se com certeza ao espirito de concórdia e unidade característico dos primeiros tempos de consuista da democracia. Pena foi, no entanto, que tal ideia não ficasse suficientemente clara. O moderador Letria também nada contribui para isso. Estava certamente distraído.

Claro que todos os sintomas de segregação devem ser denunciados. Segregação racial, segregação económica ou segregação política que não raro degenera em terrorismo.

Quanto ao terrorismo, desencadeado furiosamente neste país em particular no Verão de 1975, importa salientar que medidas tomadas na altura por quem detinha a principal força militar poderiam ter-lhes posto cobro. Apesar de se conhecerem nomes dos principais atacantes das sedes progressistas de Rio Maior, Alcobaça, Famalicão, etc, etc, nada se fez para uma protecção eficaz nem para castigar exemplarmente, talvez por uma questão de «apartidarismo»...

Poderiamos falar noutros casos de atentados, de perseguições inclusivamente de assassinatos, todos de carácter político — e até hoje todos ficaram impunes...

Isolar-se um caso, como se fez agora, raia a demagogia, o efeito fácil, a visão falsificada. A segregação continua. A televisão silencia — mas abre um pobre postigo para o Letria fazer brilharete. Tivesse o Letria pachorra para ir até Rio Maior, Oliveira do Hospital, Bragança, Açores, etc, etc, então poderia contribuir, através de televisão, para a ilustração de um povo manipulado por 50 anos de obscurantismo.

Pelos modos este colaborador da Televisão não é tão ambicioso...

SOARES CHUTA COM O PÉ DIREITO

O dr. Mário Soares esteve em Itália. Parece que esteve lá a ajudar o Partido Socialista Italiano a aumentar a sua percentagem nas eleições. Regressou. A Televisão foi saber notícias.

O dr. Soares não perdeu a oportunidade de atacar o Partido Comunista Português pela razão deste partido não se encontrar na mesma linha do Partido Comunista Italiano. Nem certamente lhe passou pela cabeça atacar o Partido Socialista Português pelo facto de não se encontrar na mesma linha do Partido Socialista da Itália. Dois pesos, duas medidas.

De facto, este partido recusa-se a participar de um governo de que esteja ausente o Partido Comunista, enquanto o P.S. de cá se obstina em governar sozinho. Por enquanto, se acreditarmos nas palavras que proferiu ontem Freitas do Amaral, cada vez mais parecido (repararam?) com a máscara spínolista do cartaz da maioria silenciosa.

Por enquanto. A perspectiva não deixa de causar sérias preocupações. Mário Soares, enquanto a direita avança, ataca a principal força de esquerda. Está a provocar um *digo tu, digo eu,* capaz de aprofundar divisões à esquerda, afastar as possibilidades de uma plataforma.

de haver permitido todo o

A bola está na grande área da reacção. Colocado à esquerda, Soares teima em chutar com o pé direito. Aumenta deste modo, as *chances* da defesa inimiga. Com mil demónios, a estadia na Itália nem ao menos lhe ensinou a chutar correctamente?

Na Madeira

Azeredo manda apreender material didáctico

O brigadeiro Carlos Azeredo, comandante militar da Madeira mandou apreender um conjunto de diaporama intitulado «A Ilha», preparado pelo Instituto de Tecnologia Educativa, sob a alegação de que era de «orientação marxista».

Ao mesmo tempo o brigadeiro Azeredo, que no exercício das suas funções é acusado de haver, permitido todo o avanço das forças fascistas e separatistas da ilha e o incremento do terrorismo, dirigiu um ofício ao dr. Bártolo de Campos, secretário de Estado da Orientação Pedagógica ameaçando que «continuará a actuar dentro do espírito democrático do 25 de Abril».

Esta ingerência no sector do ensino do comandante militar da Madeira deu origem a que o dr. Bártolo de Campos dirigisse uma carta ao ministro Vítor Alves, insurgindo-se contra a actuação do brigadeiro Azeredo e solicitando-lhe providências, ao mesmo tempo que se reservava o direito de tomar outras atitudes caso o assunto não fosse resolvido.

Na sequência destes factos o ministro da Educação e Cultura convocou o responsável pelo Centro Regional de Apoio Pedagógico do Funchal.

Entretanto, a direcção do Instituto de Tecnologia Educativa emitiu um comunicado denunciando a apreensão do diaporama efectuada «na ausência dos professores e seus responsáveis», e insurgindo-se contra a actuação das autoridades militares que não tiveram «qualquer palavra de diálogo prévio com a Direcção do Instituto de Tecnologia Educativa ou com a Comissão Instaladora do Centro Regional.»

A direcção do Instituto de Tecnologia Educativa considera a atitude das autoridades militares da Madeira «altamente incorrecta e impeditiva de quaisquer condições de trabalho» e apresenta o problema ao ministro da Educação e Cultura para esclarecimento da situação.

De acordo com fontes bem informadas pensa-se que o assunto deverá ser discutido hoje no Conselho da Revolução pois avolumam-se as queixas contra a actuação daquele oficial que tem mantido uma total impunidade e liberdade de acção aos bandos fascistas que se apoderaram da ilha e revelado uma inoperância gritante.

EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA

ADVOGADO

A EPAL pretende contratar, em regime de avença, advogado com larga experiência profissional, para o Serviço de Contencioso.

Solicita-se «curriculum» pormenorizado, vencimento pretendido, etc.

Resposta ao Serviço de Pessoal, Avenida da Liberdade, 22, até ao dia 30 do corrente mês.

FAÇA FÉRIAS
NAS ILHAS
DO ATLÂNTICO

PREÇOS ESPECIAIS
MADEIRA
8 dias
AÇORES
(S. Miguel e Terceira)
7 dias

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS, DOMINGOS e QUARTAS-FEIRAS

Informações e Inscrições
S T A R
Av. Sidónio Pais, 4 A
Tel. 539871
P. Restauradores, 14
Tel. 362501
ESTORIL — T. 260839
PORTO
Av. dos Aliados, 202
Tel. 23637
FARO
R. Con. Bivar, 36
Tel. 25125

Hoje

Debate entre os quatro candidatos à Presidência da República

I PROGRAMA

19.00 **Debate entre os Quatro Candidatos à Presidência da República**
21.30 **Esclarecimento Eleitoral**
21.50 **«Limonada Joe»** — filme realizado em 1964 por Olorich Lipsky. Intérpretes: Karel Fiala e Olga Schoberova.
23.40 **Telejornal** 2.ª edição
23.55 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e série filmada **«O Mundo de Wodehause» (1.º episódio)**
20.30 **Cancioneiro**
20.55 **«Pesquisa»** série filmada.
21.50 **Telejornal**
22.20 **Sabe Onde é a Casa Museu Guerra Junqueiro?** um programa apresentado e realizado por Ruy Ferrão.
23.25 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Cinema — «Limonada Joe» (21.50)

II PROGRAMA

«O Mundo de Wodehause» (20.00)

Amanhã

I PROGRAMA

Ciclo Preparatório TV **14.10**: Língua Portuguesa (1.º ano); **14.35**: Matemática (2.º ano), **15.00**: Francês (1.º ano) **15.25**: Ciências da Natureza (2.º ANO); **15.50**: Educação Visual (1.º ano); **17.10**: Matemática (1.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (2.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (1.º ano); **18.25**: Francês (2.º ano). **19.00**: Abertura e Circo... Hoje e Sempre — rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis, **19.35**: «A Flecha Negra» série filmada, baseada na conhecida obra literária de Robert Louis Stevenson; **20.00**: TV Palco; **20.30**: Telejornal — 1.ª edicao; **21.00**: Campanha Eleitoral; **21.30**: Momento Político — com o dr. Silva Graça secretário de Estado dos Desportos; **22.00**: Historia dos Jogos Olimpicos — série apresentada pelos Programas Desportivos da Direcção de Informacao; **23.00**: «Padre Brown»; **00.00**: Memórias do Nosso Tempo; **00.30**: Telejornal — 2.ª edição **00.45**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e série filmada «A Mulher de Branco», **20.25**: Ver — programa dedicado às Artes Plásticas produzido e realizado por José Elyseu; **20.55**: «A Falecida Mãe da Senhora» — peça de Georges Feydeau. Tradução e adaptação de Sérgio Porthman. Chefe de produção Figueiredo de Barros Cenógrafo Eduardo Lemos. Realizacao de Herlander Peyroteo; **22.00**: Telejornal, **22.30**: Expediçao; **23.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ
E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B · Rua Macau, 8

Desporto

PORTUGUESES NAS OLIMPÍADAS: 19 ATLETAS, 11 ACOMPANHANTES

Por NEVES DE SOUSA

Irmanado com algumas Federações, o Comité Olímpico Português decidiu quem vai viajar até ao Canadá, na caravana oficial remetida aos Jogos Olímpicos. Apenas 19 atletas: praticantes de Atletismo, Natação, Luta, Vela, Judo e Tiro. Com eles, quase o mesmo número de cabeças: onze.

Assim, teremos em Montreal cinco enviados do nosso Atletismo, chefiados pelo competente técnico Mário Moniz Pereira: os campeões Carlos Lopes, Anacleto Pinto, Aniceto Simões, Fernando Mamede e José Carvalho. O estágio destes rapazes inicia-se na próxima segunda-feira (em ponto «secreto»), podendo ainda juntar-se-lhes qualquer outro companheiro (de um lote constituído por Adília Silvério, Helder Jesus e Carlos Cabral) que neste fim-de-semana vão actuar extra-fronteiras, ainda em busca da conquista do mínimo de selecção olímpica. Adília comparece (juntamente com Raposo Borges e Luís Azevedo) em Madrid onde, a expensas do Sporting, toma parte nos campeonatos abertos de Espanha. Helder Jesus desloca-se, com Fernando Mamede e Carlos Lopes (mais o prof. Moniz Pereira) como concorrente ao «meeting» internacional promovido sob a égide de Balduíno. Carlos Cabral (metido entre José Carvalho e Aniceto Simões) correrá na Suíça (num torneio, em Aarau). De pé, também, as eventuais candidatura de Luís Azevedo e Raposo Borges, ainda que bastante mais remotas.

Alguns contratempos (espera-se) momentâneos: Carlos Lopes tem uma pequena lesão (teno-vaginite no calcanhar esquerdo), enquanto o colega Anacleto Pinto se queixa, igualmente de um «toque» no calcanhar direito. Nada de cuidado, confia-se.

A Natação terá cinco **vedetas** lusas em Montreal: os jovens Paulo Frishknecht, Gomes Pereira, Botelho de Melo, Rui Abreu e Henrique Vicêncio. Os quatro primeiros ficam integrando uma estafeta de 4x100 metros livres, passando Henrique Vicêncio a substituir Rui Abreu numa outra prova de equipa: a estafeta 4x100 metros estilos. Os nadadores serão orientados pelo técnico José Sacadura, não viajando (portanto) nenhum dos professores que, mais directamente, foram responsáveis pela sua boa forma: Lord ou Yokoshi.

Três lutadores para o mesmo passeio até aos Jogos Olímpico: Leonel Duarte, Joaquim Vieira e Luís Grilo. Um mestre para o trio: Orlando Gonçalves. Leonel competirá no escalão de 52 quilos, Vieira no de 62 e Grilo no bloco dos 57 quilos.

A classe «470» vai exibir três velejadores em Montreal: Joaquim Ramada e Francisco Mourão, com um suplente ali à mão (Francisco Lufinha). Também segue um professor desta matéria: Samuel Dinis, filho do actor do mesmo nome e diplomado em Medicina.

Uma ausência: Manuel Ricciardi, até ontem indigitado para a viagem.

Dois judocas entre os grandes campeões mundiais: António Roquete e José Pinto Gomes, acompanhados pelo treinador Fernando Costa Matos.

Por seu turno, o Tiro terá um representante olímpico: o «calejado» Armando Marques, já veterano nestas andanças.

Em relação aos jogos de 72 (em Munique) há repetições: Carlos Lopes, Fernando Mamede, José Carvalho e o técnico Moniz Pereira (Atletismo); António Roquete e Costa Matos (Judo); Leonel Duarte e Luís Grilo (Luta) tal como Armando Marques (Tiro).

Quanto a dirigentes, devem viajar até Montreal os «olímpicos» Gaudêncio Costa, ten-cor Garcia Alvarez (aliás um dos nomes mais faldos para a futura orientação da Secretaria de Estado dos Desportos) e o chefe de missão Luís Caldas. Um clínico: o dr. Fidalgo Freitas (contra o esperado o lugar não **pertence** ao dr. Anibal Costa. Ainda um massagista: Graça Gordo, que já prestara serviço em Munique.

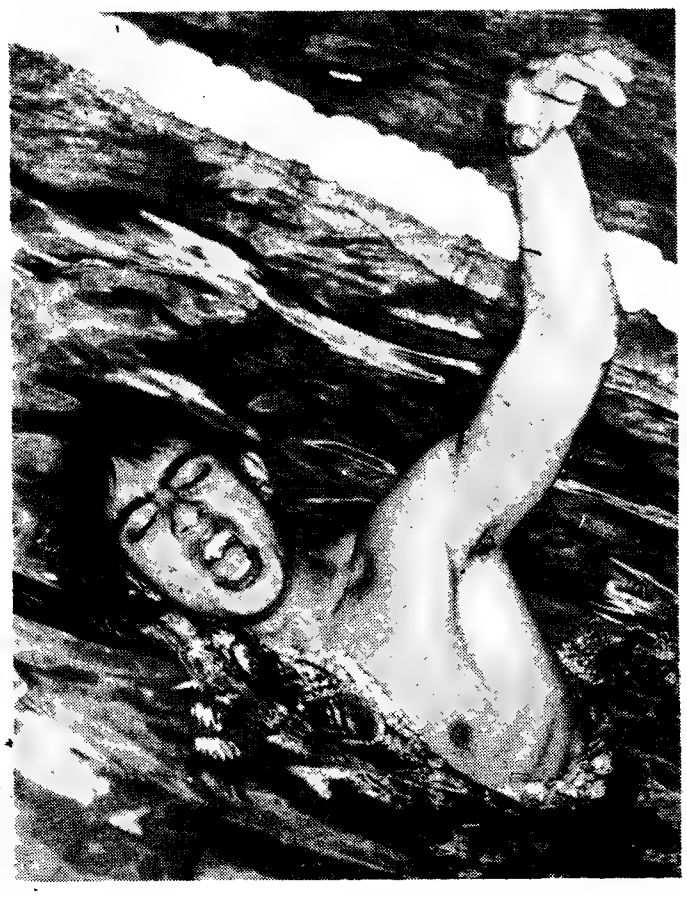
Espanta que, num período de austeridade em que foram adoptadas seeveras medidas de restricção à fuga de divisas, seja necessário um «oficial» para a Vela, mais outro para (do lado de fora) corrigir a mira, ou acertar o pulso de Armando Marques. E, igualmente, fere a abdicação tida em relação a praticantes que, pelos vistos, de há algum tempo a esta parte perderam o beneplácito quase crónico dos seleccionadores olímpicos: Hipismo (que já nos deu medalhas olímpicas), Halterofilismo e Remo. São critérios, discutíveis como tudo o que é terreno: fica-se confiando em que os (bem, mal) escolhidos comprovem valor para a distinção.

E, já que estamos com a mão na massa: segundo lemos em alguns outros órgãos de Comunicação Social, parece que esta noite, com a tradicional jantarada que vem de outros tempos, o Comité Olímpico Português fa a festa da comemoração do «Dia Olímpico» que, por acaso certamente, coincide com a véspera de S.João e está muito prejudicada pela «mesa-redonda» da TV. Apesar disso, será pretexto para oferta a Anacleto Pinto do troféu evocativo de Francisco Lázaro, a entregga de meldalhas olímpicas («Novre Gueses») ao judoca António Roquete e ao perseverante lançador benfiquista José Galvão, mais uns diplomas a Joaquim Vieira (lutador) e Silvestre Fonseca (halterofilista). Quanto ao também habitual «prémio Olímpico de jornalismo», não é atribuído: nenhum jornalista teve mérito para atingir tão elevada meta.

À mesa do banquete estarão figuras conhecidas cá da terra, sobretudo muito conceituadas na Finança, no Comércio, na Indústria e (logicamente) no Desporto de características olímpicas. Haverá discursos, fotos e abraços. A partir de amanhã, os convidados nossos colegas falarão do assunto.

A concluir: 19 atletas e 11 acompanhantes lá irão, na rota aérea do Canadá, cinco dias antes do início dos Jogos Olímpicos. Isto é: a 12 de Junho. Impõe-se aclimatação, habituação, conhecimento perfeito da terra, das pistas, dos estádios, dos pavilhões das marés. Um trabalho árduo, como se adivinha.

Armando Marques: de «G3» em boa mão, seria mais fácil



Henrique Vicêncio: de olhos fechados, uma escolha acertada

ENTRETANTO, LÁ FORA

Montreal abrevia queda de "records"

A atleta polaca Irena Szewinska estabeleceu ontem um novo «record» mundial dos 400 metros, com o tempo de 49,75 segundos, numa prova realizada em Bydgoszcz, na Polónia Central. Szewinska (30 anos) abrandou já perto da meta, uma vez que não tinha qualquer oposição. A 2.ª classificada (Donna Murray) fez o tempo de 51,59 segundos.

Antes, Szewinska havia vencido a prova de 100 metros, com o tempo de 11,22, batendo por um centésimo de segundo Sonia Lannaman, da Grã-Bretanha. Annegret Richeter (Alemanha Federal) foi a 3.ª classificada, com 11,25 segundos.

A competição realizada em Bydgoszcz em memória do atleta polaco Janusz Kusocinski (assassinado pelos nazis em 1940) foi assinalada por marcas de relevo. Assim nos 100 metros barreiras, a polaca Grazyna Rabsztyn conseguiu o tempo de 12,69 segundos, o que constitui a melhor marca do ano nesta prova (o record mundial pertence desde 1973 a Annelie Ehrhardt, da República Democrática Alemã com 12,3 segundos). A 2.ª classificada foi Sharon Collier, com 13.[illegible] segundos, (novo recorde da Grã-Bretanha).

Piotr Bielczyk (também da Polónia) lançou o dardo a 90;78 metros e estabeleceu novo recorde do seu país. Outros recordes polacos foram conseguidos nesta competição por Stanislaw Wolodko (no lançamento do disco, com 64,30 metros) por Danuta Rosani (no lançamento do disco feminino, com 62.60 metros e por Jacel Wszola (no salto em altura, com 2,25).

Wladyslaw Kozakiewicz (Polónia) que, juntamente com o seu compatriota Tadeusz Slusarski, é o recordista europeu da vara (com 5,62) ganhou a prova neste torneio transpondo a fasquia a 5,50, batendo o finlandês Kalibmaeki (com 5,30) e o britânico Hooper, (que saltou 5,20 metros).

No salto em comprimento o polaco Grzegorz Cybulski foi o vencedor (com 8,09) derrotando o seu compatriota Stanislaw Jaskolka (7,97) e o alemão ocidental Hans Baumgartner 7,89).

Entretanto, nos U. S. A., o atleta norte-americano Dave Roberts estabeleceu novo «record» mundial do salto com vara, transpondo 5,70 metros, durante as provas de selecção da equipa norte-americana de atletismo para as Olimpíadas de Montreal.

Roberts conseguiu saltar os 5,70 à 3.ª tentativa com uma vara que pedira emprestada ao anterior recordista (Earl Bell) após quebrar a sua vara na 2.ª tentativa.

Earl Bell estabelecera o recorde mundial de 5,67 metros no dia 30 de Maio deste ano, durante uma prova disputada em Wichita, no Kansas. Ontem, falhou as três tentativas a 5,70 metros.

É a 3.ª vez que, numa prova de selecção olímpica nórte-americana é batido o recorde mundial do salto com vara. O protagonista das duas vezes em que isso sucedeu anteriormente foi Bob Seagren: em 1968 transpôs 5,40 metros e há quatro anos 5,63.

CHAMA-SE GRADI E VEIO DE INGLATERRA

Benfica tem inglês p'ró futebol: Sindicato desaprova estrangeiro

Já está em Lisboa e chama-se Dario Gradi: veio de Inglaterra pela mão do dirigente Germano Campos, é homem com aparência *simpes, normal, filho de gente humilde* (como costuma agora dizer-se, em propaganda eleitoral). Nunca foi um jogador de gabarito: limitava-se a «pelagas» de bairro e, um dia, lá alinhou por alguns clubes absolutamente amadores, chegando (em certa altura) a defender as cores de Inglaterra na categoria, num único encontro de características internacionais. Depois, «mister», Gradi passou a dirigir uma equipa regional de amadores: durante três anos por ali esteve, sem grandes aspirações mas, na verdade, com interesse em aprender, de molde a juntar mais alguma bagagem ao seu título de professor de Educação Física, que lograra no pós-juventude.

Passou para o Chelsea, como adjunto do técnico princiapl (Davies Sexton) Mas, viajou sempre em plano de obscuridade: a ponto de recentemente, em declaração publica à Imprensa portuguesa, o popular Mike Channon afirmar que o desconhecia totalmente. Aliás a própria Imprensa britânica abriu a boca de espanto quando soube que o Benfica, com largas aspirações e imenso prestigio futebolistico, estivera tanto tempo em cogitação para se decidir por um anónimo para chefia do seu «plantel». De qualquer modo, a gerência benfiquista pode alegar que também o preparador físico Hagan não era cotado e, de garagista a caminho da aposentação, passou a dono de sólida conta bancária à custa dos êxitos do futebol «encarnado»...

Todavia, neste caso de Gradi surge um óbice: o Sindicato de Treinadores (embora ainda não tenha reunido em colectivo da sua gerência e as opiniões recolhidas partam de ideias pessoais dos seus membros) parece ir fazer grande finca-pe em torno da contratação de um estrangeiro sem qualquer prova dada, em detrimento de continuarem desempregados técnicos (como José Augusto) de excelente obra no «palmarés».

Daí que Peres Bandeira, até anteontem a grande hipótese de ser colaborador fundamental (ou, mesmo, treinador principal) na Luz, tenha imediatamente recusado actuar como coadjuvante de um colega britânico que quase ninguém sabe que existe. Daí também, que a oportunidade da vaga em aberto tenha sido aproveitada pelo prof. Rui Silva que, além de falar inglês e poder funcionar como interprete de Gradi junto dos futebolistas da «águia», estava disponível há bastante tempo e apenas entregue a trabalhos na Radiodifusão Nacional e, mais episodicamente, no nosso colega «Record».

AGRESSÕES, TIROS E UM RAPTO ATÉ MONSANTO

As autoridades policiais estão já na posse de alguns dados que podem levar à identificação de cinco indvíduos que ontem de madugrada, no cafe-bar da estação de serviço da Avenida Duarte Pacheco, provocaram diversos incidentes coroados com agressões, tiros e um rapto. Da refrega resultou que um dos moradores de um bairro próximo, José fernandes Vidal, de 20 anos, teve que ser socorrido no Hospital de S. José.

Deslocando-se em dois automóveis, os cinco indivíduos entraram no bar-café da estação de serviço daquela artéria com a intenção deliberada de provocar as pessoas que ali se encontravam. Entre dois daqueles e o concessionário da bomba de gasolina travou-se inicialmente uma azeda troca de palavras após uma expressão menos decorosa de um deles para com as pessoas presentes (o concessionário, a mulher e o sócio da estação de serviço).

Um jovem que se encontrava no exterior do estabelecimento e se preparava para intervir no intuito de serenar os ânimos, foi impedido de o fazer por um dos cinco, e agredido a soco e a pontapé. Perante a agressão, os companheiros do jovem intercederam e a contenda alargou-se, obrigando a que os provocadores, em igualdade numérica com os que se opunham às suas provocações, se vissem em dificuldades, pelo que um deles não hesitou em munir-se de uma pistola que se encontravam numa das viaturas em que se trasnportavam.

Dois disparos, que felizmente não atingiram ninguém, apressaram o desenlace da cena. Os cinco provocadores, temendo ser perseguidos levaram na fugo o José Fernandes Vidal, que lhes procurou dar luta até ao último instante. Foi nesse momento que três deles o dominaram transportando-o até Monsanto, onde o abandonaram, violentamente espancado.

PUB

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

DESTITUIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

Os trabalhadores Técnicos de Desenho depois de analisarem a actuação dos corpos gerentes em assembleia geral, convocada em 8 sessões, pelas diversas zonas do País, no período de 21 de Maio a 5 de Junho, decidiram:

A) DESTITUIR OS CORPOS GERENTES
B) ELEGER UMA COMISSÃO DIRECTIVA

A Comissão Directiva eleita, dando cumprimento a uma das decisões da assembleia geral atrás referida, faz publicar a seguinte proposta:

PROPOSTA

CONSIDERANDO:

1 — Que a actuação dos corpos gerentes do Sindicato, desde a sua tomada de posse, se tem caracterizado essencialmente por ataques constantes, quer às organizações dos trabalhadores, quer aos sócios que representam, bem patentes nas informações que lhe são enviadas e, nos comunicados publicados nos órgãos de Comunicação Social e conferências de Imprensa, **com o fim de dividir o movimento sindical e provocar cisões entre a própria classe.**

2 — Que a aprovação de inúmeros votos de desconfiança e moções de censura, em assembleias gerais, reuniões de sector e em conselho de delegados (zona Norte e zona Sul), reflecte bem o descontentamento da classe sobre tal actuação.

3 — Que pedidos de demissão apresentados pela maioria dos corpos gerentes não foi dado a conhecer à classe pelo presidente da assembleia geral, de quem efectivamente tinha pedido a demissão e quais os motivos invocados, antes os escamoteando, **permitindo assim que o Sindicato permanecesse inoperante por bastante tempo, com grave prejuízo para os sócios.**

4 — Que o presidente da assembleia geral (Emídio Santana), não respeitou a vontade dos sócios, expressa numa assembleia geral realizada há mais de três meses, ao aprovar o pedido de convocação de uma A.G., com a finalidade de julgar da actuação dos corpos gerentes e de decidir da sua destituição ou não, antes os obrigando a recorrer a um abaixo-assinado para que a convocação da assembleia geral se fizesse.

5 — Que o presidente da assembleia geral, ao ter conhecimento que alguns elementos dos corpos gerentes demissionários, desconvocavam através da Imprensa a assembleia geral convocada por ele, e a pedido de 283 sócios para o dia 28 e 29 de Abril passado, não tomou a atitude devida que era a de alertar os sócios através dos órgãos de Comunicação social, que a assembleia geral efectivamente se realizava, demonstrando com mais esta atitude estar conivente com esta suja manobra, que visava confundir a classe e, fundamentalmente desmobilizá-la de modo a impedir a concretização do quorum necessário, o que de facto veio a acontecer, embora a assembleia geral fosse das mais concorridas na vida do Sindicato, tendo os sócios presentes, em face do que se passou, decidido que a assembleia geral deveria prosseguir o que, efectivamente aconteceu.

6 — Que o presidente da mesa, ao declarar tão facilmente e de imediato, nula e de nenhum efeito, a assembleia geral de 28 e 29, em satisfação de um pedido de impugnação que diz lhe ter sido apresentado na base da falta de quorum, sem atender ao motivo que provocou e, contrariando frontalmente as declarações que proferiu, quando afirmou: **que a mesa, ela própria não impugnaria a assembleia, por a entender representativa e disso ser concenso dos sócios presentes,** mostra assim, com mais esta acção estar a dar cobertura a manobras oportunistas que, pela desonestidade que arrasta atrás de si, bem demonstra o desprezo que a classe lhe merece, pois se assim não fosse, teria submetido o pedido de impugnação à apreciação dos sócios em assembleia geral, que de imediato convocaria para o efeito.

7 — Que o presidente da mesa da assembleia geral, principal responsável pela situação de impasse criada, que levou a que o Sindicato continue ainda parado, com graves prejuízos para a classe, — mas que beneficia os patrões —, recorre tardiamente a uma assembleia geral, convocada deliberadamente em termos incorrectos porque avisado a tempo dessas incorrecções não tomou as providências necessárias, e cujo ponto único da ordem de trabalhos nada esclarece a classe sobre o diferendo real existente, dado que algumas das sessões da assembleia geral convocada, se vão realizar em zonas cujos sócios não estão minimamente esclarecidos, com a agravante de que num comunicado junto à convocatória, se procura incutir aos sócios a ideia de que o conflito existente é entre o secretariado de delegados e a direcção, e não a questão real que é entre a assembleia geral de 28 e 29 e a respectiva mesa, permitindo assim deixar caminho aberto a possíveis impugnações.

PROPÕE-SE

1 — **Um voto de censura e de desconfiança** ao presidente da mesa da assembleia geral e aos restantes elementos que a compõem, ainda em exercício.

2 — Que as despesas referentes aos comunicados de desconvocatória da assembleia geral de 28 e 29, publicados na Imprensa, sejam pagas pelos signatários, assim como o comunicado de confirmação da assembleia geral de 29 que foi publicado nos jornais do Porto, por causa da desconvocatória.

3 — Que sejam ratificadas **todas as decisões** da assembleia geral de 28 e 29, passado.

4 — Que a comissão directiva eleita em assembleia geral de 28 e 29 passado tome posse no dia 28 deste mês.

5 — Que desta proposta seja dado conhecimento aos sócios e publicada nos órgãos de Informação.

NOTA: Esta proposta foi aprovada no total das sessões realizadas por 249 votos a favor, 53 contra e 23 abstenções.

LISBOA 23-6-76

PELA COMISSÃO DIRECTIVA
CARLOS SILVA
FRANCISCO MENDES

SATÉLITE

TRÁS-OS-MONTES

de António Reis e Margarida Cordeiro

INTERPRETADO PELOS HABITANTES
DE TRÁS-OS-MONTES

Em exibição até 6.ª Feira dia 25
na sessão das 19 horas

50% desconto aos estudantes

ALTINO DO TOJAL
ESTARÁ ESTA NOITE
NA FEIRA DO LIVRO
PARA AUTOGRAFAR

OS PUTOS
A HOMENAGEM
A COLINA DOS ESPANTALHOS SONHADORES

PRELO EDITORA — STAND N.º 44

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CÍVEL

2.ª Secção

ANÚNCIO

Faz saber que por este Nono Juizo Cível da comarca de Lisboa e 2.ª Secção correm éditos de vinte dias contados da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do executado José Augusto da Silva Cipriano, casado, comerciante, residente em Vaqueiros freguesia de Pernes, concelho e comarca de Santarém, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária movida pela exequente J. J. Gonçalves, Sucrs., Comercio e Indústria, com sede em Lisboa, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 16 de Junho de 1976

O JUIZ DE DIREITO
(a) **Calixto Pires**

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(a) **José Maria Baptista**

PRAGA

PARTIDAS
ABRIL 3
JUNHO 13
AGOSTO 15

10 860$
7 DIAS

meia pensão
visitas incluídas

LOTARIAS DOS SANTOS POPULARES

"taluda" de SÃO PEDRO

dia 25
(6.ª feira)

7200 CONTOS EM 12 FRACÇÕES

Geral

Preso a apanhar pedras

. Encontrava-se ontem detido um indivíduo que pela madrugada, na Praça Marquês de Pombal, apanhava pedras para arremessar a um grupo que colaba cartazes da candiatura de Octávio Pato.

Segundo a Polícia — que se recusou a revelar a identidade do detido — o homem deveria ser solto até ao fim da manhã, já que «ninguém pode ser preso por apanhar pedras».

O detido apresenta a sua versão: apanhava pedras para se defender, caso fosse atacado.

CONCENTRAÇÃO DE PROFESSORES

Sindicato de Lisboa discorda da desconvocação

. A propósito da desconvocação de concentração dos professores a nível nacional, marcada para ontem frente ao M.E.I.C., reuniu a direcção sindical da Zona da Grande Lisboa. Em documento final sublinha recusar-se «a assumir as consequências de uma decisão para a qual em nada contribuiu».

Com efeito, a decisão de desconvocar so professores foi da responsabilidade do Sindicato da Zona Norte, dos executivos de Coimbra, Viseu, Guarda, Faro, Aveiroe Évora, os dois últimos contactados telefonicamente.

Refere também o documento que os Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa tentou ainda convencer os representantes dos executivos a manter a convocatório da concentração.

Auanto às respostas do M.E.I.C. «estão longe de dar satisfação integral ao Caderno Reivindicativo Imediato».

A propósito da desconvocação, observa o documento que «só se poderão evitar, futuramente, situações de confusão e divisão como a provocada pela desconvocação da concentração se avançarmos decididamente para a formação, o mais rapidamente possível, de uma estrutura sindical dos professores a nível nacional».

INQUÉRITO SOBRE SEXUALIDADE

Referenciado o tema (sexualidade) num recente debate na Televisão sobre os «Pais e a Escola» como um caso chocante o que se passou an Escola Comercial Fereira Borge, o Conselho Directivo desta, através de um comunicado, vem repor a verdade dos factos.

Assim: «Há cerca de um mês, apresentaram-se na Escola Comercial Ferreira Borges duas enfermeiras-estagiárias da Escola de Enfermagem Calouste Gulbenkian que, explicando que a sua actividade de estágio incluia sessões a alunos, solicitaram do Conselho Directivo da escola autorização para realizar ali uma sessão sobre «Sexualidade». Consultada uma professora de Ciências da escola, a autorização foi concedida, tendo a sessão sido realizada para alunos dos cursos nocturnos, quese todos adultos e trabalhadores.

«Ocorreu, porém, um facto com que não contava o Conselho Directivo ao dar a sua anuência: trata-se da distribuição aos alunos de um inquérito sobre o tema que, não obstante tratar-se de alunos na maioria adultos, considramos perfeitamente incompatível com a actividade pedagógica e formadora de uma escola.»

. E RESSALVA O RELATO DO Conselho Directivo: «E possível que no ponto de vista clínico e de investigação científica o niquérito seja defensável e até útil. Porém, trata-se de uma escola e ali é o aspecto pedagógico que tem de sobrepor-se a qualquer outro. Os alunos são mesmo alunos, não são cobaioas».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons.23/4 %	—	275$	—
Cons.3%	300$	300$	—
Cons. 3 1/2 %		350$	—
Centenários	—	800$	—
Tes.5%	780$	780$	—
Tes. 10%	500$	500$	505$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	480$
Extern. 3.ª - s.	—	—	—
Extern. 3.ª - c.		475$	500$
Caut. 3.ª - s.	—	—	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6%	—	700$	
C.M.L. 5 3/4 %		800$	830$
C.P. 5 1/2% — 67			700$
C.P. 5 1/2% — 68		—	—
C.P. 5 1/2% — 69	—	650$	—
Corr. 5 3/4%	—	750$	—
Metr. 5 3/4 %	—	810$	—
Tur. 5 3/4%	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	800$	800$	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	680$	—
G. 5 % — 59	—	—	—
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	—	—
G. 6 % — 69	—	—	—
G. 7%	860$	850$	880$
H.E.A.A. 5%	—	—	650$
H.E.C. 5 %	—	759$	—
H.E.C. 6 %	—	700$	—
H.E.D. 5%	—	580$	—
H.E.D. 6%	—	700$	—
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5%	—	—	—
H.E.S.E. 6%	690$	690$	695$
H.E.Z. 5 % — 57	—	—	—
H.E.Zêz. 6%	—	—	—
N. Elec. 5%	—	—	—
N. Elec. 6%	—	640$	—
Termoel. 5%	—	—	—
U.E.P. 5 % — 60	—	—	700$
U.E.P. 5 % — 63	—	740$	—
U.E.P. 6%	—	730$	—
U.E.P. 7%	—		800$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	—	680$	
A.P.T. 5 % — 58	—	680$	
Lisnave 6%	—	730$	750$
Nitratos — 60	—	600$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7%	—	830$	—
Sacor 5% — 54	—	—	—
Sacor 5% — 60	—	—	850$
Sid. 5% — 2.ª	—	—	720$
Sid. 5% — 3.ª		—	720$
Sid. 5% — 4.ª	—	—	720$
Socel 5%		—	
R. Fabril — 67	720$	720$	730$
R. Fabril — 68		680$	720$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5%	—	—	—
Rev. 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5% — 59-60	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

Turismo juvenil

Madeira, Açores, Londres, Jugoslávia, U. R. S. S., E. U. A., Turquia, Egipto, Israel, Brasil, Dinamarca, Noruega, Suécia, CXANÁRIAS; Sul de Espanha, Holanda e Japão, são pontos do roteiro programado pelo Turicoop (Turismo Social Juvenil) para o ano corrente, numa fase que já arrancou com a partida para o Funchal de 165 trabalhadores.

O ano passado cerca de 30 mil trabalhadores foram beneficiados com os programas turísticos propostos pela Turicoop que, em obediência aos seus estatutos, promove as referidas viagens «sem intuitos lucrativos» e por forma a incrementar o desenvolvimento sócio-cultural. Em alguns dos casos, concretamente em relação ao programa elaborado, este ano, para a Polónia, a Turicoop orienta-se pelos acordos bilaterais assinados entre representantes portugueses e polacos que prevêem que esse intercâmbio cultural não envolva movimento de divisas entre os dois apíses.

O serviço voluntário internacional, em colaboração com as organizações não lucrativas de França, Holanda, Finlândia, Dinamarca e R. F. A. consta, igualmente, das atribuições da Turicoop que, no sector das artes visuais e com o apoio da Calouste Gulbenkian, inaugurou ontem na Sociedade Nacional de Belas-Artes uma exposição de Arte Trabalhadora Estudantil.

tempo

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.58	3,4 m	6.43	1,5 m
13.28	3,5 m	19.11	1,5 m
Dia 24			
1.48	3,4 m	7.27	1,4 m
14.14	3,6 m	19.54	1,3 m
Dia 25			
2.34	3,5 m	8.07	1,2 m
14.57	3,7 m	20.35	1,2 m

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.42
OCASO ÀS 21.06

DIA 27 DIA 4 DIA 11 DIA 19

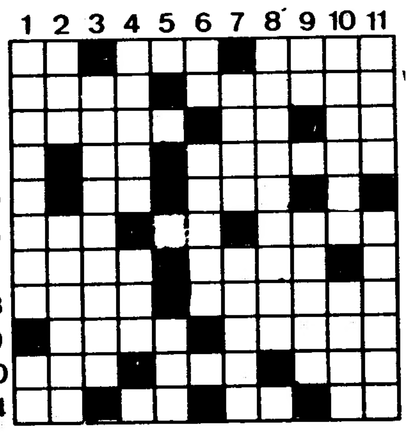
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 399

HORIZONTAIS

1 Desejais. Sentinelas.
2 Aliso. Dera aviso de alguma coisa em voz alta.
2 Arrostara. Fúria.
4 Levanto. Ave da família dos Láridas. Pronome pessoal.
5 Nota musical. Golpeie (inv.). Sufixo que designa estado.
6 Negra. Prefixo de negação. Artigo definido (ant.).
7 Mau cheiro. Preposição.
8 Recolhe a vela do navio. Antes do meio-dia.
9 Treparas.
10 Zombem. Flutuava.
11 Aplanamos.



VERTICAIS

1 Lavrais. Afia.
2 Nome de mulher. Agarrar.
3 Nojo. Comer.
4 Uma das Novas Hébridas, na Melanésia (inv.). Atmosfera. Caruma.
5 Adicionara. O mais.
6 Pronome pessoal. Mulher de baixa estatura.
7 Examinaram.
8 Apelido de um grande romancista português. Comido (fig.)
9 Mancha. Sadias.
10 Conjunto de árvores.
11 Símios do Brasil. Vê. Curado.

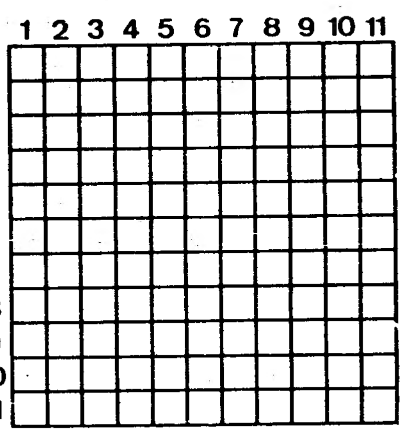
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7559

HORIZONTAIS

1 Preposição. Fluido aeriforme. Aparência.
2 Arpoa. Dares aviso de alguma coisa em voz alta.
3 Costumara. Alumínio (s.q.). Deus dos pastores.
4 Quanto baste. Tangeis.
5 Alternativa (inv.). Sufixo que designa abundância.
6 Saia frequentemente à rua. Bromo (s.q.). Apelido.
7 Cidade da Úmbria. Disfarça.
8 Rio da Turquia, hoje Yechil-Irmah. Prenderas com elos.
9 Homem de baixa estatura. Nome dado, em filologia oriental, aos comentários ou miscelâneas, e às observações que os mestres ditam aos alunos.
10 Linha. Rio da Rússia. Fecha as asas para descer mais depressa.
11 Ósmio (s.q.). Berilo (s.q.). Alternativa. Manuscrito.



VERTICAIS

1 Axorcas, que os timorenses trazem nos artelhos. Nome de Buda, na China.
2 Enguia. Dais urros.
3 Antiga moeda de Goa.
4 Distinção. Pega.
5 Composição poética.
6 Pronome reflexo. Desloca. Artigo definido.
7 Desordem. Choupo.
8 Pisariam aos pés.
9 Atmosfera. Palmeiras da Amazónia.
10 Fruto comestível do pepineiro. Alime.
11 Pegas. Pessoas muito parecidas com outras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 398

HORIZONTAIS:

1 DOIS. GENIOS.
2 Pianos. Fia.
3 Il. Ba. Ta. Ri.
4 Gatão. Ardor.
5 Urro. Ro.
6 Faleces.
7 Nsa. Dai.
8 Sia. Zara. Ai.
9 Adregara.
10 Atoamos. Pag.
11 Mès. Rosada.

VERTICAIS:

1 IGUAIS. Am.
2 Ópiar. late.
3 Il. Trinados.
4 Sabão. Rã.
5 NAO. FAZEM.
6 Gó. Cá. Roga.
7 Esta. Raso.
8 Arredar.
9 If. Doca. Apá
10 Oiro. Eia! Ad.
11 Saíras. LIGA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7558

HORIZONTAIS:

1 Pagão. Atura.
2 Aderi. Fitar.
3 [illegible] Me.
4 Ab[illegible]
5 Rau. [illegible]
6 Cart[illegible]
7 Teor. Ni.
8 Ena! Saltou
9 Ra. Anos.
10 Ninhos. Ta
11 Áreas. Casca.

VERTICAIS:

1 Papar. Berna.
2 Adubar. Nair.
3 Ge. Au. Ta. Ne
4 Aral. Ce. Chã.
5 Oira. Aos. Os.
6 Errais.
7 Afãs.
8 Tio. Cantata.
9 Ut. Medianas.
10 Ramada. Dó.
11 Arenas. Osga.

Provérbio: DOIS GÉNIOS IGUAIS NÃO FAZEM LIGA.

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. (Telef. 364859, 368197. Marta Mónica Sripteaseuse.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. **261461/164526/264596/264621/264946**

farmácias de serviço

LISBOA

TODA A NOITE

ALTO PINA
Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912).
ALVALADE
Líbia, Avenida da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331; **Aguiar**, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tels. 768343-764629).
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Delva**, Avenida Duque d'Ávila, 125 (Tel. 45225).
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, Rua 6, 75-A (Tel. 683694).
CAMPOLIDE
Fiador, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949).
LAPA
Rodrigues e Alves, Rua da Lapa, 52 (Tel. 662246).
MARQUÊS DE POMBAL
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (Tel. 43641).
MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464).
RATO
Janeiro, Avenida Álvares Cabral, 100 (ao Liceu Pedro Nunes (Tel. 661453).
RESTELO
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Tel. 610260).
XABREGAS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470).

TURNO S-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Lupi Nogueira, Rua José Dias Coelho, 4 (antiga Rua da Creche) (Tel. 631635).
ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360).
AREEIRO
Galeano, Avenida Óscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920).
BAIRRO ALTO
Veritas, Rua da Misericórdia, 135 (Tels. 324554-327383).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zina, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172).
BENFICA
Marques, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096).
CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (Tel. 662838).
CONDE DO REDONDO
Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (Tel.
ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores, 32 (Tel. 52388).
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres 201-B (Tel. 790942).

PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Roçadas, 27-A (Tel. 843880); **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580).
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Avenida Luís Bívar, 69 (Tel. 47213).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Geurra, 29 (T.2112081)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839). Toda a noite
OEIRAS
Alcântara Gouveiro, P.Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T.2430691). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CASCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (T.260087). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas; **Cascais**, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.930019); **Flama**, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 23-D (T.938149)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Correia, L.do Mercado, 3 (T.950906)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valnetim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreia (T.290088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º, piso E (T.2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Santa Marta, R.Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T.2072141)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Montepio, R.Bulhão Pato, 60 (T.2319156)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Costa, L.da Misericórdia (T.22760); **Brasil**, P.do Brasil (T.24788)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 18

ATÉ ÀS 22 HORAS

Constituição, R.d Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho**, R.do Bonjardim, 354; **Ramos**, P.do Exército Libertador, 91; **Figueiredo, Ld.ª**, R.de Cedofeita, 125; **Sousa Soares**, R.de Santa Catarina, 141; **Vitória**, R.d S.Roque da Lameira, 756

TODA A NOITE

Parente, R.das Flores, 114; **Canavarro**, R.da Restauração, 53; **Padrão**, R.de Santo Ildefonso, 342; **Sanil**, R. do Paraíso, 214

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154. (Tel. 22961; **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2. (Tel. 22603; **Rainha Santa**, Rua Figueira da Foz, 11 (Tel. 24737.

cinemas

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a M/18 anos
Um filme sobre educação sexual
AMOR ENTRE MENORES
2.ª Semana

IMPÉRIO
T. 555134 15.15 e 21.15
Não acons. a men. 18 anos
Mariangela Melato e Giancarlo Giannini em
INSÓLITO DESTINO
Um filme de Lina Wertmuller
2.ª Semana
Hoje às 18.30 (M. 18 anos)
O BECO

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos maiores de 6 anos
OS BARBEIROS DA SICILIA
2.ª Semana de gargalhada
c/Franco Franchi - Cinio Ingrassia

VOX
T. 720808 14.15, 16.30 19.00, 21.15.
(Não acons. a men. de 13 anos)
Uma história humana e realista
A VIDA COMEÇA AOS VINTE ANOS

PALACIO FOZ
Às 21.00H
Sessão do Cine-Clube Católico — informações pelo tel. 630039 — Largo da Boa Hora — Lisboa

SÃO LUIS
Não acons. men. 18 anos
CÂNTICO FINAL
O último filme de Manuel Guimarães c/Rui de Carvalho, Manuela Cardo, Varela Silva, Simone de Oliveira Fernando C. Ribeiro, Ana Zanatti e Maria Olguim

CALEIDOSCÓPIO
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Música divina!
LISZTOMANIA
Um filme de Ken Russell
4.ª Semana

EDEN
T. 320768 14.45, 18.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Um dos maiores filmes da história do cinema!
QUO VADIS
Com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn
3.ª Semana
Um filme de Melvin Le Roy

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Estreia de sensação sexual se todas as mulheres fossem como
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Tinha saído a «sorte grande» a todos os homens

APOLO 70
Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
Em 2.ª semana
Festival Apolo 70
Jerry Lewis é «O Herói do Regimento»
ÀS 24.00 Grupo D (18 anos)
QUE VELHACO MAIS IMPAGÁVEL

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
EU E ELE
com Lando Buzzanca e Bulle Ogier

S. JORGE
554153/4 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ABUTRES NA CIDADE
Dois polícias implacáveis contra o crime e a corrupção

RESTELO
T. 727778 21.00
Não acons. a menores 18 anos
CLUBE PRIVADO

AVIS
Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
5.ª Semana
BOBBY
Amanhã o mesmo programa

ESTÚDIO
T. 555134/ 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MEIA NOITE DE PRAZER
5.ª Semana

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. 18 anos
KAMASUTRA
Em 3.ª Semana

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
3.ª Semana
CONFIDÊNCIAS DE UM LAVADOR DE JANELAS
N. 1 do riso em Inglaterra

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LOUCURA SEXUAL
Com Sandra Julien - Yves Vicent
Amanhã o mesmo programa

UNIVERSAL
T.774402
Às 15.00 e 21.00
O FUNERAL DO PATRÃO
De Eduardo Geada
Às 17.00 e 23.00
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
Às 19.00 Sessão especial, entrada gratuita com o filme
GREVE - OCUPAÇÃO
de Karmitz

CONDES
T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Num corpo de fogo a explosão do amor sexual
EMMANUELLE NEGRA
Real. Albert Thomas

BERNA
T.776098 14.00, 16.30, 19 e 21.15
Para todos
Os grandes sarilhos de um polícia em Saint-Tropez
O GENDARME EM FÉRIAS
C/Luis de Funes

LONDRES
T. 801313 14 - 16.30 - 19 - 21.15H
Não acons. a menores de 18 anos
Não acons. menores 18 anos
A obra-prima de WALERIAN BORO
A HISTÓRIA DE UM PECADO

ROXY
Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE NEGRA
c/ Karin Schubert e Angelo Infanti

TIVOLI
T. 570595 15.00 e 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
2.ª Semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
MARAVILHAS DA NATUREZA
aos jovens de todas as idades uma obra de cultura

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Int. a menores de 18 anos
2.ª Semana
LOUCURA SEXUAL
um filme de Marx Pecas

NIMAS
Tel. 574313 14.16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
5.ª Semana
TUDO VAI BEM
Um filme de Jan Luc Godard
A história da crise de um casal c/Yves Montand e Jane Fonda um filme de Jean-Luc Godard

rádio

1.º Programa

15.00: Música na tarde; **18.00**: Cultura e actualidade, por Luís Pereira de Sousa; **18.45**: Campanha eleitoral; **19.45**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: 20.º episódio do folhetim «Pão Incerto», de Assis Esperança, numa adaptação de Judite Navarro — contraponto; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite.

2.º Programa

16.00: Sonatas de compositores italianos; **16.30**: Árias de óperas de Wagner; **17.00**: Música de Gliere; **17.35**: O cravista Ruggero Gerlin; **18.00**: Uma suite para orquestra; **18.30**: Pequenas obras de grandes compositores; **19.00**: A Sinfonia n.º 1, em ré maior, «O Titã», de Mahler; **20.00**: Os grandes intérpretes; **20.25**: Música de Henri Pousseur; **21.00**: O pianista Sviatoslav Richter; **21.15**: Uma cantata; **23.00**: Três preludios e fugas, do 1.º caderno, de «O Cravo Bem Temperado, de Bach; **23.14**: Conjuntos de câmara; **23.31**: Música sinfónica; **00.00**: Intercâmbio musical; **00.40**: Obras de Monteverdi; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional — variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Teatro, por Fernando Midões; **18.00**: Emissão regional — CONTACTO; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Ouando o telefone toca; **23.05**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00**: Trechos seleccionados; **18.15**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; c21.05: Espaço musical; **21.30**: O SOM DA NOITE; **22.00**: Ouando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Textos e pretextos; **02.00**: Encerramento da estação.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A.B.C.
21.30 (18 anos)
«A Vida é Boa»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Vota vota, camarada Zé»
TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Equus-(amargura para um Cavalo»

LISBOA/Cinemas

CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
EUROPA
21.00 (13 anos)
«O Leão e o Vento»
SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«Aquela Loira»
S. LUIZ
21.15 (18 anos)
«Cântico Final»
PARIS
21.15 (13 anos)
«O Protesto»
JARDIM
21.30 (18 anos)
«O Maneta de Ferro»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A Minha Mulher é um Violonsexo»
LUMIAR
21.15 (13 anos)
«Apocalipse Joe»
ARCO ÍRIS
21.15 (18 anos)
«Tratamento de Choque»
PALÁCIO FOZ
21.30 (18 anos)
«La Guerre est Finie»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Mr. Majestyk»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«A Torre do Inferno»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Eu e Ele»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«A Insatisfeita»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«O Conde de Paris»
ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Com Jeito Vai... Na Fartura»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Mulher de Azul».

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
22.00 (13 anos)
«As Artimanhas de Scapino»
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Godspell»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (Planeta Selvagem»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Senhora sabe da Poda»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Rebelde Apaixonada»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»
S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Salon Kitty — o Bordel dos Nazis»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os mortos não fazem sombra»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Confidências de um lavador de Janelas»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Vento»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Prostituto»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Sexo a Jacto»
BATALHA-BÉBÉ
22.00 (13 anos)
«Benilde ou a Virgem Mãe»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Senhora sabe da Poda»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Rival»
S.TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

MÁRIO SOARES NO REGRESSO

"Novas tentativas de divisão do P.S."

. Ao regressar ontem a Lisboa, vindo do Egipto, o dr. Mário Soares confirmou que os órgãos do seu partido têm estado a estudar a estrutura orgânica do futuro Governo, bem como as linhas de orientação a que se submeterá, «no caso» — observou — «de sermos chamados para o formar».

O secretário-geral do Partido Socialista deslocara-se a Roma e ao Cairo. Na capital italiana o dr. Mário Soares tomou parte em dois comícios de apoio ao Partido Socialista daquele país e, no Cairo conferenciou com o vice-presidente da República, com o presidente e o vice-presidente da Assembleia Nacional, com o primeiro-ministro, com o ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros e com o ministro do Comércio Exterior. Particularizou que não se encontrou com Anwar Sadat, apenas por que a sua permanência no Cairo, coincidiu com uma visita oficial do presidente egípcio ao Irão.

Comentando o recrudescimento da agressividade verbal que tem caracterizado a campanha eleitoral para a Presidência da República, o dr. Mário Soares começou por notar:

. «Tenho verificado com espanto que apesar dos propósitos anunciados à partida por alguns dos candidatos, alguns, pelo menos, não têm respeitado aquilo a que se comprometeram, ou seja, a fazer uma campanha calma, com os olhos postos no interesse nacional; e, em vez disso, se têm deixado arrastar por paixões, algumas de promoção pessoal, outras criando um fluxo de revivescência daquilo a que nós chamamos anarco-populismo.»

. E acrescentou:

. «Tenho verificado também que se estão a fazer novas tentativas de divisão do Partido Socialista, desta feita apresentando pessoas que não sei se pertencem ao P. S., a falar em defesa de outros candidatos. Como se o P. S., as bases do P. S., estivessem hesitantes no apoio, que é maciço da nossa parte, em relação ao general Ramalho Eanes.»

. Ainda neste domínio e a propósito de um comunicado que se atribui à Juventude Socialista do Funchal, de dessolidarização com o apoio do P. S. ao general Eanes, Mário Soares começaria por dizer que não conhecia ainda o teor do documento, mas que havia experiências anteriores de comunicados da mesma natureza, que mais tarde se verificaria não serem autênticos. Entretanto, um membro do Secretariado Nacional, que aguardava Mário Soares no aeroporto, negaria categoricamente que o comunicado em causa fosse verdadeiro.

Ao comentar o resultado das eleições gerais italianas, o dr. Mário Soares começou por dizer que os números apurados traduzem mais ou menos aquilo que esperava. «Eu naturalmente» — salientou — «que tenho um certo pendor optimista e esperava que os socialistas tivessem um pouco mais do que aquilo que tiveram, mas não muito mais. Os resultados confirmaram mais ou menos a situação difícil em que se encontra a Itália e as divisões que existem no campo da política italiana.»

AGÊNCIAS DE VIAGENS ALARMADAS

Máximo de sete contos é "medida leviana"

Classificando a medida que restringe a sete mil escudos o total de divisas estrangeiras a serem adquiridas anualmente por cada cidadão que queira sair do País como «leviana» e como «causa directa que determinará a curto prazo a extinção de toda uma classe», José da Silva, secretário-geral da Associação das Agências de Viagem, disse esta manhã que «a única solução para evitar a bancarrota das agências será a revogação da lei ou a sua imediata reformulação em bases que sejam consideradas mais justas».

Ao contrário do que chegou a circular não houve qualquer mudança na atitude oficial a respeito da restrição de divisas agora imposta. Entretanto, a Associação das Agências de Viagens já enviou telegramas de protesto ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, Conselho da Revolução, ao mesmo tempo em que expediu um ofício dirigido ao Ministério das Finanças solicitando a recuperação da Portaria. Os protestos das agências não ficarão apenas pelas mensagens escritas. Para amanhã já está marcada uma audiência com o ministro do Comércio Externo e Turismo, Jorge Campinos, e já foram feitos pedidos para idênticos encontros com o Primeiro-Ministro e com o Conselho da Revolução.

O secretário-geral da Associação das Agências de Viagem diz que «nos últimos dias os telefonemas, vindos de todas as partes do País, acumulam-se e dão conta dos temores gerados pela determinação governamental». Diz José da Silva: «Os telefonemas recebidos durante a segunda e a terça-feira foram verdadeiramente dramáticos. A execução pura e simples desta regra significa a extinção e é uma questão de vida ou morte».

Actualmente estão em Portugal aproximadamente 200 agências de viagem, que empregam cerca de 3000 pessoas. A reconversão das actividades para a colocação em prática de um programa de turismo interno é colocada fora de questão, uma vez que nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro, as lotações dos hotéis portugueses estão esgotadas pelas reservas feitas com antecedência a favor de turistas estrangeiros que cá vêm passar as suas férias, trazendo divisas para o País e, fora desses meses, os portugueses devem voltar às suas ocupações normais, não sobrando tempo para passeios ou viagens do tipo «há sempre um Portugal desconhecido».

MADEIRA PROTESTA

Os agentes de viagem da ilha da Madeira também não ficaram satisfeitos com a nova determinação e enviaram aos membros do Governo um telegrama onde protestam contra o estabelecimento do limite de 7000 escudos, considerando que o sector, em crise, dificilmente poderá suportar esta nova situação. O telegrama chama a atenção para o fluxo turístico verificado entre a Madeira, os Estados Unidos e o Canadá, onde estão radicados muitos portugueses, e pede que sejam mantidos os máximos de 20 000 escudos, anteriormente estabelecidos.

Pinheiro de Azevedo internado

Continuação da pág. 1

mais votos mostrando-se contra o 25 de Abril, mostrando-se ao lado dos que dizem estar fartos do 25 de Abril».

Esclareceu depois que, em relação ao 25 de Novembro, Eanes participou directamente e foi «revolucionário do 25 de Nomvebro».

O «11 de Março» foi também objecto de perguntas, tendo Pinheiro de Azevedo afirmado que até agora o que veio a público «tem sido tudo subjectivo e estamos todos na mesma». E acrescentou: «Houve forças à volta de pessoas mas nada está explicitado ainda». A propósito destes acontecimentos referiu que foi o major Otelo quem, na reunião do Conselho da Revolução, defendeu Eanes que outros conselhieros, nomeadamente Varela Gomes e Durand Clemente, acusavam de não estar no seu posto» (RTP) durante «uma emergência gravíssima» em que a Televisão esteve envolvida e em que foram bombardeados quartéis.

Afirmou aida ser falso que utilize a máquina do Estado, como o acusou Vasco Lourenço A propósito acresnceotou: «Ele é que utiliza o seu lugar para fazer afirmações e até insultar o poder judicial, eu, como Primeiro-Ministro, nem sequer utilizo as câmaras municipais. Aliás estas estão cheias de medo e os governadores civis também estão cheios de medo. Por isso ou año utilizo nada disso e é falsa tal afirmação. Quanto a Vasco Lourenço, vou po-lo em Tribunal».

O homem linchado na Ajuda

A P.S.P. interrogou um moribundo

. O homem linchado por populares, junto ao cemitério da Ajuda, não foi transportado dali para o hospital, mas para a 28.ª Esquadra (Alcântara) onde foi interrogado sobre o furto de que era acusado.

Segundo conseguimos apurar esta manhã, o Artur Inocêncio teria sido metido na viatura policial por volta das 11.30 (depois de ter sido barbaramente espancado) e só um quarto de hora depois o carro da P. S. P. conseguiu abrir caminho por entre a populaça. Pensou-se na altura, que a Polícia o transportaria imediatamente ao hospital, atendendo à gravidade dos ferimentos: o Inocêncio tinha sido atingido no rosto, na cabeça, no estômago, por toda a parte do corpo. Isso não aconteceu. A viatura da Polícia tomou o caminho da esquadra (chefe António José Ruço) e ali o Inocêncio, a poucas horas de expirar, foi obrigado a responder ao interrogatório da praxe.

Informações que nos merecem todo o crédito, obtidas junto do Hospital de S. José, referem que o homem só ali deu entrada às 13.30. Morreu às 15.40.

Recorda-se, aliás, que já ontem, no programa televisivo «Confronto», o comandante da P. S. P, major Aparício, admitiu que estivera a falar com o Inocêncio (de pé) na esquadra, antes do sexagenário seguir para o hospital.

Aqui apresentamos o nosso protesto contra a burocracia policial, que, pelo menos, neste caso, não atendeu ao estado crítico da vítima.

Acordo contra a inflação

PARIS, 23 — (R) — As principais nações industrializadas do ocidente concordaram em cooperar no combate à inflacção mantendo a expansão económica a cerca de cinco por cento ao ano nos próximos cinco anos.

A decisãos dos ministros das Finanças da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) de 24 países, deu-se na sequência de firmes advertências de alguns ministros segundo os quais a alta inflação ameaça minar a sociedade ocidental.

Não haverá debate na Televisão

O enfarte de miocárdio sofrido pelo almirante Pinheiro de Azevedo no Porto fez anular o debate previsto para esta tarde na TV com os quatros candidatos à Presidência.

A o princípio da tarde um elemento do Telejornal, se bem que ainda sem notícias concretas sobre a gravidade do Estado do Primeiro-Ministro, admitira já a inviabilidade do debate. A decisão foi tomada após conhecimento do boletim clínico.

Cartas

AINDA CYMBRON

Ainda sobre «O Abominável Crime do 25 de Abril», de um sr. Joaquim Maria Cymbron, a que fizemos aqui referência em tempo, um nosso leitor devidamente identificado) dá-nos a conhecer alguns factos da vida e obra do autor daquele folheto. Reproduzimos:

«Micaelense(PontaDelgada). Filho de uma das famílias importantes da ilha (indústria de pesca e derivados). Com a mania das grandezas imperiais de Portugal, portanto, monárquico, portanto miguelista, portanto totalitário, portanto nazifascista.

Conflituoso, normalmente portador de armas de fogo, exibicionista. Possuidor de uma certa cultura académica mas que aprofundou apenas no sentido de alimentar os seus ódios e ressentimentos.

Foi oficial dos fuzileiros (RN) e prestou serviço na Guiné, onde o seu ídolo era Alpoim Calvão. Transferido para Angola por ter sido punido quando arranjou conflitos com outro oficial. Passado à disponibilidade e regressado a Portugal por motivos idênticos. Respondeu em tribunal também por isso.

Ofereceu-se pessoalmente a Kaúlza de Arriaga para ir para Moçambique, para a OPVDC ou para as tropas especiais. Foi aceite, embora os responsáveis tivessem sido alertados sobre a qualidade do indivíduo em causa. Deve ter sido apanhado pelo 25 de Abril em Moçambique. Seria curioso saber o que ali fez, antes e depois. É quase certo que seja aderente ao MDLP/ELP, dadas as suas características.»

MERCENÁRIOS EM TRIBUNAL

Sentença esta semana

. O matutino «Jornal de Angola» (governamental) declara hoje que, para lá dos treze mercenários, quem deve ser condenado pelo Tribunal Revolucionário Popular são «o imperialismo e o capitalismo».

«Não são estes treze homens» — escreve o periódico — «os inimigos principais do povo angolano. Todos sabemos que estes produtos da sociedade de consumo decadente não passam de servidores, entre tantos outros, do nosso inimigo principal, o imperialismo e o capitalismo».

O «Jornal de Angola» apresenta um violento requisitório contra «os Kissinger, Ford, Harold Wilson, Holden Roberto, Mobutu, Savimbi, etc. São eles que estavam no banco dos réus, são eles quem julgamos e quem condenamos».

O julgamento dos treze homens, entre os quais o «coronel Tony Callan», iniciado em 11 de Junho na capital angolana, terminou no dia 19.

Espera-se que a sentença do Tribunal Revolucionário Popular seja conhecida ainda esta semana. Como se sabe, foi pedida a pena de morte para os treze réus.

«NEW YORK TIMES» VERBERA VETO DOS E U A

«Os Estados Unidos deveriam mostrar a sua boa vontade em relação à África acabando com as ameaças de veto à candidatura de Angola às Nações Unidas» — is o que se lê no «New York Times» num longo editorial.

O jornal sublinha que embora oficialmente a oposição americana se baseie no facto de as tropas cubanas ainda não terem deixado totalmente o território da antiga colónia portuguesa, os diplomatas nas Nações Unidas (o que seria sitações de Washington ao cuidado manifestado por Ford destinado a impedir as críticas do seu rival republicano, Ronald Reagan.

O editorial conclui que se a Administração Ford não quiser criar um confronto com a maioria africana a propósito da entrada de Angola para as Nações Unidas (o que serua até contrário ao espírito da nova política de Henry Kissinger) deverá deixar que a candidatura de Angola siga os seus trâmites legais.

Kissinger--Vorster

Continuação da pág. 1

denmais vindo de Paris, cerca do meio-dia, tentaria persuadir o dirigente sul-africano a exercer pressão sobre o primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, para que aceite a exigência britânica para um período de transição de dois anos para um regime de maioria negra na sua antiga colónia.

O informador de Vorster declarou ontem Bonn, contudo, que a África do Sul jamais aceitaria impor sanções económicas contra a Rodésia como parte de um acordo elaborado aqui, e que o Governo de Pretória sentia que a Rodésia devia solucionar os seus próprios problemas sem interferêncis externas.

O Governo norte-americano está também interessado em levar a África do Sul a anunciar um prazo fixo para a rápida independência da Namíbia (Sudoeste Africano), a antiga colónia alemã que a África do Sul administra desafiando resoluções das Nações Unidas.